



ESCOLA NAVAL

talant de biefaire



Rui André de Macedo Fernandes

Wenceslau de Moraes

O contexto histórico e reflexões sobre a vida, a obra e o
orientalismo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Militares Navais, na especialidade de Marinha



Alfeite
2020



ESCOLA NAVAL

talant de bi-faire



Rui André de Macedo Fernandes

Wenceslau de Moraes

O contexto histórico e reflexões sobre a vida, a obra e o
orientalismo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Militares Navais, na especialidade de Marinha

Orientação de: António Costa Canas

Co-orientação de: Alexandre Manuel Ribeiro Cartaxo

O Aluno Mestrando,

O Orientador,

Rui Fernandes

António Costa Canas

Alfeite
2020

“A sabedoria não reside na fixação nem na mudança, mas na dialética entre os dois. Um constante ir e vir: a sabedoria reside no momentâneo.”

Octavio Paz, *O macaco gramático*

A conclusão deste estudo, e eventualmente, qualquer tipo de sucesso que venha a ter, representa o resultado de um apoio constante dos meus mais próximos. Dedico este trabalho à minha família, à minha Maria e ao meu camarada Fonseca.

Agradecimentos

Defendo a ideia de que os militares portugueses têm um papel preponderante na preservação e estudo da História de Portugal. Nesse aspeto, tive o privilégio de conviver e trabalhar com um dos militares que incansavelmente contribui para esse papel e brilhantemente orienta os militares mais jovens nesse sentido. Deixo o meu sincero agradecimento ao meu orientador, capitão-de-mar-e-guerra António Costa Canas. Do mesmo modo, agradeço ao capitão-de-mar-e-guerra Alexandre Manuel Ribeiro Cartaxo pelo precioso auxílio que prestou na qualidade de co-orientador.

Resumo

Wenceslau José de Sousa Moraes nasceu a 30 de maio de 1854 e faleceu a 1 de julho de 1929. Marinheiro, escritor, diplomata e orientalista são algumas das facetas que poderemos associar à personalidade em questão, mas tal não basta. Falamos de um viajante português, que pela sua condição de marinheiro, rumou ao exótico desenvolvendo uma paixão que se refletia numa vasta obra publicada. Esta paixão pelo exótico encontrou o seu apogeu no Japão, local que elegeu como seu último. Estudar a vida e a obra de Moraes obriga, numa primeira abordagem, a contextualizar historicamente o período onde se insere com o objetivo de compreender de que forma é que o ambiente político ou económico influenciou a vida de um jovem que decide enveredar por uma carreira militar na Marinha de Guerra Portuguesa. Posteriormente, ao fazer o retrato biográfico, impõe-se lançar um olhar à obra que se revela como um guia imprescindível para perceber a vida do escritor. O seu percurso profissional é marcado por uma intensa atividade no mar, caracterizado por inúmeras façanhas que mereceram um rasto de louvores e apreço pelos seus superiores. Apesar de ainda ser recordado como um marinheiro exímio, o maior legado de Moraes será possivelmente a sua obra escrita. A obra de Wenceslau, que inicialmente se aponta como um meio para melhor compreender a sua vida, será posteriormente analisada por formar a traçar características gerais de um ponto de vista literário. O que nos leva a refletir num fenómeno que se apresenta como uma das problemáticas principais deste estudo, o “orientalismo”. Esta reflexão será alicerçada sobre a linha de pensamento do autor Edward W. Said, o responsável pela definição e o apontamento deste fenómeno como um instrumento para o imperialismo e colonialismo.

Palavras-chave: Wenceslau Moraes, Japão, Orientalismo, Marinha, Edward W. Said

Abstract

Wenceslau José de Sousa Moraes was born on May 30, 1854 and died on July 1, 1929. Sailor, writer, diplomat and orientalist are some of the aspects that we can associate with the character in question, but this is not enough. We speak of a Portuguese traveler, who, due to his condition as a sailor, went to the exotic, developing a passion that was reflected in a vast published work. This passion for the exotic found its zenith in Japan, which he chose as his last. Studying the life and work of Moraes requires, in a first approach, to historically contextualize the period in which it is inserted in order to understand how the political or economic environment influenced the life of a young man who decides to embark on a military career in the Portuguese Navy. Later, when making the biographical portrait, it is necessary to take a look at the work that reveals itself as an essential guide to understand the life of the writer. His career path is marked by an intense activity at sea, characterized by countless exploits that deserved a trail of praise and appreciation by his superiors. Although he is still remembered as an accomplished sailor, Moraes' greatest legacy will possibly be his written work. Wenceslau's written work, which initially points out as a means to better understand his life, will later be analyzed in order to study general features from a literary point of view. Which leads us to reflect on a phenomenon that presents itself as one of the main problems of this study, the «Orientalism». This reflection will be based on the line of thought of the author Edward W. Said, the one responsible for defining and pointing out this phenomenon as an instrument for imperialism and colonialism.

Keywords: Wenceslau Moraes, Japan, Orientalism, Navy, Edward W. Said

Índice

Introdução	1
1 Portugal e a Armada na segunda metade do século XIX, o contexto histórico de Moraes	5
1.1 O cenário português	5
1.2 A Armada do início do século XIX até aos tempos de Moraes . . .	9
2 A vida e obra	15
2.1 A vida	16
2.2 Traços gerais da obra de Moraes	33
3 O confronto de Moraes com o “Orientalismo” de Edward W. Said	39
3.1 O “Orientalismo” de Said, o levantamento da questão	40
3.2 Moraes vs Said	45
Conclusão	49
Fontes e Bibliografia	55
Anexos	57
I “CRONOLOGIA”	57

Lista de Figuras

2.1	Jornal redigido por Moraes aos 11 anos de idade.	16
2.2	Moraes fardado possivelmente ainda em formação.	18
2.3	Wenceslau de Moraes em traje islâmico.	20
2.4	Moraes com o seu fiel companheiro Kowloon	24
2.5	Moraes aquando a nomeação de Cônsul de Portugal em Kobe e Osaca.	28
2.6	Moraes de quimono em Tokushima	31
2.7	Morte de Moraes a 1 de julho de 1929	32

Lista de Tabelas

1.1	Navios adquiridos (1858-1865)	13
-----	---	----

Introdução

“Em primeiro lugar, para que serve a história; para que serve lançar vistas de alma ao passado, que fatalmente se foi para sempre? Dizem que para ensinamento dos povos. Pôde ser; desejava que me indicassem o que têm os povos aprendido n’ella, os pobres povos; e se a sua condição de miséria, outr’ora entretecendo de festões de flores o caminho de um déspota romano, hoje regando as couves de um illustre patriarcha qualquer do constitucionalismo em que vivemos, differe sensivelmente.” (Moraes, 1897, pp. 21-22)

O presente estudo biográfico de Wenceslau José de Sousa Moraes¹ terá por objetivo uma reflexão sobre a vida e obra de uma figura histórica de grande relevo cujas peculiaridades configuram o estereótipo do “viajante exótico”, classificação presente no prefácio de Moraes (2015, p. 10), proferida pela professora Ana Paula Laborinho. Esta classificação revela-nos um indivíduo que dedica grande parte da sua vida ao encontro e permanência nesse “mundo”, ao qual chamamos exótico e como irá ser demonstrado ao longo deste estudo, objeto de um grande fascínio. No entanto, esta classificação revela-se singela quando vislumbramos todo um percurso de vida de um homem cujas contribuições nos campos da literatura, cultura, diplomacia e até mesmo na vertente militar, se demonstram exímias e dignas de registo.

A questão fundamental da investigação insere-se na temática do orientalismo, um conceito que, apesar da contradição, é puramente ocidental. Apesar do conceito de “orientalismo” ser por vezes vago e generalista, o autor Edward W. Said dedica a a sua obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* ao estudo desse fenómeno, onde a título introdutório, o define da seguinte maneira:

“O Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente”. Assim, um grande número de escritores, entre os quais poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, tem aceitado a distinção básica entre o Leste e o Oeste como ponto de partida para teorias elaboradas, epopeias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, “mentalidade”, destino e assim por diante.” (Said, 1990, p. 12)

De facto, quando falamos de fascínio pelo Oriente, o nome de Wenceslau surge, por vários motivos — os quais se pretendem estudar — nos textos de inúmeros autores, entre os quais destaco Rodrigues Pereira, Ana Paula Laborinho, Daniel

¹Ao longo do texto os nomes “Wenceslau”, “Moraes” e “Wenceslau de Moraes” serão utilizados indiferenciadamente para representar a figura em estudo.

Pires e Everton Machado. O que me leva a explicitar uma das vias de investigação: o cruzamento de várias perspetivas biográficas de autores provenientes de vários contextos, nomeadamente o militar, o histórico, o literário e o pessoal², onde através de uma análise crítica seja possível criar eventuais ligações que nos levam a melhor responder a quem foi Wenceslau de Moraes e porquê. Ora para responder a estas perguntas teremos que, do mesmo modo, contextualizar o estudo com a época vivida nos meados do século XIX em Portugal e paralelamente na Marinha de Guerra Portuguesa. O ambiente político, social e económico adivinha-se, desde já, como um agente “catalisador” da vida e da obra de Moraes.

Desta contextualização histórica levanta-se uma das problemáticas centrais desta investigação: de que forma é que os acontecimentos relatados influenciaram a atividade profissional e pessoal de Wenceslau. Falamos de um exercício reflexivo que visa ir mais além do simples relato do que foi a vida de um aficionado pela cultura Oriental, procurando os motivos e as razões dos acontecimentos fundamentais da vida de Wenceslau.

O fascínio de Wenceslau de Moraes reflete-se, indubitavelmente, na sua obra. No entanto, a escrita de Moraes, revela-nos muito mais para além do objecto que retrata (a paisagem do “Oriente”), uma vez que se encontra repleta de reflexões e pensamentos que acabam por também “retratar” a “paisagem” do estado do espírito do autor. Dado este facto, a obra de Moraes torna-se num guia imprescindível para o estudo e compreensão da vida do mesmo. Isto indicará que o “apontamento” da “biografia” será, em parte, o produto da análise e interpretação da escrita do próprio. Deste modo, quando abordada a “Vida” de Moraes, o estudo propõe-se a complementar esse “retrato” com passagens da obra.

De facto, a obra de Moraes, é bastante elucidativa do percurso e da experiência do escritor. No entanto, não se pode descartar uma das principais consequências da sua produção literária: o retrato do “Oriente”. Posto isto, impõe-se que seja lançado um olhar à “Obra”. O objetivo deste exercício, em particular, será delinear traços gerais caracterizando-a num âmbito literário e artístico, do mesmo modo, desenvolvendo quais foram as principais temáticas às quais o autor se debruçou.

A análise das abordagens interpretativas de Moraes face ao “Oriente” irão conduzir o estudo, inevitavelmente, à problemática, já referida, do “Orientalismo”. Introduz-se, portanto, o capítulo 3, onde esse fenómeno irá ser desenvolvido conceptualmente segundo a linha de pensamento do autor Edward W. Said. O mesmo define o “Orientalismo” e indica os consequentes efeitos que poderão surgir desse movimento artístico ou intelectual. O retrato do Oriente levado a cabo por um agente alheio a essa cultura — que numa primeira leitura se apresenta sob a forma de arte —, acarreta responsabilidades fortemente relacionadas com questões morais e éticas. Este capítulo contemplará, objetivamente, as problemáticas levantadas por Said, consequentes desse fenómeno.

²Entenda-se por contexto pessoal relatos da vida privada de Wenceslau de Moraes efetuados pelo próprio ou por pessoas próximas como familiares ou amigos.

O aprofundamento do conceito do “Orientalismo” de Said servirá posteriormente (no mesmo capítulo) como guia para a reflexão do “Orientalismo” de Moraes. Propõe-se que este exercício reflexivo seja conduzido de acordo com a metodologia alicerçante do raciocínio de Said. Será o objetivo final, o “confronto” das abordagens de Moraes face ao “Oriente” — na sua obra publicada — com as linhas conceptuais de Said. Para que tal seja feito com sucesso, prevê-se a inventariação das motivações, do pressupostos e dos objetivos que Moraes adotou quando aborda o Oriente.

Por último, na Conclusão, proponho-me a apresentar os resultados do meu estudo com as respectivas reflexões onde prevejo o apontamento de eventuais dificuldades sentidas. Ficará, do mesmo modo, a sugestão de futuros estudos que, de certa maneira, prosseguirão o aprofundamento e compreensão do “Universo Moraes”.

Expresso o meu “talant”³ de manter vivo na memória coletiva, um escritor ou um marinheiro que, entre muitas outras facetas, se demonstra merecedor do reconhecimento por parte das novas gerações e daí as vindouras.

³Refiro-me à minha “vontade”, como na célebre divisa da Escola Naval: “Talant de bien faire”: “vontade de bem fazer”.

Capítulo 1

Portugal e a Armada na segunda metade do século XIX, o contexto histórico de Moraes

A atual investigação propõe-se a apresentar Wenceslau de Moraes, numa primeira abordagem, num contexto histórico. O enquadramento histórico deste estudo tem como objetivo a obtenção da contextualização política, social e económica que permita elucidar, de certa maneira, um ponto de partida que conduzirá, posteriormente, o olhar à vida de Moraes e compreender de que forma o seu redor influenciou o seu percurso de vida e profissional.

Nessa medida não será o objetivo deste capítulo fazer uma investigação demasiadamente aprofundada da história Portuguesa, mas, certamente traçar o decurso de certos eventos que conduziram à realidade nacional — tanto de uma perspectiva social e política, como de uma perspectiva naval — onde Wenceslau de Moraes se insere.

1.1 O cenário português

Olhando ao passado histórico de Portugal nos meados do século XIX, na qual Moraes nasce (em 1854), é notório que a nação se encontrava fragilizada ao nível do desenvolvimento tecnológico, económico e até mesmo no político e social.

A Europa da época, por outro lado, atravessava um momento de prosperidade fruto do contágio das grandes evoluções tecnológicas que tiveram início na Grã-Bretanha no século XVIII, principiando pela “Primeira Revolução Industrial”. Estes avanços tecnológicos alteraram significativamente os paradigmas económicos: “A Grã-Bretanha foi o país industrial pioneiro, o teatro clássico da transformação de uma economia agrária tradicional numa sociedade urbana baseada na tecnologia da máquina.”⁴(Kemp, 2014, p.1) Momento qual, Portugal não acompanhou.

Este “atraso” em relação à tendência europeia nos meados do século XIX remete-nos ainda a um passado mais longínquo que surge como consequência das sucessivas “invasões napoleónicas iniciadas a 1807” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009,

⁴Tradução minha, do inglês.

p. 441). Como resultado imediato, e por força do imperador francês Napoleão Bonaparte, a monarquia portuguesa, viu-se obrigada a optar por uma facção no conflito anglo-francês. Quebrando assim, a “[...] neutralidade, que lhe valeu (a Portugal) uma enorme prosperidade comercial.”(Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 440), até então. Na tentativa de salvaguardar a monarquia portuguesa, a corte rumou ao precioso Brasil e recorreu ao auxílio Inglês para defender o território continental Português. A deslocação da coroa Portuguesa, desencadeou uma série de eventos que se refletiram numa grave instabilidade política e na perda de poderio económico: “No início do século XIX, as guerras napoleónicas levaram a sede da metrópole portuguesa para terras brasileiras. Mais tarde, em 1822, com a independência do Brasil, Portugal perdeu uma importante parcela de sua economia.”(Antunes, 2015, pp. 113-114)

A realocização da corte no Brasil aquando as invasões napoleónicas, num momento em que Portugal tanto carecia de liderança, por si só deu origem a um período de forte instabilidade política. Por outro lado, mais tarde, a morte do rei D. João VI a 1826, agravou esse clima político. O cenário era o seguinte: o rei defunto seria sucedido pelo herdeiro D. Pedro, este último, encontrando-se no Brasil (no qual liderou o processo de independência do mesmo), “[...] sabia que a reunificação era impossível.”(Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 478) O plano de D. Pedro teria em vista a abdicação do trono em favor da sua filha D. Maria da Glória, com a condição de que “[...] casaria com o seu tio D. Miguel, o qual seria regente de Portugal, logo que jurasse a Constituição[...].” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 478) As intenções do príncipe D. Miguel eram outras – pretendia estabelecer uma monarquia absolutista. Tal confronto político e ideológico entre irmãos levou o rei D. Pedro a abdicar do trono brasileiro e a deslocar-se a Portugal para apoiar a sua filha (D. Maria da Glória). Este confronto violento resultou no desenrolar da Guerra Civil (1828-1834) entre miguelistas e liberais, uma guerra que viu o seu fim na concessão de Évora Monte onde “[...] D. Miguel aceita sair de Portugal.” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 489)

Não foi o fim da dita Guerra Civil, que trouxera a tão desejável paz e prosperidade, muito pelo contrário, os 20 anos seguintes são caracterizados por vários golpes de estado devido aos confrontos das “[...]várias tendências liberais [...]. [...] e a situação desastrosa das finanças públicas[...].”(Pereira, 2004, p.12) De facto, a constituição de governo na época era um verdadeiro desafio — além de existirem conflitos internos entre os liberais, a derrota de D. Miguel não evitou que continuassem a existir absolutistas.

À parte a grave instabilidade política, na época já se adivinhava uma possível solução para a substituição da riqueza que outrora viria do Brasil, os “novos-Brasis” que em conjunto formariam um “grande-Brasil”:

“[...] Para novos processos de exploração e de atendimento do interesse económico, novas políticas foram lançadas em face de Angola, Moçambique, outros pequenos territórios na África (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau), os territórios coloniais na Índia (Goa,

Damão e Diu, [...]), e os longínquos territórios de Macau e Timor.” (Antunes, 2015, p. 114)

Parte da solução para esta crise económica, passaria por uma clara utilização da Marinha como meio de ligação às colónias portuguesas espalhadas pelo continente africano e asiático, bem como o traçar de novas rotas comerciais. Tal constatação levaria futuramente a um esforço político na tentativa de implementação de reformas quer ao nível estratégico quer ao nível tecnológico na Armada.⁵ No entanto, como irá ser abordado posteriormente, havia necessidade gerir pressões exteriores das grandes potências europeias da época, especialmente da Inglaterra.

Todavia, o ambiente político de certa maneira dificultava uma liderança consolidada do país, seria o maior impasse ao desenvolvimento económico. Os conflitos internos perdurariam, observando-se que “entre 1834 e 1851 houve pelo menos cinco golpes de Estado com sucesso e duas guerras civis (1837 e 1846-1847).” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 491) Estes conflitos teriam por base uma discrepância ideológica: por um lado existiam os “radicais” — defensores da Constituição de 1822, preferindo uma “monarquia constitucional”, na prática uma república onde o rei não seria “mais do que uma chancela”; e a facção dos “conservadores” — que defendiam a “Carta Constitucional de 1826” visando a “restauração da monarquia medieval” onde o governo se centralizava no rei. (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 492) No entanto, a problemática desta instabilidade política não residia apenas neste confronto bipartido, a falta de consolidação estrutural e partidária refletiu-se no encabeçamento de “correntes de opinião” dando origem a uma crescente dispersão política que provocou ainda mais contestação e divisão dentro das duas ideologias. A agravar este facto, estas “correntes” astuciosamente procuravam o apoio das chefias militares com fim a subida ao poder por vias da força, tendo por resultado o já referido número de golpes de estado e guerras civis. Entretanto, a acompanhar a esta dificuldade em constituir um governo consolidado, o país surge subdesenvolvido com uma necessidade emergente de melhorias infraestruturais que possibilitassem a recuperação do país no que toca ao crescimento económico e ao desenvolvimento social.

Em 1851, um golpe militar encabeçado pelo duque de Saldanha poria fim à contestação do seu opositor Costa Cabral, este evento de certa maneira, trouxera uma “neutralização” essencial dos extremos ideológicos e da “anulação política” das forças militares. Deste modo assiste-se, na segunda metade do século XIX, através do triunfo de Saldanha sobre Cabral e da consciencialização do estado do país, ao surgimento dos primeiros movimentos políticos renovados nos métodos e nas ideologias.

“Num decreto de 30 de Agosto de 1852, Fontes⁶descreveu Portugal como “um país de povoações que se não comunicam, de habitantes que não convivem, de produtos que não circulam, de manufaturas que se

⁵Este mesmo assunto será aprofundado no próximo subcapítulo.

⁶António Maria de Fontes Pereira Melo nasceu em 1819, oficial da Armada Real com formação em engenharia, iniciou a sua carreira política aos 32 anos, entre 1851 e 1887 foi ministro e chefe de governo várias vezes (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 521).

não transportam, e até riquezas e de maravilhas que se não conhecem”.”(Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 521)

Foi através desta consciencialização do estado do país que o jovem engenheiro Fontes Pereira Melo incendiou o desejo de transformação de Portugal por parte de muitos políticos: “A 2 de Abril de 1856, explicou na Câmara dos Deputados que “um homem que for de Lisboa viajar por essa Europa vem com grande sentimento da nossa inferioridade”.”(Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 522) O seu plano propunha um modelo económico “desenvolvimentista” — o “Fontismo” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009, p. 521) — que traria “melhoramentos materiais” ao país. O grande sonho de Fontes seria um caminho-de-ferro que quebrasse o isolamento do povo português e estimulasse a economia. Claro será que a concretização deste projeto traria uma série de desafios. O principal desafio de Fontes terá sido o consenso político. Deste modo, seria necessária a criação de uma plataforma política com a qual fosse possível unir, na Câmara dos Deputados, as várias tendências progressistas de um modo apartidário em prol de uma realização material para o melhoramento da nação, tal método foi designado por Regeneração:

“O desígnio fundador do período pós-51 foi o de reconciliar e regenerar. Por sublimação dos traumas e divisões do passado, só a reunião e reconciliação do país político garantiria o desejável apaziguamento da conflitualidade e a implantação de uma tolerância recíproca que permitisse o reagrupamento, por aproximação, das várias personalidades e parcialidades em cena, com o conseqüente triunfo da estabilidade e da ordem, sem as quais nenhum progresso efetivo ou realização material seriam possíveis. A reconciliação significava que o liberalismo, que até aí fora bandeira de divisão, teria de passar a ser bandeira de «união», de «fusão», de «amalgamação», de «pastel». A frequência com que estas palavras aparecem nas fontes da época, desde o Diário da Câmara dos Deputados até à imprensa periódica, do memorialismo à panfletagem política, permite torná-las como representações mentais estruturadoras do imaginário político regenerador. Por sobre o eventual conflito quotidiano em torno dos meios para o progresso, a Regeneração era fundamentalmente um consenso de intenções, colocado numa ordem superior, nacional e, por isso, desejavelmente suprapartidária ou apartidária.”(Sardica, 1997, pp. 286-287)

É importante ressaltar que não terá sido Fontes o primeiro político com impulsos desenvolvimentistas, já era uma linha de pensamento presente nas políticas de Costa Cabral, no entanto, o engenheiro, é responsável pela criação das condições politico-economicas oportunas para implantação das suas ideologias, especialmente através do apaziguamento dos conflitos entre as facções partidárias.

O movimento “regenerador” foi marcado por uma grande ânsia de promover a estabilidade política e devolver a Portugal antigos “esplendores”. Certamente não seria uma tarefa fácil, Portugal em vários âmbitos teria perdido a “carruagem” europeia do desenvolvimento; e quando lentamente, a custo de esforços financeiros, foi “abrindo” as portas do progresso na tentativa de acompanhar o resto da Europa,

encontrou, fatalmente, uma concorrência feroz. Isto provocou o surgimento de uma série de ondas de contestação aos regeneradores e consequentes impasses políticos que para este estudo, não serão especialmente pertinentes.

Eventualmente, parte das medidas propostas pelo “Fontismo” foram realizadas. Apesar do cenário económico se apresentar cronicamente débil, foi o “Fontismo” o modelo económico que começaria a apresentar resultados no combate à crise que perduraria desde o final das invasões napoleónicas. Isto permitiu, que esse impulso de desenvolvimento se alastrasse, ainda que não imediatamente, à Marinha Portuguesa⁷

1.2 A Armada do início do século XIX até aos tempos de Moraes

Foi precisamente aquando a primeira invasão napoleónica que a corte Portuguesa, a 29 de novembro de 1807, juntamente com 23 unidades navais — as capazes de navegar — rumaram ao Brasil. Por consequência, inicia-se um período de declínio do poderio naval português, justificado não só pela mobilização para o Brasil mas também pelos eventos históricos seguintes: “As invasões francesas (1807, 1809 e 1810), a independência do Brasil (1822), a Revolução Liberal (1820), a Guerra Civil (1828-1834), os graves conflitos internos de 1837 e 1846-1847, configuraram um longo período de instabilidade civil, política e militar. Esta instabilidade arrastou-se até ao pronunciamento da Regeneração, em 1851, agravando a situação de grandes dificuldades económicas e sociais do País. Estas dificuldades refletiram-se, inevitável e drasticamente, na evolução negativa da sua capacidade militar-naval.”(Silva, 2012, pp. 10-11)

Por outro lado, todos os avanços tecnológicos que surgiram na época - que também influenciaram as técnicas de construção naval — foram tardiamente implementados em Portugal: “A utilização do ferro e do vapor revolucionou a técnica da construção naval, começando tempos difíceis para a Marinha que se atrasa tecnologicamente, facto que contribuirá para a sua progressiva decadência.”(Pereira, 2004, p. 12)

Certo será que, apesar da força dos desenvolvimentos históricos supracitados seja evidente na contribuição para a recessão naval, não podemos descartar do cenário europeu onde se assiste a um “desinvestimento generalizado nas marinhas”.(Silva, 2012, p. 11)

Terá sido apenas no final da Guerra Civil (1828-1834), passadas quase três décadas de recessão da Marinha, o momento no qual surgiram as primeiras reflexões políticas sobre qual seria o rumo a seguir no que toca à “reanimação” da Marinha. Os novos paradigmas que compunham o cenário da época obrigavam a reformas e investimento na Armada com horizonte o cumprimento dos novos objetivos nacionais. Estes novos objetivos idealizados para a Marinha do final da Guerra Civil seriam: o combate ao tráfico negreiro, a defesa dos interesses nacionais sejam eles

⁷Na época, a Armada Real.

territoriais ou comerciais e a busca de riqueza nas colónias Africanas em substituição às do Brasil, voltando a estar em voga a expressão “Novos Brasis”. De facto, o primeiro orçamento⁸ pós Guerra Civil, em 1835, tinha tanto de ambicioso como de inexequível tendo em conta a situação política e económica que persistia no país. O desfecho deste orçamento não foi de todo favorável à revitalização da Armada: “Não só a Armada não iniciou a sua recuperação como se sacrificaram logo as duas naus [...]” (Silva, 2012, p. 12)

A juntar a toda a conjuntura da política nacional e financeira, estavam também os Ingleses que, com tratados celebrados durante as invasões napoleónicas — tratados excessivamente desequilibrados no que toca às vantagens de ambas as partes — conseguiram a abertura dos portos brasileiros para comércio. Posteriormente, tendo em conta a tutela inglesa e as intenções de assumir a supremacia naval não só no continente americano como no africano e asiático, “[...] a inversão da situação de declínio da Armada Real Portuguesa não interessava à Inglaterra, já que lhe permitia uma maior liberdade de acção nas águas e rotas marítimas de interesse português, [...]” (Silva, 2012, pp. 16-17). Os motivos são evidentes: a Inglaterra queria limitar quanto possível as eventuais “concorrências”.

“A industrialização da Inglaterra e de outras nações criou um excedente de produção que, em princípio, não encontrou a prontidão de um mercado consumidor. Assim, o enriquecimento e o poder económico dessas nações dependiam da criação de um mercado favorável, que só pôde ser construído com a imposição de tratados desiguais, nos moldes do pioneiro tratado de abertura dos portos brasileiros às nações amigas, ou seja, o Tratado de Amizade e Comércio.” (Antunes, 2015, p. 113)

Para que Portugal conseguisse dar respostas a todos estes novos desafios, torna-se determinante a estabilização do ambiente político.

Pronunciada a “Regeneração” em 1851, só passados 5 anos é que os políticos “regeneradores” se debruçariam em medidas concretas a serem implementadas na Marinha. Igualmente a partir da segunda metade do séc. XIX — graças ao Fontismo — começaram-se a voltar atenções para os grandes desenvolvimentos tecnológicos que Portugal tanto carecia.

As duas grandes tecnologias que certamente melhor caracterizam os contributos da Revolução Industrial no âmbito naval foram a máquina a vapor e os cascos metálicos. No entanto, a introdução destas tecnologias tiveram, frequentemente, como primeira aplicação as “Marinhas Mercantes”. Olhando aos países pioneiros (Inglaterra e França), o motivo era bastante óbvio, por forma a que fossem implementadas nas “Marinhas de Guerra” já com maior grau de desenvolvimento, foram testadas, em primeiro lugar, nos navios mercantes:

“[...] no caso da propulsão (da vela para o vapor, da roda de pás para o hélice) ou dos materiais de construção (da madeira para o ferro, do ferro para o aço), os navios comerciais tenham, em certos momentos, assumido a liderança no campo de experimentação das novas tecnologias, tratou-se

⁸Este orçamento previa cerca de 50 navios

de uma primazia deliberadamente assumida pelos almirantados que, em muitos casos, aguardavam que as inovações alcançassem um patamar de maturidade e um nível de custos suficiente à sua transferência para as aplicações militares.”(Silva, 2012, p. 50)

Portugal, do mesmo modo, assiste a essa implementação do “vapor” na Marinha muito tardiamente. Sendo que, em 1820 é adquirido o primeiro navio a vapor (a Inglaterra), o *Conde de Palmella*⁹. Passados 38 anos, acontece a primeira construção portuguesa de um navio com essa “nova” tecnologia no Arsenal da Marinha, o *Barão de Lazarim*(Silva, 2012, p. 76), uma canhoneira. Surge então o primeiro navio construído em solo nacional segundo a linha de pensamento de transformação ou transição da “Marinha Velha” para a “Marinha Nova”.

A “Regeneração” da Marinha teve a sua concretização graças a dois políticos. O primeiro será o ministro Sá da Bandeira, o segundo, o ministro Mendes Leal. As suas linhas de pensamento eram, de facto, complementares e iriam ao encontro com o plano estratégico dos “Novos Brasis”, um pensamento já referido anteriormente. Uma das distinções entre os dois encontrava-se nas áreas de operação: por um lado, Sá da Bandeira, focou o seu investimento com vista a concentração em Angola, por outro, Mendes Leal, voltaria atenções para Moçambique. Terão sido estes dois políticos, que efetivamente, decidiram investir na Marinha com vista a adaptação para a concretização dos novos objetivos nacionais:

“A renovação fez-se em duas fases com curto intervalo: o programa de 1858-1859, do ministro Sá da Bandeira com a aquisição de 3 corvetas mistas, 2 canhoneiras e 1 transporte à vela; e o programa de 1862-1865, do ministro Mendes Leal com a integração de 4 corvetas mistas e 4 canhoneiras.”(Pereira, 2004, p. 15)

Apesar de Portugal ter conseguido aumentar o seu efetivo de unidades navais (ver tabela 1.1), no âmbito do cumprimento dos novos objetivos a que se propunha, este reforço mostra-se algo modesto. A agravar a essa escassez de navios, juntava-se agora, também, a dependência externa para o abastecimento desses novos navios:

“A adoção das tecnologias da 1^a Revolução Industrial produziu uma completa dependência do estrangeiro; maquinaria, armas e munições passam a ser importadas; até o carvão tem de ser de origem estrangeira porque a má qualidade do nacional reduz o andamento e a autonomia dos navios.”(Pereira, 2004, p. 15)

No entanto, apesar desta dependência do exterior até em termos de abastecimento, estas novas aquisições trouxeram o reforço da esquadra que permitiria o lançamento de novas estratégias e execução de um leque de campanhas vocacionadas para o Ultramar. Muitas destas campanhas foram inspiradas por experiências do passado:

“[...] Portugal precisa de mostrar a sua bandeira naqueles territórios que são também disputados por outras potências europeias. Incapaz de

⁹Um navio “mercante”

garantir uma política de ocupação efectiva total, Portugal aposta numa estratégia de controlo de pontos-chave como já fizera com sucesso nos séculos XV e XVI. [...] Nesta estratégia de ocupação efectiva a Marinha é o meio fundamental e imprescindível para a sua concretização.”(Pereira, 2004, p. 17)

Todos estes novos modos de emprego, caracterizam de certa forma a transição da “Marinha velha” para a “Marinha nova” a qual se fez acompanhar, não só da aquisição de novos navios, mas também de reformas na lei orgânica da mesma. Quando Moraes dá início à sua formação militar, em 1872, estamos perante a terceira fase de renovação pela mão do ministro Andrade Corvo.

De certa maneira, podemos considerar que, as fases de renovação da Marinha, na segunda metade do século XIX, foram aspetos cruciais na inversão da tendência de declínio. No entanto, observa-se que a grande maioria dos planos (encabeçados pelos ministros já referidos), ficaram, no que toca à sua implementação, aquém do que ambicionavam. Os motivos para este facto residiam na persistente falta de robustez financeira ou até consolidação política que permitiriam cumprir os planos de revitalização na sua plenitude.

Contudo, apesar de recursos algo escassos (quando comparados às potências da época), as campanhas em África tiveram considerável sucesso. Isto deve-se à adaptação astuciosa da esquadra, para navios com dimensões mais reduzidas. Do ponto de vista financeiro, os custos de aquisição eram mais baixos, sem sacrificar a capacidade para transitar de Portugal para o Ultramar; por outro lado, nessas áreas de operação — caracterizadas por águas litorais pouco profundas — as suas dimensões permitiriam, taticamente falando, o abrigo e a defesa contra navios maiores das potências navais da época, que simplesmente não conseguiriam navegar nessas águas: “Estas qualidades aliadas à sua versatilidade fez que a política naval dos finais do século XIX ficasse conhecida como a *diplomacia da canhoneira*.” (Pereira, 2004, p. 19)

Inserindo Moraes na linha cronológica da História de Portugal, estamos perante uma época onde ainda estaria em decurso a concretização dos planos políticos da “Regeneração” e do “Fontismo”, movimentos que inverteram, de certa maneira, o declínio generalizado de Portugal: uma forte instabilidade política e económica acompanhada de um “atraso” tecnológico, uma “avalanche” de retrocesso que se terá iniciado após as invasões napoleónicas.

Tipo	Nome	Deslocamento (ton)	Potência (cv)	Armamento	Guarnição
Corvetas Mistas	Bartolomeu Dias	2377	400	18 peças	—
	Sagres	1382	300	10 peças	137
	Estefânia	2369	400	18 peças	327
	Sá da Bandeira	1418	200	13 peças	221
	Infante D. João	952	150	8 peças	190
	Duque da Terceira	1429	220	15 peças	220
	Duque de Palmela	953	150	15 peças	—
Canhoneiras Mistas	Barão de Lazarim	169	60	—	—
	Maria Ana	250	80	6 peças	95
	Rio Minho	350	60	2 rodízios \ 2 peças	64
	Rio Guadiana	350	60	2 rodízios \ 2 peças	64
	Zarco	—	80	7 peças	97
	Camões	136	30	3 peças	47
	Tejo	588	100	2 rodízios	—
Transportes	Martinho de Melo	567	—	2 peças	69
Vapor	Zambeze	75	35	—	30

TABELA 1.1: Navios adquiridos (1858-1865).
Retirado de Pereira (2004, p. 15).

Capítulo 2

A vida e obra

“Nunca me senti plenamente feliz [...] E fugi, e voei, e fui deixando farrapos de alma (porque a alma se rasga e se dá quando se amam as coisas), por todo este mundo exótico fora [...]” (Moraes, 2009, p.7)

Como qualquer outra tentativa anterior de investigação biográfica de Wenceslau de Moraes, e assim como outros biógrafos, sejam nipônicos ou portugueses, facilmente se chega à conclusão que a vida de Moraes — especialmente nas últimas décadas de existência — tanto tem de fascinante como de misteriosa.

A vida de Moraes é marcada por uma incessante insatisfação proveniente de desencontros amorosos ou por desilusão para com as suas ambições aliada a uma incansável procura do longínquo e do exótico talvez como forma de refúgio. Do mesmo modo, e da perspetiva profissional, repletas de aventura e desafios muito próprios de uma carreira de “homem do mar” a qual exerceu exemplarmente numa época onde a Marinha representava um potencial incalculável naquilo que seriam as intenções políticas Ultramarinas.

A sua carreira de oficial de marinha mostra-se decisiva no que toca ao traçar do seu percurso de vida: seja o de viajante, seja o de escritor e até mesmo o de aficionado pelo exotismo. A sua intensa atividade enquanto marinheiro abriu novos horizontes despertando, a cada jornada, uma paixão pelos lugares exóticos nos quais passava temporariamente, tendo esta paixão culminado no “império do sol nascente”¹⁰ local que elegera como seu último. Esta paixão serviu de inspiração para uma vasta obra publicada onde é notória a revelação da cultura oriental mas ao mesmo tempo, apesar de uma imersão total na cultura nipónica, sempre acompanhada de um sentimento de distanciamento quase inevitável, este sentimento remete-nos para os seus anos finais de isolamento e reflexão espiritual.

A abrangência do “Universo Moraes” torna de facto desafiante qualquer narrativa em torno da mesma, sendo particularmente importante lançar um olhar à obra publicada. Para que tal fosse feito de uma maneira razoável, foi necessária uma seleção das obras para análise, na tentativa de maximizar a representatividade das várias “fases” da vida de Moraes que as mesmas refletiam. Esta seleção é composta pelas seguintes obras: *Traços do Extremo Oriente*, *Dai-Nippon*, *Cartas do Japão - Antes Da Guerra (1902-1904)*, *O culto do chá*, *Paisagens da China e do Japão*,

¹⁰ “[...] Japão — Ameio-o em transportes de delírio, bebi-o como se bebe um néctar...” (Moraes, 2009, p.7).

O "Bon-Odori" em Tokushima, Serões no Japão, Meditações e Relance da Alma Japonesa.

2.1 A vida

A 30 de maio de 1854¹¹, nasce em Lisboa, Wenceslau José de Sousa Moraes na Travessa da Cruz do Toren n.º4, 2º andar. Filho de José de Sousa Moraes e de Maria Amália de Figueiredo Moraes. Os pais eram primos e a sua mãe filha do brigadeiro José Estanislau da Cruz Figueiredo. Estudou no Colégio de Santo Agostinho na rua dos Fanqueiros em Lisboa. Existem evidências nos espólios conhecidos de Moraes que ainda em tenra idade demonstrava uma grande paixão pela escrita e pelo desenho facto reforçado por uma carta datada de 7 de setembro de 1925, onde Wenceslau descreve a sua infância apresentando um dos seus divertimentos favoritos: escrever “arremendos” de jornais; apesar de estarmos a falar ainda de um escritor em fase embrionária, tal facto poderá ser considerado como um primeiro indício daquilo que terá despoletado do gosto pela escrita do infante que, mais tarde, se viria a refletir por uma paixão pela cultura, imortalizada por uma vasta obra publicada.

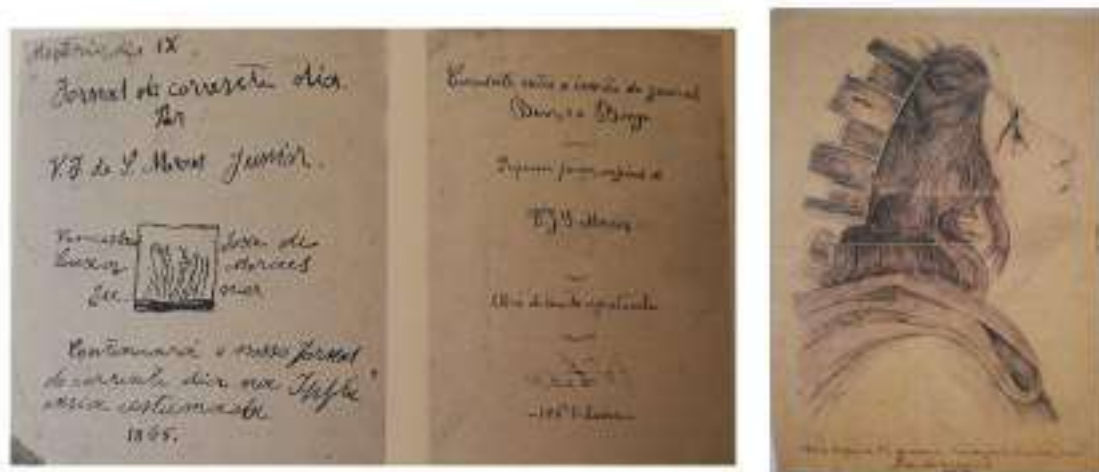


FIGURA 2.1: Jornal redigido por Moraes aos 11 anos de idade. Espólio do Museu Wenceslau de Moraes em Tokushima. Do lado direito um desenho da sua autoria da mesma época.

Partilhou a sua adolescência com a sua irmã Francisca de Sousa Moraes que nascera a 1867 e com a irmã Emília — 5 anos mais velha — das quais sempre teve uma grande estima. Durante a sua vida foram dois dos principais destinatários da sua correspondência.

Com 17 anos completados, Moraes envereda na carreira militar a 29 de agosto de 1871, assentando praça, voluntariamente, como soldado no Regimento de

¹¹Neste subcapítulo, todos os eventos cronológicos bem como excertos de cartas\relatos ou fotografias de espólios pertencentes ou relacionados com Wenceslau de Moraes foram adaptados ou retirados de Pires (1993, pp. 15-47). Ver Anexo I.

Caçadores nº5, percurso que resultará no alistamento na Armada. Por si só uma carreira de oficial de Marinha era bastante aliciante tanto de uma perspectiva de estatuto social que conferia mas também da proximidade que teria do poder político na época. De qualquer modo, é possível identificar vários factos que poderiam do mesmo modo ter encaminhado Moraes nesse sentido: no que toca ao meio familiar existiu claramente influência militar¹² uma vez que seu avô materno atingiu o posto de brigadeiro-general; do mesmo modo, relevando o contexto histórico, atendemos ao surgimento de uma nova geração, proveniente das classes sociais mais privilegiadas, renovada nos ideais políticos e nos planos estratégicos, que ansiava tomar partido dos impulsos de desenvolvimento nacional; por outro lado estamos perante uma nação que, com os governos da segunda metade do século XIX, têm vindo a revitalizar a Marinha¹³ com objetivos claros na utilização do mar como meio de comunicação para as várias colónias do império sem nunca esquecer as trocas comerciais. Estes factos terão possivelmente inspirado o jovem Wenceslau a assumir-se ciente desses interesses nacionais, ao mesmo tempo idealizando uma profissão que poderia potenciar a concretização das suas ambições.¹⁴

Tão cedo quanto a sua promoção a aspirante, surge o seu primeiro amor não correspondido, uma tal de Laura de Alenquer¹⁵. Redige várias cartas à mesma. No entanto, o desfecho foi a separação: na última carta dirigida a Laura, Moraes relata o seu desgosto: “Entrego-lhe também as suas cartas, minha Senhora, cartas que beije com loucura de criança, julgava-as sinceras; as minhas não as quero; dê-lhes o destino que deu às esperanças que me inspirou” (Pires, 1993, p. 15).

Parte da formação de um oficial de marinha na época englobava um curso preparatório na Escola Politécnica, esse curso foi completado em 1873, ano que fica marcado pelo falecimento de seu pai, José Moraes, a 10 de outubro.

Posteriormente, já na Escola Naval, e após estagiar na corveta¹⁶ *Bartolomeu Dias*, conclui tirocínio de artilharia na fragata *D. Fernando II e Glória*. Acaba a sua formação de oficial 2 de julho de 1875 sendo promovido a guarda-marinha a 21 de outubro. Foi precisamente na sua primeira colocação, já como oficial da Armada, na canhoneira¹⁷ *Zarco* estacionada em Macau, que Moraes poderia ter, precocemente, contactado com o extremo oriente, no entanto a partida para Macau não foi realizada. É nesta altura que escreve “Os Mistérios de um Telhado”.

¹²Embora não contribuisse como influência que levasse Moraes a optar por uma carreira militar, o seu futuro cunhado, marido de Francisca, José Gonçalves Paul também era militar.

¹³Ver subcapítulo 1.2 A Armada Portuguesa.

¹⁴Considero importante ressaltar que existe uma ideia semelhante defendida no artigo de Neves (1999, pp. 17-20). Embora a mesma não tenha em conta certos factores suprarreferidos, pode-se entender como reforço e complemento dessa mesma ideia.

¹⁵O primeiro “conto” (“Mistérios de um telhado”) de Moraes é inspirado por Laura, ver Laborinho (2004, p. 60).

¹⁶“No primeiro quartel do século XIX aparece a corveta, navio de três mastros redondos, armado de 24 peças. Assim com a criação deste tipo desapareceram as fragatinhas e os bergantins.” (Esparteiro, 1976, p. 3).

¹⁷Navios patrulha destinados às costas ultramarinas, sendo concebidas para actuarem junto ao litoral e em grandes estuários de rios, ver Pereira (2004, p. 18)



FIGURA 2.2: Moraes fardado possivelmente ainda em formação.

Permanece na fragata *D. Fernando II e Glória* até 20 de março de 1876, data na qual é transferido para o transporte *Índia*. No âmbito de uma viagem de instrução, rumou a Pensilvânia levando produtos para a Exposição Internacional que ocorreu mais propriamente em Filadélfia, celebrando o primeiro centenário da independência do Estados Unidos da América.

Inicia-se um período na carreira de Moraes caracterizado por várias campanhas em territórios Africanos. Nesta época, sensivelmente a partir de dezembro 1876, é de ressaltar o tipo de missões que executa que vão ao encontro do que foi indicado no subcapítulo 1.2, onde destaco:

- o transporte de material para obras públicas e para o caminho de ferro de Moçambique em dezembro de 1876¹⁸;
- várias missões de patrulhamento ao largo e nos rios de Moçambique, onde se pretendia dissuadir os ingleses que muito cobiçavam terras portuguesas;
- expedições para combate ao tráfico negreiro;

¹⁸Este tipo de missões são um forte indício da intenção dos governos portugueses em tornar a ocupação efetiva das colónias.

- colaboração para a ocupação militar da ilha de Inhaca, em setembro de 1878, estando na iminência de sofrer um ataque por parte dos ingleses.

No contexto pessoal, foi precisamente nesta época, a partir de 25 de janeiro de 1879, que se intensifica a troca de correspondência com Maria Isabel dos Santos¹⁹. Uma vez que Moraes se encontra num período de intensa atividade profissional, pode-se concluir que a relação se iniciou muito antes da data indicada como princípio da troca de correspondência²⁰, contribuindo para esse facto, sabe-se que Maria habitava precisamente no mesmo prédio que a família de Moraes. Existem vários poemas inéditos, grande parte deles dedicados a Maria Isabel dos Santos que terão sido escritos ao longo desta relação distante, poderão ser encontrados na Biblioteca Central de Marinha vários exemplares dos mesmos.

Regressando a Portugal em 1879 a 24 de novembro, serve sucessivamente nas seguintes unidades navais: fragata *D. Fernando II e Glória*, corveta *Duque de Palmela*²¹ e por fim na corveta *Mindelo*.

No mês de fevereiro de 1880, a fim de realizar o exame de promoção a segundo-tenente, Wenceslau encontra-se na Escola Naval. Em alguns registos biográficos observa-se a ênfase do facto de Moraes ser o segundo classificado na promoção em oito candidatos, embora enquanto marinheiro estar ainda numa fase inicial da sua carreira, posteriormente neste estudo irão ser evidenciados testemunhos que comprovarão de uma forma mais consolidada a competência do mesmo enquanto oficial de Marinha. Já enquanto segundo-tenente começa por exercer funções na canhoneira *Quanza* durante aproximadamente um ano.

A 4 de março de 1881 regressa à corveta *Mindelo* que estava atribuída a Moçambique. Os portos de escala mais frequentes, após cruzar o canal do Suez, seriam Adén e Zanzibar. Muitas vezes, seja pelo cariz das missões diplomáticas que ocorreram na época²², ou até mesmo por força de fenómenos naturais imprevistos, a permanência nesses portos era frequentemente mais longa do que o previsto. Estas permanências, ainda que algumas fruto do acaso, outras planeadas, permitiram fomentar o exotismo tão característico de Moraes, que se manifestava frequentemente através de uma escrita compulsiva durante as suas viagens. Certo será que de uma forma generalizada associamos Moraes à cultura extremo-oriental, no entanto o registo fotográfico que se apresenta (figura 2.3), mostra o escritor num traje islâmico. Neste estudo em particular, não se consegue aprofundar ao certo até que ponto adotou esta cultura, especialmente do que toca à vertente religiosa, no entanto será indicadora de uma maior abrangência do “Universo” exótico do marinheiro.

¹⁹Maria Isabel dos Santos, explicadora de línguas, casada, 8 anos mais velha, que morava no primeiro andar do seu prédio. Curiosamente muita da correspondência trocada com Moraes era em francês.

²⁰De acordo com o espólio presente na Biblioteca Central de Marinha, a primeira carta dirigida a Maria Isabel dos Santos remota a 1874.

²¹Neste navio em particular serviu como instrutor na “Escola de Alunos Marinheiros” criada a 21 de fevereiro de 1876, ver Pereira (2004, p. 23).

²²Para o estudo em questão não se considera especialmente importante a descrição pormenorizada das missões em si no entanto, neste caso particular pode ser encontrada essa descrição na obra do comandante Pereira (2004, p. 23).



FIGURA 2.3: Wenceslau de Moraes em traje islâmico. Fotografia presente na Biblioteca Central de Marinha

Durante esta época, mais especificamente a 17 de setembro de 1881, recebe um telegrama informando que o seu filho nascera morto. Filho que surgiria na sequência do caso com Maria Isabel do Santos, este acontecimento marca o início do “amarguramento” desta relação. Ainda nesse ano, o comandante da *Mindelo*, Gregório José Ribeiro, no seu relatório, enaltece a habilidade de Wenceslau de Moraes: “oficial inteligente, de esmerada educação e bastante militar, hábil e cuidadoso como oficial de quarto, dedicado ao serviço e aos estudos da sua arma e que apresenta um comportamento civil e militar excelente”.

Nessa época escreve o poema “Nos Vinte e Cinco Anos” para o “Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro 1881” (Pires, 1993, p. 168). Durante a permanência em Moçambique, 1881 a 1882, conhece uma jovem moçambicana chamada Arussi, um relacionamento fugaz do qual pouco se sabe.

Em 1883 Moraes assume a função de oficial imediato da corveta *Mindelo*, posição de grande relevo, e dá continuidade a importantes missões diplomáticas especialmente aquela que conduziu à celebração do chamado “Tratado Comercial e

de Amizade”²³ com o sultão de Zanzibar. Numa carta dirigida à sua irmã Maria Emília datada de maio de 1883, descreve o seu dia a dia em Moçambique:

“Querem que lhes dê notícias minhas? De perfeita saúde, como sempre; completamente coraçado contra todos os incómodos de África, que não são poucos. Por distrações quase as mesmas: emprestam-me uma linda burra, em que dou uns passeios pela ilha; oiço música às quintas e domingos; ocupo o tempo com os trabalhos de Imediato, levantando-me às 5 da manhã para a baldeação [...]”.

Inevitavelmente, os ditos “incómodos de África” manifestar-se-iam na saúde de Moraes, uma vez que na época eram bastantes comuns certas doenças tropicais nas populações que se encontravam nessas zonas, resultando na evacuação do mesmo e do comandante da Mindelo para Portugal a 17 de julho de 1883 por parecer da Junta Médica²⁴:

“Esta será a primeira de várias evacuações do Ultramar para o Continente devido a doença, situação que era habitual na presença militar portuguesa. As difíceis condições da vida a bordo, as condições climáticas com altas temperaturas e elevados índices de humidade, bem como falta de tratamento preventivo para as doenças tropicais, levavam a frequentes evacuações sanitárias das guarnições dos navios em comissão, situação que se manteve até ao final do segundo quartel do séc. XX.”(Pereira, 2004, p. 28)

De volta a Portugal, cumpre um período de baixa para recuperação da saúde e volta a exercer funções de instrutor na Escola de Alunos Marinheiros na corveta *Duque de Palmela*. Colabora nos *Anais do Clube Militar Naval* com o artigo “A corveta “Mindello” nas aguas do Zanzibar (1883)”.

A 19 de janeiro de 1884 é nomeado vogal dos Conselhos de Guerra ainda que por breve duração, também serve na corveta *Bartolomeu Dias* e no registo do Porto de Lisboa. Posteriormente, e ainda nesse ano, é transferido para a canhoneira *Rio Ave*, esta estaria a efetuar uma missão aduaneira na região do Algarve. O comandante desta ultima dá continuidade ao reconhecimento do esmero por parte do tenente Moraes no exercício da sua profissão. A sua relação com Maria Isabel dos Santos encontra-se extremamente debilitada chegando ao ponto de a mesma se mudar da habitação. Isto por forma a evitar conflitos com a família de Moraes e para não prejudicar a sua imagem que inevitavelmente se refletia “nas explicações (a sua profissão) de que vivia.” (Pires, 1993, p. 19)

Movimentado para a *Rio Ave*, a 9 de junho de 1884, canhoneira que parte em missão aduaneira para o Algarve, sob o comando de Francisco António Vieira. Permanece nesta região até ao dia 4 de Dezembro. Foi por esta época que Moraes demonstra sinais de fadiga física mas também emocional. À parte a sua intensa atividade profissional, sabe-se que o relacionamento com Maria Isabel dos Santos,

²³Este tratado foi ratificado a 18 de junho de 1883, o comandante Gregório José Ribeiro terá sido o representante de Portugal.

²⁴Mais tarde é-lhe diagnosticada uma “anemia palustre dispepsial”.(Pereira, 2004, p. 28).

o qual já muito incerto, terá deixado as suas marcas emocionais, contribuindo para este facto, a 20 de maio de 1885 morre sua mãe. A 24 de junho desse ano, numa carta, relata à sua irmã como se encontra: “Estou regularmente de saúde, mas não bem. O espírito cansado, de uma existência agitada, para que não fui feito.”

A 14 de março de 1885 é nomeado imediato da canhoneira *Rio Lima* e parte para Moçambique (local onde esta embarcação se encontrava), este navio pertencera à “Divisão Naval da África Oriental e Mar das Índias”²⁵. No mesmo ano a 15 de julho, parte para a Estação Naval de Macau, os portos de escala são: Zanzibar, Colombo, Singapura, Batávia²⁶ e Macassar. Alcança Timor a 26 de setembro desse ano, passado sensivelmente um mês, a Junta Médica aconselha Moraes a regressar a Portugal para tiasco da monarquia e o conseqüenteratamento e assim foi, chegando a Lisboa a 13 de janeiro de 1886. Por esta altura escreve “Em Batávia” que posteriormente vem a incluir na obra “Traços do Extremo Oriente”.

Nos meses seguintes (de março a maio de 1886) serve na canhoneira *Tejo*, na corveta *Vasco da Gama* e na fragata *D. Fernando II e Glória*. O dia 30 de abril é marcado pela promoção a primeiro-tenente. As seguintes campanhas, que realizará agora na canhoneira *Douro*, faz-se acompanhar de um amigo de longa data, Sebastião Peres Rodrigues que seria o médico de bordo. Aporta em Moçambique no dia 14 de novembro de 1886. Nesta época realiza importantes missões em Zanzibar e em Tungue. Segundo o comandante da *Douro*, Moraes:

“Tem muita aplicação tanto no estudo da sua arma como no serviço geral. É muito hábil comandante de quarto. Tenho este oficial em muita consideração, já pela sua aptidão, verdadeiro conhecimento das coisas do mar, ilustração e por ser um perfeito cavalheiro.” (Pires, 1993, p. 20)

Esta jornada termina a 3 de maio de 1887 como habitualmente tem acontecido nas últimas, regressando a Portugal por motivos de saúde. Sabe-se que nesta época, até por intermédio do seu amigo Sebastião Rodrigues, que Maria Isabel dos Santos afasta a hipótese de manter ligação com Moraes, no entanto a correspondência perdura por mais algum tempo. As campanhas em África de Moraes chegam a um fim a novembro de 1887.

O ano seguinte, o de 1888, é certamente um ano de viragem. Não só do ponto de vista pessoal mas também do profissional. Associado à partida para Macau (30 de março de 1888) fica a rutura total do relacionamento com Maria Isabel dos Santos, um desfecho verdadeiramente amargo onde é evidente desprezo mútuo na correspondência trocada²⁷; de qualquer forma, estaria prestes a acontecer um marco verdadeiramente importante na vida de Moraes: o contacto com extremo-orientes.

A viagem para Macau ocorreu no transporte *Índia*, contornando o continente africano por sul praticando os seguintes portos de escala: São Vicente, Santa

²⁵Como escreveu o comandante Pereira (2004, p. 28), “um nome pomposo para Estação Naval de Moçambique”.

²⁶Atualmente Jacarta.

²⁷Existe uma carta datada de 9 de fevereiro de 1888 em que Maria faz inúmeras observações sobre o estado de insatisfação e exaltação de Moraes onde inclusive finaliza assinando “Tá Mére” um expressão insultuosa francesa.

Helena, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, ilha de Moçambique, Colombo e Singapura.

Chega a Macau a 7 de julho de 1888 e desempenha funções de imediato da canhoneira *Rio Lima*, durante esta época viaja para Hong Kong, a 14 de julho, para reparações do navio e permanece na cidade até 28 de outubro. Neste mesmo ano terá conhecido a chinesa Vong Ioc Chan²⁸, a qual normalmente se dirige como Atchan. Será portanto este o primeiro relacionamento pós rutura com Maria Isabel dos Santos, apesar do aparente encerrar do “capítulo” “Maria” como amor na vida de Moraes, a correspondência com Sebastião Rodrigues e a sua irmã Emília revela que o mesmo se encontra a envelhecer precocemente, triste e isolado onde deseja rapidamente se reformar. Ainda durante o ano de 1888, escreve mais dois contos que iriam fazer parte da obra “Traços do Extremo Oriente”: “O Jin-Rick-Sha” e “O pé pequeno”. De salientar que continuam os relatos de comandantes a engrandecer o serviço de Moraes enquanto oficial de Marinha.

Com as várias comissões que realizou, ou até mesmo por reparações efetuadas no seu atual navio, estende as suas viagens ao Norte da China e ao Japão aportando várias vezes em Hong-Kong no regresso. Na sua primeira passagem por Nagasáqui escreve extasiado à sua irmã Emília a 4 de agosto de 1889:

“Estou num país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra destas árvores que não têm parceiras no mundo. [...] Mas deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à providência um agradecimento”. (Pires, 1993, p. 22)

Enquanto se encontra no território de Macau, partilha uma casa com Atchan. No conto “A minha casa”, compilado na obra *Traços do Extremo Oriente*, descreve minuciosamente a sua habitação e até a sua vizinhança:

“Por fora é pobrementemente pintada a ocre amarelo, destacando as gelosias verde-salsa; por dentro uma demão de cal, duma alvura imaculada, cobre uniformemente as paredes dos aposentos, dando-lhe assim uns ares de mesquita árabe, que não deixam de seduzir-me.

Os meus vizinhos fronteiros são chinas, graças a Deus.” (Moraes, 1971, p. 83)

Do mesmo modo, afirma usufruir dos sossegos e dos prazeres de um lar, contrastando a vida boémia que até a esse momento teria praticado:

“— A minha casa! a minha bela casa! — Tu não compreendes talvez com que prazer egoísta eu formulo mentalmente esta exclamação! Sempre estirado sobre a cadeira, saboreando cigarros sobre cigarros, passeio voluptuosamente a vista sobre os moveis, inventariando, minuciando tudo com amor.” (Moraes, 1971, p. 90)

²⁸ “[...] uma muito jovem chinesa de pai inglês.” ver Neves (1999, p. 19)



FIGURA 2.4: Moraes com o seu fiel companheiro Kowloon — uma personagem do conto “A minha casa” da obra “Traços do Extremo Oriente” — a 25 de agosto de 1890.

Entretanto em 1890, é nomeado comandante da canhoneira *Tejo*. O reconhecimento dos serviços prestados — inclusive pelo governador de Macau, Custódio Borja — levaram-no, no ano seguinte, a ser nomeado comandante interino da Estação Naval de Macau, acumulando com o comando da canhoneira. A Estação Naval de Macau foi um ponto estratégico indicativo da “consolidação da soberania portuguesa” nessa região que resultou de um “complexo processo político-diplomático que podemos situar entre os anos de 1845 e 1862”(Costa, 1997, p. 18). A atividade operacional dessa Estação é caracterizada da seguinte forma:

“Durante mais de meio século, a Marinha manteve uma presença efetiva em Macau como afirmação simbólica de soberania sobre o território, como elemento dissuasor de eventuais acções hostis e para assegurar o prestígio nacional em relação às potências dominantes da região, designadamente a China e a Inglaterra. Nesse período, os navios intervieram frequentemente em operações militares na ilha de Timor e asseguraram a realização de várias missões diplomáticas e visitas de cortesia ao Japão e ao Sião, que permitiram conservar ou recuperar memórias que hoje continuam vivas.”(Costa, 1997, p. 20)

A permanência em Macau bem como as campanhas que terá feito na época — viajando do Norte da China ao Japão e até Tailândia —, influenciaram a produção literária do escritor: redige os contos “Questão de Beijos”, “A Outra Mamã” e “O Rio de Cantão” que seriam compilados na obra “Traços do Extremo Oriente”. Do mesmo modo, fruto da permanência em Macau e da sua relação com a chinesa Atchan, nasce a 1 de março de 1891 José de Sousa Moraes, seu filho primogénito. Uma carta datada de 31 de dezembro de 1901 dirigida ao amigo João Pereira Vasco, demonstra que o escritor procura explicar quais foram os motivos que o levaram a ter partido para Macau, revelando que o escritor continuaria “agarrado” ao passado com Maria Isabel dos Santos, um relacionamento envolto de escândalo e ressentimento:

“[...]Passaram-se tempos, e uma tal família búlgara, que eu nunca conheci, mas que me conhecia, gente de Olhão também, foi mexericar sobre o caso com uma mulher de Lisboa que exerceu durante muitos anos um império da minha vida, deu isso em resultado o abandonar-me a tal mulher para se reunir a um actor de meia tigela, e tão desgostoso me encontrei que parti para a China.” (Pires, 1993, p. 19)

Termina a sua comissão na China, a 11 de abril de 1891, comandando a canhoneira *Tejo*, enfrentando um regresso atribulado a Lisboa num navio já envelhecido com necessidade urgente de intervenções de manutenção e até reparação:

“No mar, procurou ventos favoráveis para andar folgado de carvão, entrou em portos criteriosamente escolhidos, dividiu as tiradas maiores, privou-se de pilotos malaios onde podia para poder recorrer a fogueiros egípcios onde devia, enfrentou em segurança as muitas avarias, resolveu sem hesitação as inúmeras contrariedades, não se poupou a si e nem por isso se coibiu de dar adequado descanso a uma guarnição que muito tinha de exigir.”(Neves, 1999, p. 19)

Será de certo esta viagem ainda mais simbólica do que aparenta, despede-se, assim, Moraes de uma carreira ativa de marinheiro a prestar serviço numa unidade naval. Deixa atrás de si um rasto de relatos a louvar o seu serviço como militar comprovando não só os seus valores enquanto cavalheiro bem como os seus conhecimentos de índole naval, conjugados com as suas qualidades enquanto líder.

Após mais de 4 meses de viagem chega a Lisboa a 22 de agosto onde pouco tempo depois é promovido a capitão-tenente mais precisamente a 29 de outubro de 1891 e posteriormente nomeado²⁹ imediato do porto de Macau, esta nomeação representa o virar da página da carreira de “homem do mar” para a carreira diplomática e de docente.

Regressa a Macau nos finais de 1891 onde exerce funções de delegado do Superintendente da importação e exportação de ópio cru, paralelamente contribui ativamente com textos para a imprensa portuguesa, importante referir que durante a sua vida, também muito devido à natureza das suas funções diplomáticas, Moraes

²⁹A nomeação para imediato do porto de Macau terá sido efetuado pelo próprio capitão do porto da época o capitão-de-mar-e-guerra Albano Alves Branco.

acompanha afincadamente a realidade política de Portugal sendo muitas vezes crítico da mesma.

No ano seguinte, a 1 de setembro nasce o seu segundo filho, João de Sousa Moraes, a mãe será a chinesa Atchan. Rege uma cadeira de pilotagem, na Escola de Pilotagem de Macau. A sua atividade enquanto escritor vai aumentando, seguramente se deve não só a proximidade à sua maior inspiração, mas também o facto de, na época, exercer funções em “terra”. Redige “A minha Casa”, “Tancás e Marinheiros”, “As Half-Caste”, “Remédio Santo”, “Os Leprosos”, “História do Pequeno Afat”, “Combate de Férias”, “O Encanto dos Charcos”, e “Um Eclipse Total da Lua”, os contos incluídos na obra “Traços do Extremo Oriente”.

Em 1893 continua lecionar, desta vez no seminário de São José em Macau. Surge ainda mais uma oportunidade de visitar a sua grande paixão, o Japão, enviado com o intuito de adquirir artilharia. No final desse mesmo ano é convidado a lecionar no recém-fundado Liceu de Macau onde posteriormente irá fazer amizade com Camilo Pessanha, que perdurará até ao final dos seus dias. A 30 de dezembro é promovido a capitão-de-fragata, nesta época escreve os últimos textos da obra “Traços do Extremo Oriente”: “Um acaso”, “Os templos” e “Últimos Apontamentos da China”; esta obra viria a ser publicada em Lisboa no ano seguinte em setembro de 1895, prefaciada por Vicente Almeida d’Eça e dedicada ao seu amigo Sebastião Peres Rodrigues, sendo esta a primeira obra publicada do escritor.

A produção literária de Moraes continua nos anos seguintes, desta vez completamente focada na cultura nipónica. Como tal, começa a redigir “Dai-Nippon”³⁰ entre outros textos como por exemplo o “Saudades do Japão”. A correspondência trocada com o velho amigo Sebastião Peres Rodrigues retrata um Moraes sorumbático muito por causa de um sonho, já de alguma data, de criação de um consulado no Japão, sonho o qual Moraes vê cada vez mais distante da sua concretização. Neste momento também se destaca o trabalho que o escritor realizou no âmbito académico, que foi objeto de vários elogios, alguns deles presentes no Arquivo Histórico de Macau, chegando a fazer parte de quadros de júris de exames. Publica o livro “Dai-Nippon” a 22 de setembro de 1897

Eis que surge, em 1897, um dos momentos mais polémicos da vida de Wenceslau, a 4 de maio o capitão do porto de Macau, o capitão-de-mar-e-guerra Albano Alves Branco escolhe como sucessor o capitão-tenente António Talone da Costa e Silva. Do ponto de vista hierárquico, sendo Moraes de um posto superior ao do comandante Talone da Costa, esta escolha não é de toda lógica, do ponto de vista da experiência profissional, Moraes já tinha assumido interinamente o cargo de capitão do porto de Macau — ainda que temporariamente — num passado recente, cargo ao qual demonstrou ter todas as faculdades necessárias para o exercer, tais factos deixaram o escritor verdadeiramente indignado. Todavia, Moraes não se deixou ficar por aí e vê-se forçado a “jogar todas as cartas” com vista a concretização do seu sonho de um consulado no Japão. Para tal, duas individualidades, as quais mantinham amizade com Wenceslau tiveram grande responsabilidade na concretização desse projeto. A primeira seria Eduardo Augusto Galhardo, governador de Macau:

³⁰Em português: “O Grande Japão”.

“Em Julho de 1897, realiza nova viagem ao Japão para acompanhar o governador de Macau, Eduardo Galhardo, nos primeiros contactos exploratórios com vista ao restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais praticamente encerradas desde o século XVII. Ambos são recebidos pelo imperador e, no regresso, Eduardo Galhardo elabora relatório para Lisboa, onde faz notar a urgente necessidade de abrir um consulado em Kobe, à semelhança do que acontecia com outras nações europeias.” (Laborinho, 2004, p. 9)

A segunda terá surgido provavelmente, graças à astúcia e conhecimento de política de Moraes: não bastava um relatório em Lisboa para conseguir concretizar o consulado em Kobe, era necessário alguém que conseguisse exercer influência junto do governo, e assim foi. Escreve ao seu amigo Vicente Almeida d’Eça, um monárquico influente.

Os tempos seguintes caracterizam-se por um clima de grande incerteza sobre a possibilidade do estabelecimento do consulado no Japão e em que condições, chegando a ponderar simplesmente se reformar e regressar a Lisboa, provocando uma troca de correspondência quase frenética fruto desses dilemas com um dos seus destinatários de eleição — o médico Sebastião Rodrigues:

- “Tenho o espírito muito perturbado. Últimas notícias vão decidir completamente da minha vida, os meus desgostos íntimos, e também o estado doentio, perdido, escangalhado, de todo o meu ser, tudo se junta para me pôr o juízo a arder [...]”³¹
- “Sinto-me totalmente sem forças para escrever, abatido pela série interminável de desgostos, de contrariedades, de infâmias, de que tenho sido vítima.[...] Governador, que julgou o meu negócio resolvido. Mas não está; não sei se voltarei para Kobe ou não.”³²

Após todo este tumulto e inquietação, recebe o Governador de Macau um ofício³³ nomeando Wenceslau de Moraes Cônsul de Portugal em Kobe e Osaka, e assim foi, em dezembro instala-se no Japão e monta consulado em Kobe:

“O novo cônsul trabalhará afincadamente no estabelecimento de um acordo comercial e apresenta vários relatórios sobre os produtos portugueses a trocar: do lado português, conservas, azeite, produtos coloniais — marfim, borracha, café; as exportações japonesas seriam sedas, bambu, papel, bonecas, quinquilharia, charão. Consegue que algumas empresas portuguesas participem na grande exposição que, em 1903, se realiza em Osaka, [...]” (Laborinho, 2004, p. 11)

De facto Moraes, após uma troca incansável de correspondência com pareceres sobre o Japão e com as vantagens da participação portuguesa na “Exposição Industrial e Comercial de Osaka”, consegue trazer Portugal ao encontro das grandes potências económicas da época, ainda que, por meio de umas humildes conservas e umas garrafas de vinho:

³¹Carta datada de julho de 1898 endereçada a Sebastião Rodrigues.

³²Carta datada de 20 de outubro de 1898 endereçada a Sebastião Rodrigues.

³³Documento presente no Arquivo Histórico de Macau datado de junho de 1898.

“Será Portugal representado na próxima Exposição japoneza? Enviarão a Osaka os negociantes portugueses, do reino e das colónias, amostras de alguns dos productos do paiz? Presumo que sim, e desejo-o ardentemente, parecendo-me que a completa ausência de taes productos constituiria facto muito lamentável. Os nossos negociantes abastados e emprehendedores deverão mesmo fazer mais: deverão aproveitar esta ocasião excepcionalmente favorável para enviarem ao Japão algum ou alguns dos seus representantes [...]” (Moraes, 1904, p. 25-26)



FIGURA 2.5: Moraes aquando a nomeação de Cônsul de Portugal em Kobe e Osaka.

No Japão conhece a japonesa O-Yoné³⁴, com a qual se viria a casar a 13 de maio de 1899 à moda japonesa segundo rito xintoísta. Nota-se assim, o falhanço das várias tentativas de Atchan voltar para viver junto de Moraes, no entanto, como defende a Professora Laborinho (2004, p. 4), este mesmo garante a subsistência e educação dos dois filhos que permanecem em Macau.

Nos anos seguintes assistem-se a certas frustrações, algumas provenientes de certas incoerências no que toca a sua nomeação de cônsul, outras de assuntos

³⁴Uma japonesa de Kobe cuja tradução do nome é “senhora do bago de arroz”, ver Martins (2015, p. 4).

que deixara em Macau intimamente ligados ao passado com Atchan. De qualquer maneira, nesta fase, onde se encontra cada vez mais debruçado na política — por consequência do seu cargo de diplomata — surge uma ainda maior frustração quando frequentemente confronta a realidade Portuguesa com a realidade civilizacional que encontrou no Japão, tecendo fortes críticas à maneira como Portugal se governa e à carência de moralidade generalizada:

“Para Wenceslau de Moraes, o sistema político e social europeu tinha perdido o sentido fundamental da vida. O Ocidente via-se despojado de ideais e pureza. Só já tinha para oferecer aos homens alguns áridos sistemas e teorias sem essência que não satisfaziam as suas ansiedades.”
(Martins, 2015, p. 2)

Em junho de 1906 afirma: “Para ser franco (mas não franquista)³⁵, direi mesmo que julgo que tudo continuará na mesma miséria; a questão não é de sistema político, de instituições, de dirigentes; é do grau de moralidade de todos e tal grau já baixou abaixo de zero.” (Pires, 1903, pp. 29-30)

Moraes a partir da nomeação para o cargo de cônsul, tem vindo a cair numa depressão profunda. Compilando a maioria da correspondência desta altura, o escritor demonstra uma certa angústia, o que levanta uma questão muito importante: de onde é que ela vem? É certo que o falecimento de sua irmã Emília em abril de 1905 contribuiu para uma maior penumbra do espírito do escritor, no entanto, os factos levam a crer que esta angústia existencial provém da própria eterna paixão pelo Japão. O “delírio” passional pela cultura nipónica, o constante engrandecimento das gentes e dos costumes japoneses e a utopia civilizacional que lá encontrou, surte o efeito do distanciamento com esse “ideal” criado em volta do Japão, talvez pela impotência da transposição desse imaginário para as realidades do escritor, quer ao nível da sua própria existência — inevitavelmente ocidental, quer pelo contraste que encontra quando contempla o choque de mentalidades e valores morais entre o Japão e Portugal.

Paralelamente, a sua atividade como escritor prossegue “a todo vapor”, com inúmeras contribuições para a imprensa portuguesa — de onde destaco os jornais *Diário de Notícias Ilustrado*, *O Comércio do Porto* e a revista *Serões* —, do mesmo modo, escreve as obras: “O culto do Chá” — em setembro de 1905 — impresso em Kobe e posteriormente enviado para Portugal; “Paisagens da China e do Japão” — em dezembro de 1906 — também publica as sucessivas séries da obra “Cartas do Japão”. Começa a ser crónica a auto crítica da sua obra seja por motivos dos impressores japoneses que não estão acostumados à língua portuguesa ou mesmo por erros que considera seus, chegando a ponderar deixar a escrita — coisa que felizmente não aconteceu.

A correspondência trocada com amigos em Portugal continua com elevada intensidade, o tema de maior frequência — a situação política de Portugal — onde o mesmo comenta o regicídio: “A História tem de julgar severamente (e já o julga)

³⁵Moraes nesta expressão refere-se ao Partido de João Franco que, com manobras políticas, 2 anos depois, viria a instituir governo por decreto-lei, uma ditadura, ver Ramos, Sousa e Monteiro (2009, p. 570).

o rei D. Carlos, maior causa dos acontecimentos que se deram, responsável pela sua própria desgraça, do seu inocente filho e da dignidade da nação”.³⁶

O seu estado de espírito em geral vai-se esmorecendo, considera que esgotou a sua “veia” de escritor e com este “apagar” de alma mergulha cada vez mais profundamente no processo de “japonização”³⁷ como refugio da realidade avassaladora e drástica da sua vida a qual foi fortemente deteriorada com a morte da sua amada, a “senhora do bago de arroz”, O-Yoné a 20 de agosto de 1912. Aguça-se a vontade de cessar funções de cônsul e antecipar a sua reforma. Talvez como forma de protesto, requer ao Presidente da República, Manuel de Arriaga, a sua demissão de todos os seus cargos — o de Cônsul Geral de Portugal em Kobe e Osaka e de Oficial de Marinha — precisamente no recém-instituído Dia de Portugal a 10 de junho de 1913. Dando conta que: “No telegrama enviado, invoca razões de saúde, embora alguns biógrafos prefiram a versão romântica de que Moraes pretendia acompanhar na morte a sua amada Yoné,[...], cujas cinzas repousavam em Tokushima, onde viverá isolado os seus últimos dezasseis anos.” (Laborinho, 2004, p. 12)

Por consequência de tais eventos decide-se isolar em Tokushima a agosto de 1913. Houve, no entanto, no início desse ano uma certa flutuosidade entre partilhar ainda uma casa com outra jovem japonesa que conhecera na época — Nagahara-Den — na região de Imaichi, ou se recolher a Tokushima com a sobrinha da sua falecida mulher, Ko-Haru³⁸. A relação com a sobrinha da sua falecida esposa teve, fatalmente, o mesmo destino que a anterior. Uma morte precoce³⁹ de Ko-Haru transporta Moraes para um estado melancólico e de recolhimento. Não só um recolhimento que se revelou no isolamento físico mas também nas suas obras onde o próprio admite abandonar a “religião de esteta” para abraçar com enorme solidão a “religião da saudade”:

“A minha religião de esteta, a qual já de longe ia anunciando tendências para me deixar colher dos factos e dos aspetos, principalmente, a noção melancólica da impermanência das coisas, do aniquilamento como lei suprema, a que tudo se submete, transitou então para uma outra crença, a religião da saudade - que ainda é uma religião estética, mas de uma estética retrospectiva, que leva a paixão do belo, do bom, do consolador, pelo que foi e já não é.” (Moraes, 2009, p. 8)

Assim passaram os anos finais de Moraes, contactando com o exterior exclusivamente com papel e caneta. As leituras que faz nos jornais da época tornam-o incrédulo perante o mundo que se embrenharia numa Guerra⁴⁰ com proporções imensuráveis:

“No meu isolamento de Tokushima, lendo raros jornaes, não falando com ninguém, não trocando impressões, a ideia da guerra actual

³⁶Carta dirigida a Sebastião Peres Rodrigues datada de 12 de fevereiro de 1908.

³⁷Com isto pretendo referir a constante adoção de costumes e rotinas japonesas.

³⁸“[...]Ko-Haru — “Pequena Primavera” —, sobrinha de O-Yoné e quarenta anos mais nova do que Wenceslau de Moraes.” ver Martins (2015, p. 3).

³⁹Ko-Haru morre a 2 de outubro de 1915.

⁴⁰Seria esta a Primeira Guerra Mundial.



FIGURA 2.6: Moraes de quimono em Tokushima

opprime-me como um pesadelo cruciante... Ou estarei eu delirando ? . Por vezes afigura-se-me que tudo isso não passa de uma falsa miragem da minha imaginação mordida de solitário, enquanto que o mundo inteiro prosegue tranquillamente na sua senda de paz e de civilização...” (Moraes, 1916, pp. 330-331)

Apesar de ter aceite, com alguma relutância, a visita de Atchan e do seu filho José a 2 junho de 1919, rejeitou muitas outras tentativas de contacto por parte de próximos ao escritor. Terá sido esta a vontade de Moraes, de renunciar a uma reforma repleta e meritória de todas as regalias que poderiam surgir fruto de uma carreira exemplar.

Durante esta época destacam-se as famosas obras finais de Moraes: “O Bon Odori em Tokushima”, “Ko-Haru”, “Será O-Yoné?... Será Ko-Haru?...”, “Os Serões do Japão”, “Relance da História do Japão” e “Relance da Alma Japonesa”.

Foi assim, no último capítulo da vida do escritor, no isolamento em Tokushima numa humilde casa, unido ao mundo apenas pela escrita, que Moraes atinge o seu apogeu espiritual, vivendo como um anónimo japonês prestando culto aos seus mortos e vagueando pelo seu jardim. Apesar de um estado de saúde algo debilitado, continua a debruçar-se sobre as questões que abalavam o mundo, seria também esta

a realidade da qual se pretendia isolar, a realidade ocidental de guerra e perversidade dos valores em detrimento ao que encontrou naquela pequena cidade: o amor pelo simples, o recolhimento em reflexões e o desejado sossego de espírito que se advinha apenas com a morte, que finalmente trariam o fim às inquietações da alma.

A 1 de julho de 1929 eis que acontece o já há muito previsto pelo próprio, a morte de Moraes, afastando a tese do suicídio, relata-se a morte de Moraes por um tropeção a caminho do seu poço no seu jardim que resultou num forte choque com a cabeça numa pedra — colocando um ponto final na vida térrea de Wenceslau de Moraes. Na sua habitação são encontradas três notas, escritas em português, japonês e inglês (ver figura 2.7). Estas notas teriam sido escritas 16 anos atrás do acontecimento da sua morte.

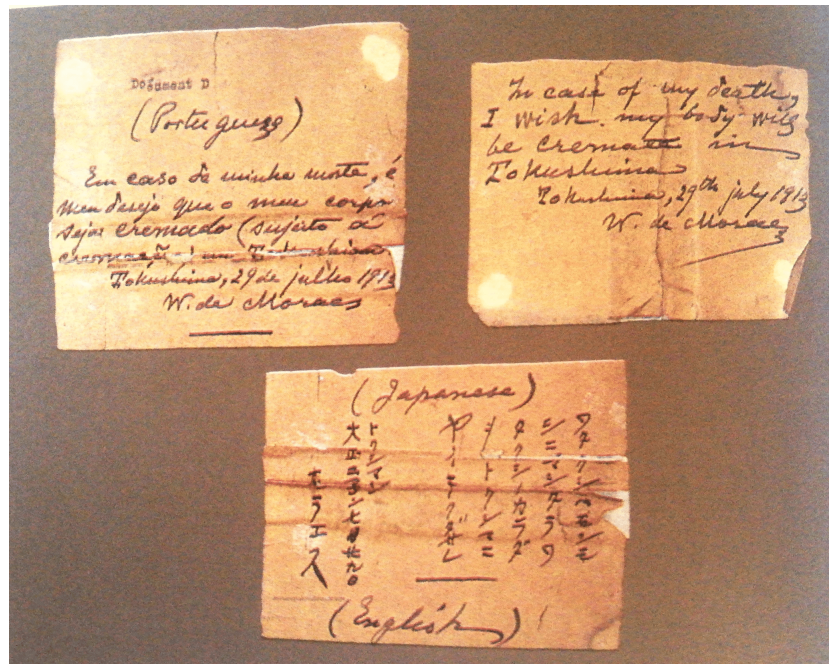


FIGURA 2.7: Notas datadas de 29 de julho de 1913 encontradas a quando a morte de Moraes a 1 de julho de 1929: “Em caso da minha morte é meu desejo que o meu corpo seja cremado em Tokushima”.

Após a sua morte, a vida e a obra de Wenceslau de Moraes foram motivo de várias produções cinematográficas, reedições literárias, entre outras produções artísticas. No Japão podemos encontrar vários monumentos em Kobe e Tokushima a homenagear o mesmo, inclusivamente em Tokushima existe um museu dedicado exclusivamente ao escritor onde existem espólios inéditos, no entanto, já em Portugal, nos tempos de hoje é apontado ainda como um autor em esquecimento. Como a Professora Ana Paula Laborinho afirma na obra prefaciada pela mesma: “Wenceslau de Moraes, autor ignorado em Portugal, encontra um surpreendente reconhecimento no Japão, ao ponto de um astrofísico ter dado o seu nome a um pequeno planeta que descobriu no universo.” (Moraes, 2015, p. 12)

Uma das motivações deste estudo será o travar essa onda de esquecimento.

2.2 Traços gerais da obra de Moraes

Será, a meu ver, pertinente, antes do desenvolvimento das características principais da obra de Moraes, introduzi-la no âmbito literário:

“Embora não possa ser integrada em nenhuma das correntes literárias que surgiram em Portugal em final do século, a obra de Moraes participa da revolta neo-romântica contra o positivismo e o naturalismo. Além disso, tratando-se de narrativas autobiográficas e de viagens por países não ocidentais, encontra o seu lugar na tradição do egotismo e do exotismo do século XIX.” (Laborinho, 2004, p. 17)

De facto, quando Moraes contacta com o Extremo-Oriente afervora a sua paixão crescente pelo exótico — que já vinha acumulando desde as suas viagens anteriores. Na narrativa de Moraes o mesmo, “empresta” o seu “olhar” ao leitor através das suas “impressões”, ainda que o mesmo considere uma “ousadia” tentar “esboçar” essas mesmas “paisagens”. Essa constatação é quase crónica ao longo das suas inúmeras escritas, tome-se como exemplo o “Post-scriptum” de Moraes à sua primeira obra publicada “Traços do Extremo Oriente”: “Vede como estes “Traços”, livro apenas pela forma, se afastam de qualquer plano conexo, sistemático, apresentando imprudentemente um estendal de impressões alinhavadas sem método, ao capricho da pena nómada, que ousa esboçá-las.” (Moraes, 1971, p. 249)

Moraes apresenta-se como um mero viajante observador que, na sua opinião, humildemente tenta retratar essa gloriosa paisagem que vai encontrando através da sua “pena⁴¹ nómada”.

Sem dúvida nenhuma que Moraes na sua obra transporta-nos para o seu “Universo”. O seu olhar estético sobre o exótico traduz-se numa imersão completa dos sentidos, contagiando-nos o fascínio pelo Oriente. A experiência sensorial é talvez o aspeto da obra de Moraes que mais facilmente sobressai a qualquer leitor que se debruce sobre os textos do mesmo:

“Agora a fauna. Pelo espaço, negrejam bandos de corvos, os “karasu”, escarninhos, voando e rindo às gargalhadas. Enormes borboletas pretas, nunca vistas, sugam as corollas. De dia, de noite, é incessante o ruído das cigarras, dos grilos, de outros bichos. Noites já, pelo estio, junto às ribeiras, em que uma chuva de fogo, de pyrilampos aos myriades, motiva festas ruidosas. Nos lagos dos jardins vagueam peixes de oiro, com os olhos a estoirarem, com as caudas esfarrapadas e rojantes, como se fôssem longos capotes de mendigos. Junto da casa de papel toma o sol, cantarola o gallo anão, do tamanho d’uma pomba; e à porta assoma o gato indigena, esqueletico, rabugento, sem rabo... porque todos os gatos no Japão nascem sem rabo; ou é o cão que ladra, o “chin”, verdadeira caricatura de cão, com os olhos esbogalhados a saltarem-lhe das orbitas, sem nariz, a cauda em pluma, parente degenerado de qualquer monstro de epochas remotas, hoje extinto.” (Moraes, 1938, pp. 123-124)

⁴¹Não confundir com “pena” (sentimento) com “escrita” a qual Moraes se refere.

A obra de Moraes caracteriza-se, de facto, pelo “documentário” paisagístico extremamente “colorido” que retrata o quotidiano chinês e japonês de um perspetivava dotada de uma sensibilidade muito própria (Capitão, 2012, p. 30). O que nos remete para um outro “traço” da obra de Moraes o “impressionismo⁴²”: “O seu estilo jornalístico, podemos assim afirmar, é o impressionismo. Documenta as suas descobertas, divulga a História do Japão e da China comparando-as continuamente com a do Ocidente em desfavor deste.”(Capitão, 2012, p. 31)

“[...], irrompeu a Primavera.

Pela noite velha, fôra chegando uma brisa como que amorosa, acariciadora, perfumada. No silencio das trevas, as carpas acordaram, n’um charco fronteiro ao meu albergue: e estrabuchavam, e produziam desusados ruidos, saltando fora d’agua, ardendo em cios, endemoninhadas. Quando rompeu o dia, e appareceu o sol, não se descreve o enlevo do bafo morno, embalsamado, genesiaco, que enchia o espaço. O ceu tinha azues novos; cirros de paz pairavam nas alturas. A paizagem esverdeára; esverdeára da herva nova, que surgia, e das arvores velhas, que se coloriam. A nossa observação educa-se n’este meio em especialidades de minucia, abundando por toda a parte, em campos e jardins, as coniferas, de todas as fórmãs, de todas as grandezas; estas arvores nunca se desfolham, mas no inverno descoloram-se, empallidevem como mulheres chloroticas, chegam a lembrar enfermos, chegam a lembrar coisas mortas; depois, a primavera excita-lhes a seiva, um verde intenso assoma-lhes às folhas, a vida recomeça, doida, vão desabrochar flores em fúria!...” (Moraes, 1938, pp. 32-33)

Surge, paralelamente, o aspeto da “compreensão da multiplicidade cultural”(Capitão, 2012, p. 30) que poderá também ser manifestada pela “compreensão cultural” — muito presente em toda a sua obra —, por si só será uma “característica” que merecerá ser abordada no âmbito do próximo capítulo.

É manifesto o “modo” como enaltece a sua adoração de uma cultura não só pela sua arte mas também pela história por de trás de um povo e a tentativa de descortino da sua “alma”⁴³ muito refletido no contraste civilizacional quando comparada com a “alma” ocidental. No entanto, este enaltecimento é drasticamente evidente quando se encontra no Japão; enquanto na China — à qual chegou primeiro — a narrativa é certamente diferente.

As temáticas abordadas na obra de Moraes intersectam, evidentemente, os pontos fulcrais da sua vida. Quando aborda o extremo-orientes pela primeira vez,

⁴²“Manifestação artística que traduz a impressão fugidia recebida de um facto ou da natureza, ao invés de procurar reproduzir os seus componentes de forma exata e objetiva.”((Dicionário de Língua Portuguesa), 2003)

⁴³Tal como Moraes define: “Alma japonesa!... mas o leitor sabe perfeitamente a que alma eu pretendo referir-me, dando à palavra uma significação de bem menos alta transcendência, isto é, a significação do pensamento íntimo do individuo, dos indivíduos, na apreciação das coisas.” ver Moraes (2015, p. 49)

estando instalado em Macau, as suas impressões remetem-nos para uma certa antipatia do “china”⁴⁴ perante o ocidental, fruto de uma relação de subjugação por parte deste último que Moraes tanto criticava. Tome-se como exemplo o conto “As Half-Caste”⁴⁵ presente na obra “Traços do Extremo Oriente”. Este conto critica severamente tanto o ocidental que se desresponsabiliza da eventual conceção que resulta de um relacionamento com uma chinesa, do mesmo modo, os chineses repulsivos, que “não as toleram” fazendo as “half-caste” seguirem pelos caminhos da prostituição.

“Os chinas não as toleram. [...] raparigas da água salgada, é a denominação mais benigna que elas lhes merecem; [...] Também lhes chamam — Olansu — as batatas, aludindo cómicamente à lambarice dos ingleses por estes tubérculos...” (Moraes, 1971, p. 101)

Não deixa, de qualquer modo, de observar com sensibilidade e compaixão a paisagem chinesa, não obstante de a mesma se encontrar algo corrompida pela forte presença ocidental. Descrevendo um pequeno porto de Macau:

“Não havia barquito onde não flutuasse em bambus horizontais um estendal de roupa húmida, cobertores vermelhos, trapos, cabaia, calções de todas as cores; era um confuso embandeiramento de miséria, que infundia tristeza ainda aos mais insensíveis.” (Moraes, 1971, p. 117)

Na transição e consequente permanência no Japão muda, seguramente, a abordagem que encontramos na China. Apesar de em ambos os casos manter a postura de observador da “paisagem” enquanto cultura e povo, a diferença reside essencialmente na realidade civilizacional que encontra no Japão que o leva a querer “aprofundar-se” e até segui-la radicalmente.

“Dai-Nippon, o Grande-Japão !... Eis-me, mais uma vez, rapazes da minha terra, tendo entre mãos o meu assumpto favorito. (Moraes, 1897, p. 3)

Embrenha-se de tal modo na história e na cultura nipónica que na sua obra chega a contemplar o chamado “folclore”⁴⁶ Japonês” e tradições ancestrais do Japão — “O culto do chá” e o “Bon-Odori em Tokushima” são exemplos disso: “Bon-odori é pois a dança da festa dos mortos, mystica cerimonia congratulatoria, persistindo desde os remotos tempos bárbaros, pela qual a família japoneza honrava por todo o império os seus defuntos.” (Moraes, 1916, p. 5)

Um traço em comum com os textos anteriores da China é o apontar da possível insensibilidade do “ocidental” em apreciar o requinte japonês na adoração do simples. Esta “crítica” muitas vezes surge explicitamente nos textos, outras é introduzida subtilmente na narrativa por forma a não afetar o retrato que Moraes apresenta:

⁴⁴Palavra que se refere ao Chinês nas obras de Moraes.

⁴⁵“As meia-casta” tradução minha, muitas vezes se confunde “As” com a conjunção Inglesa que significa “como”. A filha que surge do resultado concecional entre um ocidental e uma chinesa.

⁴⁶“Conjunto das tradições populares nas suas variadas manifestações (música, dança, canções, provérbios, anexins, lendas.” ((Dicionário de Língua Portuguesa), 2003)

“O chá japonês, servido invariavelmente sem leite e sem açúcar, que lhes prejudicariam o aroma, é a bebida mais suavemente agradável que possa oferecer-se ao nosso paladar (não de todos porém, mas um paladar sentimental, um tanto sonhador... [...])” (Moraes, 2008, p. 28)

Realço “sem leite e sem açúcar”, um costume que tradicionalmente se associa ao inglês, sugiro que, possivelmente neste caso, Moraes se dirija a esse povo.

Não é por motivos indiferentes que quando nos referimos à obra de Moraes frequentemente se utiliza a palavra “Universo”. O mesmo embrenha-se de tal modo na cultura que chega a “deliciar” os leitores com “cantigas” tradicionais ou provérbios japoneses com a respetiva transcrição fonética para o português e em paralelo a sua tradução, que obriga ao escritor um desafiante exercício interpretativo:

“Canta a velha:

Uji no shiba-buné
Hayasé wo wataru.
Watashya kawa-buné dé
Wataré yaku!...

Uji wa chá dokoro,
Cha wa en dokoro.
Masumé yaritaya
Muko hoshiya!...

Não perceberam? eu traduzo:

Os barcos d’Uji navegam,
Contra a corrente lutando,
Eu vou sem rumo ao capricho
Dos desejos, vagueando!

Uji é a terra do chá,
E o chá é casamenteiro.
Moços e moças em faina...

Que lidar tão feiticeiro!...” (Moraes, 2008, pp. 57-58)

Frequentemente, a obra de Moraes, busca inspiração em personagens femininas que fizeram parte da sua vida. Isto verifica-se desde o seu primeiro conto “Mistérios de um telhado”. No Japão, Wenceslau graciosamente valoriza e retrata a delicadeza da mulher japonesa em geral: “O encanto da “masumé”⁴⁷ está no seu convívio; não há país na Europa, onde a cortesia lembre de longe a cortesia japonesa, elevada desde os tempos mais remotos ao requinte duma verdadeira ciência.” (Moraes, 1971, p. 173)

Nas suas amadas, a “Senhora do Bago de Arroz”⁴⁸ e a “Senhora Primavera”⁴⁹

⁴⁷A rapariga japonesa.

⁴⁸O-Yoné

⁴⁹Ko-Haru

encontra ainda uma maior fascinação e dedica uma parcela da sua obra às mesmas. No entanto, o destino levou a que essas duas mulheres pudessem precocemente - introduzindo-se outras temáticas como a religião, a morte e a saudade, muito devido a esse facto. “Com O-Yoné e Ko-Haru, as duas mulheres japonesas que há poucos anos vi morrer, cujas atrozes agonias fixaram para sempre a feição sentimental deste resto de existência em que vegeto,[...]” (Moraes, 2009, p. 17)

Essa temáticas conduzem-nos para as obras finais de Moraes, muitas delas já apresentadas, onde a reflexão e o recolhimento se aprofundam numa certa “mística” na qual prevalece a tentativa da compreensão do “outro” Japão, paralelamente acompanhada por algum distanciamento da realidade do “eu” Moraes, ainda que tenha existido uma certa radicalidade no isolamento e na adoção do costume japonês na vivência de Moraes em Tokushima. É importante desenvolver o que pretendo dizer com a palavra “mística”: a “mística”⁵⁰ de Moraes não se pode confundir com o relato de uma fantasia nem com o epopeico, mas sim com o “modo” como relata a experiência que tem do Oriente através de uma escrita embelezada e sensível; o mesmo, quando introduz um capítulo da sua obra “Serões no Japão”, o “Album de Exotismos Japonezes” afirma que prefere a “gravura livre” à “photographia”, será talvez a sugestão que o escritor pretende revelar-nos o Japão, não de uma forma superficial, mas encontrando a sua essência verdadeira: onde a “gravura” será mais realista que a “fotografia”:

“[...], seria sob esta epigraphe suggestiva que as⁵¹ daria de novo à luz da publicidade, subordinadas ao plano que do proprio titulo⁵² se depreheende: — uma gravura, uma ilustração qualquer (preferindo à photographia o traço livre do pincel); e, ao lado, algumas linhas apenas, que lhe completassem o sentido.” (Moraes, 1925, p. 67)

Outra característica, a “solidão” não será exclusivamente um “traço” da sua vivência em Tokushima, reflete-se na sua obra uma certa sensibilidade, agora ainda mais aguçada, demonstrada com manifestações de “estima” por seres ou coisas do mais banal que existe no mundo: “No homem solitário, o amor pela criação é mais intenso,[...]. Daqui, a sua estima, por vezes exaltada, pelos animais, pelas árvores, pelas flores, direi mesmo pelas pedras, especialmente no Japão, onde o apreço que merecem não vem só dele, mas de todos.” (Moraes, 2009, p. 29)

Muita da narrativa profetiza a morte, onde se observa uma certa concertação com a fatalidade do fim, onde certos desassossegos dão lugar ao mistério: “[...] o homem velho prepara-se, como melhor pode, para encarar com firme resignação a fatalidade do seu próximo fim, do seu aniquilamento como indivíduo, sem tentar descobrir uma injustiça onde não há nem pode haver injustiça, mas simplesmente mistério...” (Moraes, 2009, p. 28)

Moraes, por consequência da reflexão profunda na qual se embrenha — nos seus anos finais — transmite uma certa serenidade perante a morte que se advinha:

⁵⁰Esta ideia também é defendida no estudo de Capitão (2012, pp. 31-32)

⁵¹As impressões de Moraes.

⁵²“Album de Exotismos Japonezes” seria o título a que se refere.

“Homens: — Tende por certo que, quando morrerdes, a Criação não deita luto pela perda que sofreu, pois não sofreu perda nenhuma. A criação honra-vos com a sua indiferença absoluta, nada mais. O Sol prosseguirá a sua marcha; as aves continuarão a cantar, as plantas continuarão a florescer; tudo se passará como dantes de passava, apenas com um espectador a menos. E pardais irreverentes irão talvez poisar sobre a vossa sepultura logo depois do enterro, maculando em ar de mofa o alvo granito com as grainhas das suas sujidades...” (Moraes, 2009, p. 35)

O percurso literário final de Moraes, como foi verificado, é certamente saudosista e espiritual, ainda que destine as suas últimas escritas ao “relance” da “História” e da “Alma” do Japão, as mesmas estão repletas de reflexões próprias como que se dedicasse o seu último esforço à compreensão da cultura e do povo que tanto amava.

“Horeta yamai ni kuduri nashi.

(Para a doença do amor não há remédios)” (Moraes, 2015, p. 265)

Capítulo 3

O confronto de Moraes com o “Orientalismo” de Edward W. Said

“Orientalismo moderno foi um aspecto do imperialismo e do colonialismo não é dizer nada de muito discutível. Mas não basta dizê-lo; é preciso que a afirmação seja elaborada analítica e historicamente.” (Said, 1990, p. 67)

Na sua obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, Edward Wadie Said⁵³ debruça-se metodicamente na concepção ocidental do “oriente” como uma construção por meio do “exotismo” acumulado refletido nas artes, na literatura e nos estudos das ciências sociais.

É certo que o presente estudo — estando apresentada a vida, a obra e o “objeto”⁵⁴ de Moraes — gravita inevitavelmente, em torno da problemática do “orientalismo”, portanto faz, na minha opinião, todo o sentido incluir a linha de pensamento do autor que carrega consigo o mérito de ter trazido (em 1978) a temática supracitada para a “mesa” da discussão e do debate que, tem tanto de atual como de histórica.

Apesar de Said concentrar a maioria dos exemplos de destinatários do fenómeno do “Orientalismo” no médio oriente, para o estudo em causa considera-se pertinente o confronto da obra escrita de Moraes, que aborda o extremo-oriente — especialmente o Japão —, com a tese defendida por Said. Defendo esta pertinência com os possíveis efeitos para os quais Said alerta (que irão ser desenvolvidos no próximo subcapítulo), que resultam da produção literária levada a cabo por um agente que, apesar das suas vivências, surge no mundo ocidental e vai ao encontro do oriente e decide representa-lo por meio das suas impressões. Isto implica que sejam analisadas as motivações e os objetivos que inspiraram o escritor a retratar o oriente e, posteriormente, perceber qual será o fim do conhecimento gerado sobre toda uma cultura que é alheia. Será portanto, o objetivo primordial deste capítulo,

⁵³“EDWARD W. SAID nasceu em Jerusalém em 1935. Filho de árabes cristãos, foi educado no Cairo e, mais tarde, em Nova Iorque, onde lecionou literatura na Universidade Columbia. Considerado um dos mais importantes críticos literários e culturais dos Estados Unidos, Said escreveu dezenas de artigos e livros sobre a questão palestina. Morreu em 2003.” ver Said (1990, p. 181).

⁵⁴Pretendo com esta expressão referir-me ao fascínio de Moraes pelo Oriente.

chegar a uma conclusão — a partir da análise da produção literária — das impressões escritas de Moraes face ao “Oriente”, que nos permitam classificar o resultado da ação artística de Wenceslau Moraes segundo a dicotomia — em parte levantada por Said — distorção ou descortino? Em breves palavras esta questão sugere que poderão existir produções artísticas motivadas por interesses que sejam exteriores ao fascínio ou à paixão pelo oriente.

Seria ilusório ambicionar analisar toda a obra de Moraes com a minúcia pretendida, deste modo, farei uma seleção de excertos de obras que, no âmbito deste estudo, e tendo em conta o método que apresentarei no próximo subcapítulo, me parecerão mais convenientes.

Tal como o Professor Machado⁵⁵ sugere no seu estudo, existem de facto, diferentes formas de encarar a problemática de Said, nesse aspeto tentarei apresentar as minhas leituras dessa problemática e aplica-las ao caso de estudo em questão.

“[...] perante as dificuldades levantadas pela crítica para se aplicar adequadamente ao caso português a leitura do problema feita por Said, [...] sugerem-se diferentes formas de as encarar, condizentes, de resto, com o que nos foi proposto pelo próprio Said, objecto de frequente distorção.” (Machado, 2018, p. 18)

Na condução deste estudo, para além da referida obra de Said, baseei-me na entrevista ⁵⁶ do mesmo por parte do professor Sut Jhally⁵⁷. Esta entrevista contribuiu significativamente para a compreensão da tese de Said uma vez que foi realizada no âmbito da sua obra publicada “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”.

3.1 O “Orientalismo” de Said, o levantamento da questão

No capítulo da Introdução deste estudo foi citado o “significado mais geral para o Orientalismo”, no entanto, Said (1990, p. 12) afirma “[...] que por Orientalismo quero dizer várias coisas, todas, na minha opinião, interdependentes.”:

“A designação mais prontamente aceite para Orientalismo é académica, e certamente o rótulo ainda tem serventia em várias instituições académicas. Quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente — seja um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo — nos seus

⁵⁵“Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV (2008), Everton V. Machado é Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (FCH-UCP) e investigador integrado no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC).” [consult. 2020-06-20 10:41:55]. Disponível na Internet: <https://fch.lisboa.ucp.pt/pt-pt/pessoa/everton-machado>

⁵⁶Ver Jhally (1998) [consult. 2020-06-07 15:31:47]. Disponível na Internet: https://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g&t=1187s

⁵⁷Professor da “University of Massachusetts Amherst”, na área da Comunicação (tradução minha). [consult. 2020-07-02 14:41:50]. Disponível na Internet: <https://www.umass.edu/communication/people/profile/sut-jhally>

aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é Orientalismo.”(Said, 1990, p. 12)

E ainda uma definição dita “mais histórica e material”:

“Tomando o final do século XVIII como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente — fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.”(Said, 1990, p. 12)

Considero importante apontar que Said quando introduz a sua obra, a certo momento faz ainda a seguinte consideração:

“[...]os franceses e os britânicos — e em menor medida os alemães, os russos, os espanhóis, os portugueses, os italianos e os suíços — tiveram uma longa tradição do que vou chamar Orientalismo, um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia.”(Said, 1990, p. 12)

Este agrupamento de países europeus “medindo” a sua “longa tradição do Orientalismo” — no que toca a posição portuguesa — a meu ver e apesar de não ter elementos comparativos suficientes neste estudo em particular, é uma afirmação que poderá ser, no mínimo, discutível.

No entanto, os argumentos de Said não deixam de ser válidos por desconhecimento do “Orientalismo Português”, muito pelo contrário, o mesmo salvaguarda a independência, na sua metodologia, de um “catálogo exaustivo de textos que tratam do Oriente”(Said, 1990, p. 13) sendo que, a matéria fulcral à qual se pretende dirigir é o conjunto de generalizações históricas ou de ideias estereotipadas que provêm de um “orientalismo” que o mesmo pretende expor na sua obra:

“Minha ideia, em *Orientalismo*, é utilizar a crítica humanista para expor os campos de conflito: introduzir uma sequência mais longa de pensamento e análise em substituição às breves rajadas de fúria polémica que paralisam o pensamento para aprisionar-nos em etiquetas e debates antagonistas cujo objetivo é uma identidade coletiva beligerante que se sobreponha à compreensão e à troca intelectual.”(Said, 1990, p. 8)

Sendo que, os maiores exemplos que Said encontrou dessa “instrumentalização” do orientalismo como ferramenta para o imperialismo em França e Inglaterra.

De facto, quando Said retrata o “orientalismo” traça determinadas características de uma forma perentória, diria mesmo que o próprio acaba por fazer uma generalização quase fatal — a relação entre o Ocidente e o Oriente é forçosamente uma relação de poder:

“Seria incorreto acreditar que o Oriente foi criado — ou, como digo, “orientalizado” — e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente

como uma necessidade da imaginação. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, [...]” (Said, 1990, p. 14)

Classifico “quase fatais” as considerações suprarreferidas porque efetivamente, não terá sido a busca de inspiração para a sua poesia que terá levado o ocidental, no sentindo coletivo da palavra, a pousar os pés em primeiro lugar em territórios orientais — terão sido possivelmente os impulsos expansionistas. De qualquer modo, creio que a validade deste argumento não terá sustentação suficiente que permita uma abrangência tão alargada quanto Said afirma. Terão sido exatamente as mesmas motivações que levaram os primeiros ocidentais ao Oriente as que inspiraram outros — ou posteriores — na busca ou no retrato do “oriente”? Encontrará, o “orientalismo”, justificação exclusivamente nas tendências ocidentais para o colonialismo? É neste aspeto que adivinho Moraes, certamente, como um caso de estudo apetecível.

Prevalece na tese de Said a proximidade do discurso “orientalista” às instituições do poder político e socioeconómico, conferindo a esse discurso o empossamento de um “conhecimento imutável” que encontra como destino final a distribuição pelas várias consciências coletivas ocidentais: quer isto dizer que a “construção” do oriente é numa primeira fase um retrato do escritor e essa “paisagem” será difundida (por meio da obra publicada) pelos destinatários (o público, o leitor) que, de algum modo, estes últimos, poderão aceitar esse documentário como representativo de uma cultura distante no plano físico e no plano racional — na sua grande maioria, não é uma realidade que possa ser testemunhada pelos leitores, à parte por vias da arte. Um dos grandes argumentos do autor encontra-se na perversidade do conjunto de visões dogmáticas ou talvez pontuais do oriente, altamente munidas de motivações políticas, que se servem de uma “compartimentação” ou “fixação” voluntária de uma dada “paisagem oriental”⁵⁸ no espaço e no tempo, onde o “oriente” em si é ingénuo e suscetível ou passivo de ser representado não como realmente é, mas sim como o “orientalista” ocidental o vê.

Ninguém melhor, na minha opinião, poderá explicitar quais serão os efeitos negativos deste “orientalismo”, se não o próprio autor:

“Os meus dois receios são a distorção e a imprecisão, ou antes o tipo de imprecisão produzido por uma generalidade demasiado dogmática e um foco localizado demasiado positivista. Ao lidar com esses problemas, procurei trabalhar com três aspetos principais da minha realidade contemporânea que me parecem indicar a solução para as dificuldades de método ou perspectiva que estou discutindo, dificuldades que poderiam nos forçar, no primeiro caso, a escrever uma polémica grosseira sobre um nível de descrição tão inaceitavelmente geral a ponto de não compensar o esforço, ou, no segundo caso, a escrever uma série de análises tão detalhadas e atomísticas a ponto de perdermos de vista as linhas de força gerais que informam a área, emprestando-lhe o seu poder convincente especial. Como então reconhecer a individualidade e conciliá-la com seu

⁵⁸Pretendo, com esta expressão, alargar a abrangência da palavra “paisagem” no sentido de representar não só o sentido estético do oriente, mas toda uma cultura, um povo e mentalidades.

contexto geral e hegemónico inteligente e de modo nenhum passivo ou meramente ditatorial?” (Said, 1990, p. 15)

Serão estes “três aspetos” absolutamente fundamentais para o presente estudo na medida em que servirão de pauta para o método pelo qual analisarei alguns excertos da obra de Moraes. Estes pontos não só são sugeridos e adotados por Said, como também foram o ponto de partida para a abordagem dos efeitos resultantes do “Orientalismo”:

1. “A distinção entre o conhecimento puro e o político.”(Said, 1990, p. 15)
2. “A questão metodológica.”(Said, 1990, p. 18)
3. “A dimensão pessoal.”(Said, 1990, p. 22)

Na tentativa de extrapolar a metodologia que utilizarei no próximo subcapítulo, carecem os três pontos citados, de uma certa explanação por forma a delimitar certas ambiguidades:

Relativamente ao primeiro ponto:

Não será especialmente difícil alegar que a veracidade de um determinado conhecimento impõe, drasticamente, isenção política. No entanto, a prática revela uma situação muito mais complexa do que aparenta. Para traçar a “linha” que separa o conhecimento puramente “erudito” ou “académico” do conhecimento “político” ou “partidário”, não existe algoritmo ou método pragmático que seja definitivo nessa distinção. Na verdade, isto acontece porque no próprio indivíduo existe a incapacidade de se abster das circunstâncias da vida ou do meio social onde inevitavelmente se insere, muito menos se desligar completamente das suas próprias opiniões que assumem a forma de crenças que compõe o ser humano como ser consciente e pensante.⁵⁹

“Ninguém jamais inventou um método para distanciar o erudito das circunstâncias da vida, da realidade de seu envolvimento (consciente ou inconsciente) com uma classe, um conjunto de crenças, uma posição social, ou do mero fato de ser um membro da sociedade” (Said, 1990, p. 15)

Certamente teremos em mão um desafio que muito dificilmente se tornará objetivo. No entanto, Said defende que de algum modo existem fortes indícios para o exercício da identificação de um conhecimento político:

“Em alguma medida, a importância política conferida a uma área provém da possibilidade de sua tradução direta para o campo económico; mas, em maior medida, a importância política provém da proximidade de uma área com fontes determináveis de poder na sociedade política.”(Said, 1990, p. 16)

⁵⁹Em certa medida este aspeto relaciona-se intimamente com a “dimensão pessoal”.

A potencial “tradução” socioeconômica ou no “poder na sociedade política” é indubitavelmente um excelente indício de importância política num determinado conhecimento, de qualquer maneira permanece a questão de que podem ser identificados potenciais interesses políticos tanto num conhecimento puramente erudito, tanto como num conhecimento perversamente político. Resta, na minha opinião, como resposta a esses dilemas, e na tentativa de eliminação de subjetividade tanto quanto possível, a contextualização ou demonstração — a partir da obra — com vista a definição de uma eventual posição política (ou motivações políticas) na qual poderemos inserir o “orientalista” em estudo, Wenceslau de Moraes.

Desenvolvendo o segundo ponto:

“Uma lição capital que aprendi e tentei apresentar foi que não há um ponto de partida meramente dado ou simplesmente disponível: o início de cada projeto tem de ser feito de maneira a permitir o que se segue.” (Said, 1990, p. 18) É incontroverso que esta “lição” que o autor aprendeu, é igualmente partilhada por mim enquanto estudioso de toda a questão a que este estudo se propõe, assim como se aplica a Moraes quando inicia o seu processo de construção da sua visão do “oriente”. O método de Said, na condução do seu estudo, procurou descrever a “autoridade intelectual” do “orientalista”, não só analisando os pressupostos que o mesmo adota quando retrata o “oriente” bem como se “localiza” — no sentido de como se relaciona — perante o “material oriental” sobre o qual se debruça (Said, 1990, p. 20).

“Todo aquele que escreve sobre o Oriente deve se localizar vis-à-vis ao Oriente; traduzida no seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto — todos os quais se somam para formar os modos deliberados de se dirigir ao leitor, de abranger o Oriente e, enfim, de representá-lo ou falar em seu nome. Mas nada disso ocorre de forma abstrata. Todo escritor sobre o Oriente (e isso vale até para Homero) assume algum precedente oriental, algum conhecimento prévio do Oriente, a que se refere e em que se baseia.” (Said, 1990, p. 20)

Aplicando este aspeto ao presente estudo torna-se fundamental perceber, afinal, onde se posiciona Moraes nos seus textos e de que maneira se relaciona com os mesmos.

Por fim, a “dimensão pessoal” é inegavelmente inerente aos aspetos anteriores. Said (1990, p. 22), quando nos apresenta este “aspeto”, elucida-nos com uma introspeção justificando aos próprios leitores quais foram as motivações pessoais, aliadas ao “consciente” que o mesmo construiu — que o levou a seguir o seu estudo. Por conseguinte, será o cerne deste “aspeto” perceber e “inventariar” consciências como sendo um processo de acumular de experiências que darão origem ao conjunto de traços que formulam o “eu”, o “eu” ocidental, o “eu” escritor, o “eu” marinheiro — uma infinidade de “eu’s” na visão do “outro”, o oriente. Não será uma enumeração literal, o objetivo deste “aspeto”, ao invés, o autor propõe-nos a sermos conscientes da nossa própria consciência. Consequentemente, quando nos propomos a abordar uma realidade que não é a nossa, torna-se imperativo conhecermo-nos a nós próprios,

compreender e assumir as nossas próprias motivações assim como o autor árabe fez quando conduziu o seu estudo:

“Fui capaz de fazer uso de meus interesses humanísticos e políticos para a análise e descrição de uma questão muito mundana: o surgimento, o desenvolvimento e a consolidação do Orientalismo.” (Said, 1990, p. 23)

Obriga este apelo a “escrevinhar”⁶⁰ quais são as minhas motivações — para além das de Moraes. Não querendo enveredar por um exercício extremamente filosófico, reside em mim uma vontade, em primeiro lugar, da busca da verdade. No entanto, não posso omitir que da minha parte existe uma certa empatia não só pela obra de Moraes, mas também por partilhar com o mesmo o facto de ser um militar da Marinha. Afirmar que tentarei ser imparcial ironicamente sugere à priori a adoção de uma certa parcialidade. Resta-me assumir, para benefício deste estudo, que estou consciente da minha inconsciência. O próximo exercício a que me proponho será certamente desafiante. Sugeri que fosse o quanto analítico possível, no entanto, como foi desenvolvido nas alíneas anteriores, existem, de facto, muitos aspetos suscetíveis de subjetividade: quer da parte de quem pretende analisar “a obra” de Moraes — que inevitavelmente recai num exercício interpretativo — quer a própria obra de Moraes em si, na medida em que até que ponto é realmente representativa daquilo que o autor sentiu, viu e imaginou.

A problemática levantada por Said, nos anos 70, não será um tema “gasto”, especialmente nos nossos tempos, onde assistimos ao ressurgimento de discussões relacionadas, em grande parte, com a “compreensão cultural”, um traço especialmente característico da obra de Moraes.

Segue-se na sequência lógica deste levantamento da problemática de Said, a aplicação ao caso de estudo, Wencelau de Moraes.

3.2 Moraes vs Said

Quando foram abordados os “traços gerais da obra de Moraes”, certamente o “traço” da “compreensão cultural”, que por razões da problemática que este capítulo aborda, merece ser integrado neste confronto com o “Orientalismo” de Said.

A análise será feita, tanto quanto possível, como foi proposto, de acordo com os “três aspetos” abordados no subcapítulo anterior.

O primeiro aspeto relaciona-se, de certa forma, com uma possível posição política de Moraes que, eventualmente, comprometeria as impressões que o mesmo teria do Oriente. Deturpando desta forma, a veracidade do seu “documentário” face ao extremo-oriental.

Como foi possível verificar no subcapítulo “A vida”, Moraes era certamente a desfavor — de um modo irremediavelmente generalizado — dos acontecimentos “políticos” que estariam a acontecer em Portugal, chegando a considerar que o país era “mal governando”. Fica, no entanto, a questão do “colonialismo” que na época

⁶⁰Tal como diria Wenceslau de Moraes.

era praticado por Portugal e por várias potências europeias. Seria este fenómeno o ponto de partida para uma eventual “aculturação” apontada por Said. No entanto, qual seria a posição política de Moraes perante essa tendência ocidental da época?

“Será talvez uma obcecação doentia do meu pobre espirito de sonhador, será; mas eu vejo sempre com pezar o effeito d’essa picareta demolidora, a que se convencionou chamar progresso, e que vae impudentemente ao coração dos povos destruir-lhes as tradições, as crenças, os usos, a homogeneidade typica, dando-lhes em troca, se não me engano, bem pouco mais do que alguns fardos de algodão inglez.” (Moraes, 1897, p. 52)

O excerto supracitado revela claramente, um sentimento de discórdia no que toca ao modo de como o “ocidental” (neste caso específico o inglês) se relaciona com o “outro” segundo motivações perversas (que conduzirão ao colonialismo), com o embandeiramento do “progresso” que na realidade ocultava o ato “demolidor” de culturas a troco de produtos mercantis.

Quando se analisam certas reflexões de Moraes relativamente à “ação ocidental” confrontadas com a tese de Said, fica a sensação que os dois se aproximam nas suas convicções:

“Quanto aos famosos progressos do pacifismo, quanto aos ardentes desejos de paz que o governa dos grandes Estados iam apregoando, quanto à sinceridade dos seus tratados... tudo palavrório,. ! . . tudo farça, nada mais. Sim, cada Estado deseja paz, ardentemente; mas sob a condição imprescindível do próprio engrandecimento desmedido, da própria riqueza alargada sem limites, á custa de mil vexames impostos a todos os outros Estados mundiaes. Não nos illudamos; o homem ha-de ser sempre o mesmo — o animal egoista, ambicioso, cruel, tal como a historia o vem revelando desde as épochas mais remotas.” (Moraes, 1916, p. 330)

O desejo da “paz” como fruto do “engrandecimento próprio” e submissão do “outro”: fica neste excerto o apontamento de um cenário fortemente relacionado com a questão levantada por Said relativa às “relações de poder” entre “ocidente” e o “oriente”. Certamente que se distinguem na narrativa, onde Wenceslau demonstra uma maior radicalidade e emotividade.

Mesmo quando exerce funções de cônsul — uma função diplomática e política — Moraes defende políticas⁶¹ de intercâmbio cultural onde várias vezes chega a admitir que o “ocidental” (neste caso Portugal) tem muito a “aprender” com o Japão. De facto, Moraes enquanto diplomata Português em Kobe e Osaca, agiu intensamente como que um promotor do intercâmbio cultural entre Portugal - Japão.

Muito precocemente no seu primeiro contacto com o Japão, Moraes identifica metaforicamente a incapacidade do “ocidental” de apreciar toda uma cultura pelo “sopro corrosivo da descrença” e pela “vulgaridade mercantil”. Será este um forte indício do “segundo aspeto” o da “metodologia” — que se traduz na descrição

⁶¹Ver subcapítulo 2.1 “A vida”

da posição do “orientalista” perante o “oriente” — certamente não será a sua, a posição que identifica do “ocidental”, quase cronicamente, nos seus relatos, como de “descrente” e “mercantil”:

“[...] o “Tai-yo-Sama”, Sua Excelência o Sol, te alumia a ti, e te abençoava a ti e aos teus filhos. Hoje, “Dai-Nippon”, tens muito menos de tudo isso; e tens a mais, com o teu chapéu de coco, e com as tuas botas, e com as tuas locomotivas, esse sopro corrosivo de descrença, e essa baixa vulgaridade mercantil, que a Europa te transmitiu, pois bem lhe sobram... Sayonara!...” (Moraes, 1971, p. 245)

Seguramente, Moraes nas suas narrativas, assume uma postura de observador, no entanto tece fortes críticas à realidade vedada que o “ocidental” adota, fruto de uma visão superficial e preconceituosa na cultura do “outro”:

“Em Yokohama anda de boca em boca uma frase que se pretende definir o Japão. Ides ouvi-la: - “fleurs sans odeur, fruits sans saveur, femmes sans pudeur, hommes sans honneur.”⁶² Verdadeira? quando se quiser dizer mal, nunca faltam pretextos. Mas disse-me, vós, que entendeis de carvão de pedra e de exportação de chá: o que entendeis de flores? mesmo de frutas, que se casam mal no estômago com o vosso whisky quotidiano? Falando especialmente dos japoneses e das japonesas, é bom dizer-se que o lar doméstico nunca se franqueia a estrangeiros. O “touriste”, o residente, podem a seu talante deliciar-se na paisagem nipônica; as suas ruas, os templos, os bazares, os teatros, as chayas, quase que já não têm segredos para eles; mas alguma coisa lhes fica vedada, a paz das famílias, os ninhos da virtude.” (Moraes, 1971, p. 227)

A continua ênfase da insensibilidade ocidental e a defesa do “núcleo familiar” dos valores do japonês reforça essa posição de “Moraes” ao se debruçar sobre essa cultura do “outro” por vias de uma perspectiva de compreensão que só poderá surgir de uma envolvimento que não será superficial nem tão pouco dotada do “preconceito” fortemente apontado por Said. Estas evidências permitem-nos demonstrar que Moraes no confronto cultural do “Ocidente” contra o “Oriente”, adota, certamente, o lado do “outro” o “oriental”. A adoção do costume Japonês em todas as suas vertentes — a qual associamos ao isolamento em Tokushima e ao processo de “japonização” — poderá do mesmo modo, ser indicativa da desconexão total e radical dos “olhos” e das “mentalidades” “ocidentais”.

A certo momento Moraes chega a dirigir-se ao “japonês” justificando em breves palavras como encontrou este “outro”.

“Agora, para concluir, mais algumas linhas que não são para vós, leitor, mas para um cavalheiro japonês, obreiro ilustre do país nipônico, patrioticamente entusiasta dos encantos da terra-mãe, embora conhecedor e apreciador do nosso Ocidente que percorreu em estudos profissionais.

⁶²Do francês para o português, tradução minha: “flores sem odor, frutas sem sabor, mulheres sem pudor, homens sem honra”.

Coisas do ofício me aproximaram dele; a simpatia nasceu espontânea, e não apagou a ausência.” (Moraes, 1971, p. 245)

Foi realmente o “ofício” que levou Moraes ao extremo-oriental, a ponte que o levou a muitos outros locais ao longo da sua vida, mas a “simpatia” pelo Japão — que se pode considerar afiguradamente como o “exótico” — surgiu “espontânea”, possivelmente poderá isto indicar, apesar de terem sido motivos profissionais que levaram Moraes a navegar rumo ao extremo-oriental, que a descoberta e o aprofundamento na cultura será do mérito próprio. Sugiro com esta consideração, reforçar a hipótese de Moraes retratar o extremo-oriental, desprovido de motivações políticas ou por dados adquiridos preconceituosamente. Sendo que, para além de ser movido por um forte fascínio pelo Oriente, Wenceslau preocupa-se e procura despromover a interpretação perversa do “Oriente”. De notar, que o Japonês “conhecedor e apreciador do nosso Ocidente” demonstra uma certa disposição para o já referido “ intercâmbio cultural” que Moraes vivamente estimulava.

Em certa medida, será um exercício deveras ingênuo, tentar abordar a “dimensão pessoal” isolada de todos os outros aspetos já referidos. Esse aspeto acaba por fundamentalmente adquirir sustentação em todos os outros, já abordados. O próprio estudo a que me proponho acaba por tentar abranger toda essa “construção” da “dimensão pessoal” que se inicia pelos contextos e ambientes históricos, conduzindo a todo um percurso de vida e resultando numa obra escrita, que muito dificilmente poderá ser considerada totalmente conhecida e compreendida.

O percurso de vida de Moraes, indica-nos, no que toca a sua “dimensão pessoal”, que a sua predisposição para “abraçar” o exótico surge acima de tudo de um fascínio, este fascínio encontrou, certamente, o seu apogeu no Japão. Said apela, como foi desenvolvido no subcapítulo anterior, que o aspeto da dimensão pessoal, na realidade, deve-se servir de um exercício introspetivo:

“O Japão foi o país onde eu mais vivi pelo espírito, onde a minha individualidade pensante mais viu alargarem-se os horizontes do raciocínio e da compreensão, onde as minhas forças emotivas mais pulsaram em presença os encantos da Natureza e da Arte.” (Moraes, 2009, pp. 8-9)

Moraes facilita a compreensão da sua “dimensão pessoal”, dado que faculta nos seus textos inúmeras introspeções. O próprio sugere que, no Japão, aprimora o consciente da sua “individualidade pensante” por vias da expansão dos seus “horizontes do conhecimento”, isto reforçará a tese que, possivelmente, quando Moraes se aproxima do “outro”, é movido pelo fascínio e nele mesmo consegue-se definir pela “espiritualidade” que encontrou na paixão pelo “belo” do “exótico”. Remetendo-nos, de certa forma, para a “religião de esteta” que o mesmo adotou ao longo da sua vida.

Conclusão

“Mas vamos ao assunto, velho de Tokushima; e não enfades muito os teus amigos desconhecidos, por favor...” (Moraes, 2015, p. 309)

Aproximando-me da conclusão deste estudo, foram inúmeras as vezes que me cruzou na mente o seguinte pensamento:

Mas afinal, quem foi Moraes e porquê?

O marinheiro que rumou ao exótico?... O esteta do extremo-oriental?... O diplomata?... O “Nihonjin Moraesu”⁶³?... O escritor orientalista?...

Certamente que, de um ponto de vista científico, a questão não terá exclusivamente uma resposta direta. O objetivo deste estudo foi o de abordar sequencialmente o contexto histórico, a vida, a obra e o resultado proveniente desta última que se reflete no “orientalismo”. Posto isto, partilho a opinião de muitos biógrafos ou estudiosos que, ao concluir os seus trabalhos refutam a ideia de que a “página” da “história” de Moraes possa finalmente ser encerrada... No entanto, o que se pode concluir deste estudo?

Na abordagem do contexto histórico verifica-se que Moraes, inegavelmente, surge numa época fortemente marcada pela transição. O clima de tensão e a instabilidade política da primeira metade do século XIX dão lugar à “Regeneração” onde a partir de uma “plataforma política”, de certa forma, foi possível reconciliar “partidarismos” para benefício do tão carecido desenvolvimento português. Tal facto permitiu uma consolidação política significativa e, do mesmo modo, abrir caminho à implementação de novas políticas “desenvolvimentistas” alicerçadas no modelo económico do “Fontismo”.

Estas novas ideologias fizeram-se alastrar à Armada sob duas vertentes: por um lado, em virtude dos interesses nacionais nas colónias, surgem estratégias ultramarinas renovadas (ainda que algumas fossem inspiradas em passadas); por outro, essas visões espoletaram o investimento “material” na mesma, resultando na implementação das tecnologias da “Primeira Revolução Industrial”. Esta “revitalização” da Marinha foi levada a cabo pela mão dos três políticos e cronologicamente: Sá da Bandeira, Mendes Leal e Andrade Corvo — apesar de um atraso muito significativo em relação à tendência europeia, este investimento acabou mesmo por provocar a transição da “Marinha Velha” para a “Marinha Nova”. Não obstante, observa-se em várias situações, algum distanciamento entre o plano dos governos e sua respetiva concretização. Mas ainda que não fossem cumpridos na íntegra, os planos para a

⁶³O “japonês Moraes”, como lhe chamou a primeira tradutora nipónica da sua obra, Tomiza Hanano

Marinha da segunda metade do século XIX, tiveram êxito significativo: tanto de uma perspectiva estratégica, como de melhoramentos “materiais” refletidos em aquisições de navios.

Terão coincidido estas transições com o “embarque” de Moraes na carreira naval. A escolha de Moraes em servir a Armada terá seguido motivações que, não poderão ser solidamente sustentadas. No entanto, apresentando os factos, a presença militar na família Moraes, existiu. O que não poderá ser comprovado tão evidentemente é a possibilidade de Moraes estar elucidado das transformações que estariam a ocorrer no País, tanto de uma perspectiva política como da revitalização da Marinha, muito embora, ao longo da sua vida, se demonstrar conhecedor e crítico dos governos portugueses. Faltará provar em que ponto da sua vida este hábito de acompanhamento da realidade política se principiou.

Serviu em vários navios, alguns deles foram adquiridos em virtude das três fases de “revitalização” da Marinha. Do mesmo modo, o tipo de missões que executa vão de encontro às, já referidas, estratégias da época de defesa dos interesses nacionais especialmente nos territórios ultramarinos.

As campanhas em África caracterizam os intensos anos iniciais da atividade enquanto marinheiro. Ainda que repleta de relatos de louvor e apreço, pode-se considerar a carreira militar de Moraes certamente como típica. Com típica refiro-me ao percurso de carreira relativamente homogêneo de um oficial numa época onde a Armada se encontra fortemente vocacionada para o Ultramar. Certamente se distingue de uma carreira dita “típica” quando já em Macau resolve a preferência relacionada com a sucessão do posto de capitão de porto. Terá sido esta a época na qual que se sucedem os momentos de maior controvérsia na vida profissional. Moraes força um “desviar” de carreira, ao contrário do idealizado pelo seu superior hierárquico (o capitão do Porto de Macau). Movido por um sentimento de injustiça, faz valer as suas intenções por métodos algo drásticos (uma vez que decidiu mover influências políticas) para o estabelecimento de um consulado em Kobe — ainda que, estratégica e politicamente falando, a criação do consulado no Japão seja justificavelmente proveitoso. Este evento não deixa de revelar uma forte vontade de Moraes em se aproximar da sua grande paixão, o Japão, e de facto, conseguiu.

Do prisma da “vida” pessoal de Moraes, observa-se que o marinheiro era de facto, um escritor compulsivo, tanto é, que demonstra essa faceta antes de se tornar no brilhante marinheiro que foi. Mesmo numa fase muito precoce da sua vida — na infância — revela uma certa tendência a escrever. Claro que, o que inicialmente se aponta como um ato de alguma ligeireza, toma as proporções fascinantes quando através da sua vida de marinheiro vai ao encontro do “mundo exótico”. Aponta-se que desde muito cedo nas suas campanhas, demonstra uma certa tendência a “abraçar” esse “mundo”.

Ao traçar o retrato biográfico de Moraes, surge uma outra constante: as paixões por determinadas “personagens” femininas. É verdadeiramente significativa, a influência que as suas paixões exerceram na sua existência, tanto de um ponto de vista do percurso de vida como da sua escrita. De facto, observando os momentos

fulcrais da vida de Moraes, constata-se que poderemos associar um “capítulo amoroso” aos respetivos. A ida para Macau — rutura do relacionamento com Maria Isabel dos Santos; a criação do consulado em Kobe e consequente transferência — separação da Atchan; o isolamento em Tokushima — falecimento da única mulher que esposou, O-Yoné. Não pretendo, de modo algum, afirmar que estes “momentos fulcrais” surgiram exclusivamente destes episódios amorosos, no entanto foram certamente influenciadores e indicadores de um certo radicalismo. Demonstra-se este radicalismo com renegação ao passado com Atchan, esta atitude poderá estar relacionada com o facto de ela própria ser uma “half-caste”, filha de pai inglês, possivelmente levou a que Moraes, do mesmo modo, excluísse da sua vida o lado familiar da chinesa e dois seus dois filhos. No entanto, durante toda a sua vida garantiu a educação e o sustento dos mesmos.

No Japão, enquanto diplomata, podemos afirmar que o seu maior contributo residiu na estimulação do diálogo luso-nipónico. Isto demonstrou-se com os relatos que o mesmo escreveu para Portugal com um teor mais elucidativo da organização do Japão enquanto império e as demais vantagens que poderiam surgir de trocas culturais e comerciais com o mesmo. Esta estimulação teve alguns resultados, como por exemplo, a representação portuguesa na exposição internacional de Osaka em 1903, embora este estudo não se debruce profundamente nessa vertente.

A partir do momento em que Moraes se estabelece no Japão a sua escrita centraliza-se no mesmo. Nesta fase casa-se com a japonesa O-Yoné e inicia o processo de “japonização”. Com a morte da sua esposa e respetiva sobrinha com quem manteve um relacionamento breve, conduziram à vivência em isolamento em Tokushima, será este o culminar do até então processo crescente de “japonização”, marcado pelo pesar da morte das suas amadas. Esta fase final de Moraes caracteriza-se pela maneira como cortou radicalmente as suas “raízes” a Portugal, decidindo viver como um anónimo japonês, mantendo apenas o “cordão umbilical” da sua correspondência com alguns amigos e família.

A obra, por sua vez, é reveladora dos grandes eventos da vida do marinheiro. Será importante estabelecer que a “obra” de Moraes, contempla duas vertentes que se relacionam intimamente (e até se confundem), a correspondência trocada com próximos ou com revistas da época, e a sua obra publicada que muitas vezes acabava por ser compilações dessas mesmas cartas. Quando analisada a “escrita” de Wenceslau conclui-se que a mesma acaba, explícita ou implicitamente, por ter um remetente e um destinatário. Pretendo com isto dizer que na obra de Moraes, o “orientalista”, o remetente, escreve retratando o oriente, o exótico, onde poderemos identificar o destinatário como o “ocidental”. Isto demonstra que Moraes pretende revelar o exótico e toda uma cultura associada ao extremo-orient, ao lado “ocidental”, certamente desconhecedor. De facto, o conhecimento português do extremo-orient, mais propriamente do Japão, no início do século XX, deve o mérito a Wenceslau de Moraes.

Em breves traços, a análise da obra remete-nos para as seguintes conclusões: a sua atividade enquanto escritor foi cronicamente inspirada pelo fascínio do exótico e de certa maneira pelas personagens femininas que fizeram parte da sua vida

amorosa. A sua escrita define-se pelo estilo jornalístico do documentário, embelezado pelo impressionismo de uma experiência sensorial muito característica, onde no “retrato” da paisagem oriental adota temáticas com intuito do aprofundamento nas essências da cultura, do povo e da “alma” acompanhada pela apreciação da Natureza onde “floresce” o requinte das coisas simples.

As suas impressões íntimas demonstram uma sensibilidade vivamente alertada para questões morais e para a compreensão cultural, do mesmo modo e de uma maneira constante, verificou-se uma certa tristeza perante o “rumo” dos acontecimentos em Portugal e no Mundo, repletos de conflitos e de uma carência de valores morais francamente generalizada (de acordo com o próprio).

Atendendo às suas obras finais, especialmente na obra *Meditações*, esta sensibilidade “aguça-se” revelando inclusivamente uma certa espiritualidade profetizando o fim da sua existência terrena e o apaziguamento como única solução para o apaziguamento da sua alma. Esta fase mais espiritual associa-se evidentemente ao acumular do desgosto e da infelicidade pelos vários motivos já referidos, resultando numa certa concertação do “fim” como a solução para as inquietações da alma.

A reflexão sobre o “orientalismo” de Moraes, possivelmente foi a fase do estudo mais desafiante do ponto de vista filosófico. Pretendeu-se conduzir a análise da produção literária do escritor com vista o fim que a mesma teve: a distribuição de “conhecimento” pelas consciências coletivas ocidentais (especialmente a portuguesas) da época. Do ponto de vista crítico, esta abordagem foi alicerçada sobre a linha de pensamento do autor Said, uma vez que o mesmo consegue na sua obra levantar uma série de questões associadas a “visões” ou retratos do “oriental” sobre forma de um fenómeno fortemente suscetível a sofrer de motivações perversas, que como consequência darão a origem à “instrumentalização” do conhecimento para benefício do imperialismo ou colonialismo.

Por sugestão do próprio autor, este exercício obrigou, inclusivamente, à cogitação das minhas próprias motivações enquanto condutor de um estudo que envolveu as perspetivas de duas individualidades: Said e Moraes o “orientalista”; por forma a minimizar o quanto possível conclusões parciais ou tendenciosas na abordagem de uma temática sensível nos aspetos da ética e da moral.

Propus-me a desenvolver, de uma forma simplificada e metódica, o conceito de “orientalismo” de Said com o fim de confrontar com o “orientalismo” de Moraes por meio da sua obra. Tal exercício levou-me a concluir que, apesar do último capítulo se propor a confrontar conceptualmente o “Orientalismo” de Moraes e do autor árabe, as questões que Said levantou quando definiu esse mesmo, aproximam-se, curiosamente, das críticas que Moraes tecia às potências “colonizadoras” da época.

De certo modo, a aplicação dos três aspetos balizadores da tese de Said com o “orientalismo” de Moraes, verifica-se que este último procura a revelação — no sentido de descortino — do “Oriente”, através da compreensão cultural dotada da sensibilidade para as questões das visões “perversas” apontadas por Said. Esta afirmação é sustentada, do mesmo modo, pela grave discórdia (de Moraes) com as generalizações preconceituosas e com a insensibilidade para compreender o “outro”

inserido na cultura, na arte e na mentalidade. Tais fenómenos eram, na época, frequentemente apontados pelo escritor.

Não se poderá ignorar que, sem dúvida nenhuma, foram as conjunturas dos interesses nacionais — até porque um militar serve a sua pátria — que agiram como “meio de transporte” que levou Moraes aos locais “exóticos”, no entanto, creio ter comprovado que a verdadeira motivação que o terá inspirado a fazer o “retrato paisagístico” do Oriente seria inegavelmente um fascínio — desprovido de interesse económico ou político e muito menos com intenções de distorção.

A finalização desta investigação desvendou uma série de questões que futuramente poderão ser objeto de estudo, entre as quais destaco:

- O estudo mais individualizado da obra com levantamento do conteúdo histórico da mesma, especialmente no contexto da História do Japão e da China;
- Análise dos espólios presentes no Japão;
- Estudo do impacto cultural da obra de Moraes em Portugal;
- Análise dos artigos que Moraes escreveu relativos à Marinha do Japão, inseridos num campo mais técnico;

Estando perante o fim do meu estudo, irei relatar algumas dificuldades sentidas na elaboração do mesmo.

O ano de 2020 será um ano marcado por um novo Desafio Mundial, a pandemia COVID-19. Governos de todo o mundo agiram (ou não) segundo suas convicções no combate a este vírus que deflagra pelo povo. E de que forma se interliga este facto com o presente estudo? Pois bem, em Portugal tal como na grande maioria dos países Europeus, foram implementadas medidas de confinamento e de cessação de instituições que recebem público. Este contexto, surtiu alguns efeitos negativos na investigação pelo impedimento de acesso e análise de determinados espólios presentes em certas Instituições, abrangidas por essas medidas. Na tentativa de minimizar essa restrição algo significativa, procurei adquirir uma coleção respeitável das obras de Moraes, bem como outras, essenciais para a investigação, complementando todas as que estavam disponibilizadas em Bibliotecas Digitais. Certamente não foi o ambiente ideal de disponibilização e acesso a recursos bibliográficos, mas no que toca à resposta a este desafio, faço um balanço positivo.

Fontes

MORAES, W. (1897). *Dai-Nippon*. Imprensa Nacional. Obtido dezembro de 2019, de <https://archive.org/details/dainipponogrande00mora>

MORAES, W. (1916). *O "Bon-Odori" em Tokushima*. Porto Companhia Portuguesa Editora. Obtido dezembro de 2019, de <http://www.archive.org/details/obon-odorientokusOOmora>

MORAES, W. (1925). *Serões no Japão* (1ª ed.). Lisboa, Portugal - Brasil.

MORAES, W. (1938). *Paisagens da China e do Japão* (2ª ed.). Lisboa, Empresa Literária Fluminense, Lda.

MORAES, W. (1971). *Traços do Extremo Oriente* (3ª ed.). Parceria A. M. Pereira, Lda.

MORAES, W. (2008). *O Culto do Chá* (2ª ed.). Lisboa, Relógio D'Água Editores.

MORAES, W. (2009). *Meditações* (Alma Azul). Coimbra, Gráfica de Coimbra, Lda.

MORAES, W. (2015). *Relance da Alma Japonesa* (A. Nunes & M. P. Pinto, Eds.). Casa da Moeda/Imprensa Nacional.

MORAES, W. (1904). *Cartas do Japão - Antes Da Guerra (1902-1904)*. Porto, Livraria Magalhães & Moniz - Editora. Obtido janeiro de 2020, de <https://archive.org/details/cartasdojapo01mora>

PIRES, D. (1993). *Wenceslau de Moraes. Fotobiografia*. Lisboa, Fundação Oriente.

Bibliografia

- ANTUNES, S. P. (2015). “Wenceslau de Moraes, suas obras e o serviço exterior português na Ásia”. *Revista de Cultura*, 49, 111, 112, 113. Obtido fevereiro de 2020, de <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/85-99829-93-6g>
- CAPITÃO, M. M. d. S. F. (2012). *Entre duas civilizações : O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes* (Tese de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, A. B. R. (1997). “Macau e a Marinha”. *Revista da Armada*, (300), 7–30. Obtido agosto de 2020, de <https://tinyurl.com/y6rxyv5a>
- (Dicionário de Língua Portuguesa). (2003). impressionismo, folclore. *Porto*, Porto Editora.
- ESPARTEIRO, A. M. (1976). *Catálogo dos Navios Brigantinos (1640-1910)*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos de Marinha.
- JHALLY, S. (1998). Edward Said On Orientalism (vídeo). The Media Education Foundation. Obtido junho de 2020, de <https://tinyurl.com/y9cuu7k4>
- KEMP, T. (2014). *Industrialization in nineteenth-century Europe, Second edition*. Obtido março de 2020, de <https://www.taylorfrancis.com/books/9781315836492>
- LABORINHO, A. P. (2004). *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- MACHADO, E. V. (2018). *O orientalismo português e as Jornadas de Tomás Ribeiro. Caracterização de um problema*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- MARTINS, I. B. (2015). *Portugal e o Japão : Armando Martins Janeira e Wenceslau de Moraes , duas personalidades humanas diferentes* (1^a ed.). Torre de Moncorvo : Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.
- NEVES, R. (1999). “Wenceslau de Moraes, Oficial da Armada”. *Revista da Armada*, (318), 17–20.
- PEREIRA, J. A. R. (2004). *Wenceslau José de Sousa Moraes: O Marinheiro e a Armada do Seu Tempo (1854 - 1929)* (C. C. da Marinha, Ed.). Comissão Cultural da Marinha.
- RAMOS, R., SOUSA, B. & MONTEIRO, N. (2009). *História de Portugal* (8^o). A esfera dos livros.
- SAID, E. W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Bueno, Tomás Rosa (trad.) (M. Hatoum, Ed.). Companhia de bolso.
- SARDICA, J. M. (1997). *A política e os partidos entre 1851 e 1861* (Vol. 32). Obtido março de 2020, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221841071B6tBX9hq5Jn11LV2.pdf>
- SILVA, F. (2012). *O fim das naus e a Marinha da transição. Um Inquérito da Câmara dos Deputados (1853-1856)* (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa.

Anexo I

“CRONOLOGIA”

Retirado de Pires (1993, pp. 15-47)

1854

Maio

30

Nasce Wenceslau José de Sousa Moraes, filho de José de Sousa Moraes e de Maria Amália de Figueiredo Moraes, na Travessa da Cruz do Torel, 4, 2.º andar, em Lisboa. O pai e a mãe eram primos, sendo aquela filha do brigadeiro José Estanislau da Cruz Figueiredo.

Em carta de 7 de Setembro de 1925 afirma que em criança se divertia a «escrever arremedos de jornais, pode-se imaginar com que disparates».

1864

Frequenta o Colégio de Santo Agostinho, situado na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa.

Regista num diário as suas impressões.

1867

Março

1

Nasce Francisca de Sousa Moraes, a sua irmã dilecta.

1871

Agosto

29

Assenta praça voluntariamente no Regimento de Caçadores 5.

1872

Setembro

23

Aspirante da Marinha, auferindo 12 mil réis por mês.

Por esta altura, apaixona-se intensamente por Laura de Alenquer, que não corresponde ao seu amor. Na última carta conhecida que lhe dirigiu, afirma: «Entrego-lhe também as suas cartas, minha Senhora, cartas que beije com loucura de criança, julgava-as sinceras; as minhas, não as quero, dê-lhes o destino que deu às esperanças que me inspirou.»

1873

Outubro

10

Completa o curso preparatório da Marinha na Escola Politécnica.

Falecimento do pai.

1874

Julho

13

Completa o primeiro ano do curso da Marinha e embarca na corveta *Bartolomeu Dias* para fazer um estágio, na companhia dos aspirantes José Augusto Soares, João Manuel Guerreiro de Amorim, José Godinho dos Santos, D. Miguel de Melo e Américo Pestana Goulão.

Setembro

23

Regressa à Escola Naval, que frequenta até concluir o curso, a 2 de Julho de 1875.

1875

Embarca na fragata *D. Fernando II e Glória* para fazer o tirocínio de artilharia.

- Outubro**
21 É promovido a Guarda - Marinha, sendo o nono classificado entre 13 aspirantes.
- Dezembro**
24 Transferido para a canhoneira *Zarco*, estacionada em Macau. Porém, a sua partida para o Oriente não se concretizou.
- 1876**
Janeiro
10 Escreve «Os Mistérios de um Telhado (Devaneios)».
- 15 Regressa à fragata *D. Fernando II e Glória*.
- Março**
20 Transferido para o transporte *Índia* para viagem de instrução, levando produtos para a exposição de Filadélfia. Esta embarcação, comandada pelo capitão tenente António Duarte Pedrosa, faz escala na Horta e em Delaware.
- Abril**
22 Ancora em Filadélfia, cidade americana onde permanece um mês.
- Junho**
De regresso a Portugal, serve sucessivamente na fragata *D. Fernando II e Glória* e nas corvetas *Sagres* e *Bartolomeu Dias*.
- Dezembro**
5 Depois de uma breve passagem pela *D. Fernando II e Glória*, ingressa no *África*, navio que transportava material para o Caminho-de-Ferro de Moçambique.
- 1877**
Janeiro
Em Cabo Verde.
- Fevereiro**
Estadia em Luanda.
- 18 a 24 Na cidade do Cabo.
- 27 a 4 de Abril do ano seguinte serve no vapor *Sena*, pertencendo à Estação Naval de Moçambique. Este navio patrulhava a costa e os rios de Quelimane.
- Março**
5 Encontra-se em Lourenço Marques.
- Maio**
25 Em carta dirigida à irmã Emília, pergunta: «Como estão os meus livros? Grandes arrumações? Manda-me dizer como está o meu gabinete, qual a disposição dos móveis, e se ainda existem as flores que eu tinha.»
- 1878**
Abril
5 É transferido para a corveta *Mindelo*, comandada por Jacinto Fernandes da Rocha Rodrigues Bastos.
- 6 Parte numa expedição para indagar a veracidade de uma denúncia de venda de escravos negros, facto que não se confirma.
- Maio**
4 a 13 A bordo do *Tete* realiza missões idênticas.
- Agosto**
10 Parte para o sul para reforçar a defesa da ilha da Inhaca, cobijada pelos ingleses.

- Setembro**
12 e 13 Colabora na ocupação da ilha da Inhaca, sem resistência por parte dos nativos.
- Novembro**
Comissão em Quelimane.
- 1879**
Janeiro
Patrulha a costa de Moçambique com o objectivo de fazer frente aos escravagistas.
- 25 A corveta *Mindelo* regressa à Inhaca, por se temer um ataque dos ingleses.
- Inicia a sua correspondência com Maria Isabel dos Santos, explicadora de línguas, casada, 8 anos mais velha, que morava no primeiro andar do seu prédio. A correspondência, toda em francês, intensifica-se ao longo do ano.
- Março**
10 Transferido para o vapor *Sena*.
- Agosto**
9 Regressa a Portugal, via Suez, a bordo do *Africa*, navio capitaneado por António Duarte Pedrosa.
- Novembro**
4 e 11 Em Adén e Port-Saïd.
- 24 Chega a Lisboa, sendo transferido para a fragata *D. Fernando II e Glória*.
- Dezembro**
31 Instrutor da Escola de Alunos Marinheiros, na corveta *Duque de Palmela*.
- 1880**
Janeiro
21 Transferido para a corveta *Mindelo*.
- Fevereiro**
4 Passa a pertencer à Escola Naval.
- 12 É promovido a Segundo-Tenente, obtendo a segunda melhor classificação de entre os oito candidatos.
- Intensifica a sua correspondência com Maria Isabel dos Santos, chegando a escrever-lhe duas e três vezes por dia.
- Novembro**
16 Começa a exercer na canhoneira *Quanza*, comandada por Carlos Maria da Silva Costa.
- 1881**
Março
4 Regressa à corveta *Mindelo* e parte para Moçambique, via Suez, a 6 de Junho.
- Julho**
20 Dias depois, parte de Adén para Zanzibar. É obrigado a voltar àquele porto por o navio meter muita água, devido às monções e a ter-se declarado fogo a bordo.
- Setembro**
17 Recebe um telegrama anunciando que o seu filho nasceu morto. A mãe era Maria Isabel dos Santos.
- Outubro**
13 Parte de Adén, com destino a Moçambique, fazendo escala em Zanzibar.

Novembro

Em Moçambique:

No final do ano, o Comandante da *Mindelo*, Gregório José Ribeiro, no seu relatório, afirma que Wenceslau de Moraes é um «oficial inteligente, de esmerada educação e bastante militar», «hábil e cuidadoso como oficial de quarto», «dedicado ao serviço e aos estudos da sua arma» e que apresenta um «comportamento civil e militar excelente».

Mantém uma correspondência assídua com Maria Isabel dos Santos.

Colabora no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1881*.

1882

Fevereiro

11 Missão em Tunque.

Março

3 Regressa a Moçambique, depois de uma fricção com as forças de Zanzibar. Em causa reivindicações de carácter territorial.

Junho

23 Escreve ao médico de bordo, Ângelo de Mendonça Franco, solicitando-lhe que, na eventualidade do seu falecimento, afire ao mar uma caixa fechada a cadeado que se encontra no seu camarote, caso não seja possível ser sepultado com ela. A referida caixa continha cartas e retratos. Pede ainda que seja feito o mesmo se enlouquecer.

Julho

22 A mãe tem uma comoção cerebral, facto que o escritor vem a atribuir a Maria Isabel dos Santos, anos mais tarde.

Agosto

6 Com o Governador Agostinho Coelho parte na *Mindelo* para Tunque, onde ancora a 12. No dia seguinte, de madrugada, Wenceslau de Moraes é cordialmente recebido pelos árabes a quem propôs a compra de água e de outros produtos. No dia 14, os árabes recusam o desembarque ao Governador. Regresso à Moçambique.

Por esta época terá conhecido Anussi, uma negra moçambicana, de quem pouco se conhece.

Dezembro

31 O Comandante da *Mindelo*, no seu relatório anual, considera-o «muito hábil oficial de quarto» e um imediato «cuidadoso e zeloso em extremo», «[...] oficial de esmerada educação, tendo boa escola militar», «muito digno a todos os respetos e altamente disciplinado».

1883

Março

A *Mindelo* transporta tropas para Lourenço Marques.

Maio

14 Da Ilha de Moçambique, escreve à irmã Emilia: «Querem que lhes dê notícias minhas? De perfeita saúde, como sempre; completamente coraçado contra todos os incómodos de África, que não são poucos. Por distrações quase as mesmas emprestam-me uma linda burra, em que dou alguns passeios pela ilha; ouço música às 5.^{as} e domingos; ocupo o tempo nos meus trabalhos de Imediato, levantando-me às 5 da manhã para a baldeação [...]».

28 Parte para Zanzibar, ilha onde será celebrado um acordo comercial e de amizade com o Sultão, a 18 de Junho. Portugal foi representado pelo Comandante da *Mindelo*.

Julho

17 Com o comandante Gregório José Ribeiro, regressa a Portugal, depois de terem sido examinados por uma Junta Médica.

Agosto

13 Segundo ataque cerebral da mãe.

19 Chega a Lisboa a bordo do navio *Assíria*.

Setembro

- 5 a 23 de Janeiro do ano seguinte encontra-se de baixa, à excepção das primeiras três semanas de Novembro, período em que exerce a função de instrutor na Escola de Alunos e Marinheiros na corveta *Duque de Palmela*.

Colabora nos *Anais do Clube Militar Naval*.

1884

Janeiro

- 19 Nomeado vogal dos Conselhos de Guerra para o primeiro trimestre do ano.

Maio

- 28 No navio *Bartolomeu Dias*.

Junho

- 9 Exerce as suas funções no registo do porto de Lisboa.

Transferido para a *Rio Ave*, canhoneira que parte em missão aduaneira para o Algarve, sob o comando de Francisco António Vieira. Permanece nesta província até ao dia 4 de Dezembro.

Em carta de 31 de Dezembro de 1901, dirigida a João Pereira Vasco, evoca esta época: [...] por uma patuscada da sorte — foi Olhão que decidiu da minha vida e a ele devo estar agora em Kobe. [...] Em Olhão tive uma vez uns amores com uma das filhas do cabo Jesus e tais foram, que a moça perseguia-me até Lisboa!... Passaram-se tempos, e uma tal família búlgara, que eu nunca conheci, mas que me conhecia, gente de Olhão também, foi mexerica sobre o caso com uma mulher de Lisboa, que exerceu durante muitos anos um grande império na minha vida. Deu isso em resultado o abandonar-me a tal mulher para se reunir a um actor de meia tigela, e tão desgostoso me encontrei que parti para a China.

Maria Isabel dos Santos muda de casa para evitar atritos com a família de Wenceslau de Moraes e porque a sua reputação estava a ser afectada, o que se reflectia forçosamente nas explicações de que vivia.

Segundo o comandante Francisco António Vieira, «tem conhecimento dos seus deveres e é hábil comandante de quarto; tem talvez ainda pouca prática. É dedicado ao serviço e como tal muito útil».

1885

Janeiro

- 1 a 13 de Março — No transporte *África*.

Março

- 14 Nomeado imediato do *Rio Lima*, navio pertencente à Divisão Naval da África Oriental e Mar das Índias.

- 23 Parte no *Garth Castle* em direcção a Moçambique, com escala na cidade do Cabo. Acompanha-o o primeiro-tenente Jacome Lopes de Andrade.

Abril

- 8 Escreve à irmã Emília: «Tu não imaginas, nem também vale a pena imaginares, o que se passa em mim: a tristeza, o desalento, a falta de coragem, que me apoquentam constantemente. Paciência; de há muito compreendi que a felicidade não se fez para mim; comer, beber, dormir aos trambolhões nalgum beliche de camarote, eis em que consistem todos os prazeres da minha vida; já não é pouco, podia andar a puxar alguma carroça, nas ruas da cidade.»

- 30 Adido ao Depósito da Divisão Naval em Moçambique e à guarnição da canhoneira *Quanza*, dias depois.

Maio

- 20 Falecimento da mãe.

Junho

- 2 Na canhoneira *Vouga*.

- 24 Carta à irmã Emília: «Estou regularmente de saúde, mas não bem. O espírito cansado, de uma existência agitada, para que não fui feito.»

- Julho**
15 Imediato do *Rio Lima*, parte para a Estação Naval de Macau, fazendo escala sucessivamente em Zanzibar, Colombo, Singapura, Batávia e Macassar. A bordo, o Governador de Timor, capitão-tenente Alfredo Lacerda Maia, que viria a ser, mais tarde, assassinado pelos autóctones.
- Setembro**
26 Chega a Timor.
- Outubro**
21 A Junta de Saúde considera que deve regressar a Portugal para tratamento.
Escreve «Em Batávia», impressões que vem a incluir no livro *Traços do Extremo Oriente*.
- 1886**
Janeiro
13 Chega a Lisboa. A Junta de Saúde Naval concede-lhe 60 dias para tratamento.
- Março/
Abril**
Serve sucessivamente na canhoneira *Tejo*, na Corveta *Vasco da Gama* e na *D. Fernando*.
- Abril**
30 É promovido a Primeiro-Tenente.
- Maio**
6 Regressa à corveta *Vasco da Gama*.
- Agosto**
14 É colocado na Direcção - Geral da Marinha.
24 Na canhoneira *Douro*, três semanas depois, parte para a Divisão Naval da África Oriental e Mar das Índias. Acompanha-o, como médico de bordo, Sebastião Peres Rodrigues. Escala sucessivamente Gibraltar, Malta, Port-Said, Adén, as ilhas Seychelles, aportando a Moçambique no dia 14 de Novembro.
- Setembro**
28 Em carta a Emília, afirma: «Eu vou vivendo assim assim; mas não faz mal; para isto vim ao mundo, e é preciso que se cumpra a minha sorte.»
- Dezembro**
31 Informação do Comandante da canhoneira *Douro*: «Tem muita aplicação tanto no estudo da sua arma como no serviço geral. É muito hábil comandante de quarto. Tenho este oficial em muita consideração, já pela sua aptidão, verdadeiro conhecimento das coisas do mar, ilustração e por ser um perfeito cavalheiro.»
- 1887**
Janeiro
23 Parte para Zanzibar, na sequência de problemas fronteiriços.
- Fevereiro**
18 As forças portuguesas bombardeiam e ocupam Túngue.
- Março**
26 Comanda o desembarque de tropas em Palma.
- Maio**
3 A Junta de Saúde considera que deve regressar a Portugal.
- Junho**
Segundo Sebastião Peres Rodrigues, encontra-se com Maria Isabel dos Santos que recusa a hipótese de continuarem a sua ligação.
14 Apresenta-se no Ministério da Marinha. A Junta de Saúde Naval concede-lhe 60 dias para se tratar.

- Agosto**
22 Vogal dos Conselhos de Guerra.
- 30 Embarca no *Africa*. Duas semanas mais tarde, parte para Angola, sob o comando de Pedro Inácio do Rio Carvalho. Escala Cabo Verde e Cabinda, ancorando em Luanda a 25 de Outubro.
- Novembro**
23 Regressa a Portugal, com escala em São Tomé, Santiago e São Vicente.
- 1888**
Janeiro
5 Parte para a Madeira, transportando militares.
Escreve o conto «Assassina».
- Fevereiro**
9 Carta de Maria Isabel dos Santos aconselhando-o a casar-se. Na sua opinião, o escritor tinha um espírito exaltado, estava sempre insatisfeito e infeliz. O casamento acalmá-lo-ia. A carta é assinada por «Ta Mãe».
- 25 É transferido para o transporte *Índia*.
- Março**
30 Devido à rutura com Maria Isabel dos Santos, parte para Macau. Sob o comando de Miguel Guilherme de Gusman e Nogueira, faz escala em São Vicente, Santa Helena, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, Ilha de Moçambique, Colombo e Singapura.
- Julho**
7 Chega a Macau. No dia seguinte, ingressa na canhoneira *Rio Lima*, desempenhando a função de imediato.
- 14 Parte para Hong-Kong, cidade onde o seu navio é reparado. Mantém-se nesta cidade até 28 de Outubro.
- Agosto**
15 Data da última carta de Maria Isabel dos Santos.
- Novembro**
23 Em carta à irmã Emília afirma: «Todos os Moraes têm não sei o quê, que pende para os fazer infelizes, e aos outros também. Eu ao menos, vivo isolado, longe, e como consigo os meus desgostos, sem incomodar ninguém».
- Dezembro**
10 Inicia a sua longa correspondência com o Dr. Sebastião Peres Rodrigues: [...] invade-me uma velhice precoce: todas as minhas forças vitais afrouxam: aos quarenta anos devo estar perfeitamente velho.
Agónias? Desesperos? Francamente vão desaparecendo. O que abunda em mim é um como que narcotismo moral, um abatimento, um desalento paciente e sossegado. Esperanças todos as têm, julgo que é mesmo condição indispensável da vida. Espero ardentemente o poder reformar-me, o mais depressa possível, logo que tenha direito ao dinheiro necessário para sustentar modestamente a minha irmã, única cadeia que me prende ao trabalho. Depois, uma casita alugada no campo, onde haja muita verdura, muitas árvores [...].
Escreve os contos «O Jin-Rick-Shu» e «O Pé Pequeno», publicados mais tarde em *Traços do Extremo Oriente*.
- 31 Depoimento do Comandante da *Rio Lima*: «Assíduo e incansável no serviço [...] é um oficial bastante inteligente, zeloso e modelo de boas qualidades civis e militares».
- Neste ano deverá ter conhecido a chinesa Achan.
- 1889**
Janeiro
23 Parte para Timor, levando a bordo 19 presos, acusados de terem assassinado o Governador daquela colónia e amigo de Wenceslau de Moraes, Alfredo de Lacerda Maia. Escala Singapura.

- Março**
7 Parte de Timor com destino a Macau, com escala em Macassar e Manila.
- Abril**
6 Chegada a Macau.
- Maio**
Em Hong-Kong para reparações do barco em que servia.
- Junho**
20 Parte para o norte da China e para o Japão, com escala em Hong-Kong, Amoy, Fuchau, Xangai, Ta-Ku, Tientsin e Chifu.
- Agosto**
4 Fica inebriado com o seu primeiro contacto com a terra do sol nascente: «Estou num país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasaki, que eu desejava passar o resto da minha vida, à sombra destas árvores que não têm parceiras no Mundo. [...] Mas deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos, terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento».
- Vista Kobe e Iocama.
- Setembro**
Regressa a Macau, fazendo escala em Nagasaki e Xangai.
- Novembro**
Desloca-se a Hong-Kong para agradecer a homenagem prestada pelo governo inglês ao rei D. Luís, acabado de falecer. Regressa a Macau, fazendo escala em Cantão.
- Dezembro**
31 É transferido para a canhoneira *Tejo*.
- No relatório anual relativo à *Rio Lima*, o comandante Santa Bárbara afirma que Wenceslau de Moraes «desempenha com distinção os seus diversos encargos».
- Neste ano, redige os contos «Questão de Beijos», «A Outra Mãe» e «O Rio de Cantão», que fazem parte do livro *Traços do Extremo Oriente*.
- 1890**
- Janeiro**
Desloca-se a Hong-Kong para supervisionar as reparações que a *Tejo* necessita, navio onde exerce as funções de imediato.
- Março**
3 O capitão José Ribeiro Santa Bárbara cede-lhe o comando da canhoneira *Tejo*.
- Abril**
20 Parte para Banguecoque para se informar das condições em que se encontra a colónia portuguesa na Tailândia. Faz escala em Saigão.
- Maio**
19 É recebido por Soasti, irmão do rei.
- Junho**
10 Informação do comandante Carlos Augusto de Magalhães e Silva sobre o imediato Wenceslau de Moraes: «É muito mon-gerado, de trato muito agradável, de apresentação distinta. Merece-me por todas estas qualidades o melhor conceito. Réputo-o apto para promoção ao posto imediato».
- Julho**
3 Custódio Miguel Borge passa a comandar a *Tejo*, sendo Wenceslau de Moraes o imediato. A 9 de Outubro, aquele oficial é nomeado Governador, tomando o escritor o comando do navio.

Outubro

Em Hong-Kong.

Dezembro

- 31 Parecer de Magalhães e Silva sobre Wenceslau de Moraes: «É pela 2.^a vez comandante da canhoneira *Tejo*, desempenhando nessa qualidade as comissões no Sião e em Hong-Kong, o que executou com muita distinção. É subordinado, disciplinador, zeloso pelo serviço, inteligente, de trato em extremo agradável. Tenho-o a todos os respetos, na conta dum ótimo oficial. Reputo-o habilitado para a promoção ao posto imediato.»

Neste ano escreveu os textos «Em Banguetcoques», «Na Rua», «A Gruta de Camões» e «Tsing-Ming».

1891

Janeiro

- 20 a 25 de Março — Substitui Carlos Augusto Magalhães e Silva no comando interino da Estação Naval de Macau.

Março

- 1 Nasce José de Sousa Moraes em Macau, filho do escritor e de Vong-loc-Chan, vulgo Atchari, cidadã chinesa.

Abril

- 11 No comando da *Tejo*, parte para Lisboa, com escala em Singapura, Batavia, Seychelles, Guardafui, Adén, Bab-El-Mandeb, Suez, Port-Saïd, Alexandria e Argel.
- 14 É louvado pelo governador Custódio Borja pelo «muito apreço que merece a eficaz cooperação que prestou a esta província durante o tempo que exerceu o comando interino da estação naval de Macau».

Agosto

- 22 Chega a Lisboa.

Outubro

- 7 É transferido para a corveta *Vasco da Gama* e em seguida para o *África*.
- 29 Promovido a Capitão-Tenente e nomeado imediato do porto de Macau, sob as ordens do capitão-de-mar-e-guerra Albano Alves Branco.
- 31 Regressa a Macau.

Dezembro

- 30 Nomeado delegado do Superintendente da fiscalização da importação e exportação do ópio.

Colabora no jornal de Lisboa *Correio da Manhã*.

1892

Setembro

- 1 Nasce o seu filho João de Sousa Moraes.

Rege uma cadeira de pilotagem, em Macau.

Ao longo do presente ano, redige «A Minha Casa», «Tancás e Marinheiros», «As Half-Caste», «Remédios Santo», «Os Leprosos», «História do Pequeno Afar», «Combate de Férias», «O Encanto dos Charcos», e «Um Eclipse Total da Lua», textos incluídos no livro *Troços do Extremo Oriente*.

1893

Abril

Professor do Seminário de São José em Macau.

Junho

- 3 Nomeado para adquirir artilharia no Japão.

- Agosto**
16 Escreve à irmã Emília acerca do seu quotidiano no Japão: «Como não tenho muito dinheiro para divertir-me, vai-me já cansando esta vida de hotéis, passando horas sem conto encerrado no meu quarto. Enfim, vive-se.»
- Outubro**
25 Exonerado do cargo que desempenhou no Japão, sendo convidado por portaria «pela inteligência e dedicado zelo que desenvolveu no cabal cumprimento da comissão para que foi nomeado». Reassume os cargos de imediato e de delegado do Superintendente da importação e da exportação de ópio.
- Novembro**
30 Por decreto é nomeado professor da 5.^a cadeira do Liceu de Macau.
- Dezembro**
30 Promovido a Capitão de Fragata.
- Neste ano escreveu «Um Caso», «Os Templos» e «Últimos Aparentamentos da China», textos posteriormente reunidos em *Traços do Extremo Oriente*.
- 1894**
Fevereiro
3 Exonerado do cargo de delegado do Superintendente da fiscalização do ópio.
- Abril**
16 Toma posse do lugar de professor de Matemática Elementar do Liceu de Macau, recém fundado.
- Conhece Camilo Pessanha, seu colega do liceu, com quem vem a partilhar uma amizade que se prolongou por toda a vida.
- 29 Em carta à irmã Emília afirma: «Confo que no dia dos teus anos não deixarão de beber um copo de vinho, não à minha saúde, que já para nada serve, mas ao meu sossego.»
- Agosto**
De regresso ao Japão.
- Neste ano escreve «Saudades do Japão» e «Um Post-Scriptum».
- 1895**
Maio
Redige o *Dai-Nippon*.
- Em carta ao médico Sebastião Peres Rodrigues confessa: «[...] o meu sonho de consulado no Japão vai-se afogando na realidade dura das coisas. Sinto em mim um consolo providencial, é sentir-me velho, cansado, fraco. Todas as desgraças que venham não serão por muito tempo.»
- Junho**
Graves dificuldades em Macau devido à peste.
- Nomeado para fazer parte dos júris de exame de Inglês, Geografia, Desenho e Matemática do Liceu de Macau.
- Setembro**
Na sequência de uma licença para tratamento, é nomeado para substituir interinamente Alves Branco na capitania do porto de Macau.
- É publicado o seu primeiro livro *Traços do Extremo Oriente*, prefaciado por Vicente Almeida d'Eça.
- 1896**
Junho
Faz parte do júri de exames de Matemática Elementar, Física e Química, História Natural e Desenho.

Nomeado para se deslocar ao Japão com o objectivo de adquirir material de guerra para o navio que fazia a ligação entre Macau e Timor.

No Arquivo Histórico de Macau existe uma informação referente à sua actividade como professor neste ano: «É um bom professor, muito meticoloso no cumprimento do seu dever».

1897

Maio

- 4 Albano Alves Branco, capitão-de-mar-e-guerra, entrega a Capitania do porto de Macau ao capitão-tenente António Talone da Costa e Silva, inferior hierárquico de Wenceslau de Moraes, que se insurge e decide mover influências para ser nomeado diplomata no Japão.

Julho

- 4 Com o governador de Macau, Eduardo Augusto Galvão, parte para o Japão, sendo recebidos pelo Imperador.

Agosto

- 17 Confessa à irmã Emília: «Tive a mania de ser escritor, resultado da minha vida isolada, de bicho hisonho».

Setembro

- 22 Nomeado para fazer parte do júri que preside aos exames do Liceu de Macau.

No presente ano colabora na revista *Branco e Negro* e publica o livro *Dai-Nippon*.

1898

Janeiro

- 21 Licença para ir ao reino tratar-se.

Descontente com o meio de Macau, parte para o Japão, onde aguarda a sua nomeação para o consulado de Kobe. Em Lisboa, Vicente Almeida d'Eça, monárquico influente, é o responsável pela concretização deste seu sonho.

Abril

- 3 Comunica a Sebastião Peres Rodrigues a hipótese de regressar a Portugal e de se reformar; manifesta ainda a possibilidade de Achan e dos filhos irem viver para Lisboa.

Junho

- 8 É exonerado do cargo de imediato da Capitania de Macau.

Julho

Encontra-se extremamente afectado com a incerteza da sua nomeação para o cargo de Côsul de Portugal em Kobe e com as condições em que será feita: «Tenho o espírito muito perturbado. Últimas notícias que vão decidir completamente da minha vida, os meus desgostos íntimos, e também o estado doente, perdido, escangalhado, de todo o meu ser, tudo se junta para me pôr o juízo a arder, sendo-me penoso o coordenar duas ideias. (...) Encontro-me só, só, muito doente de espírito, e sem ninguém a quem recorrer».

Considera pouco provável a possibilidade de os filhos e a respectiva mãe irem viver para Kobe.

Agosto

- 5 Vai a Macau saber as condições monetárias que lhe oferecem para ficar no Japão.

Outubro

- 10 O Conselho Escolar do Liceu de Macau manifesta o seu pesar pelo facto de Wenceslau de Moraes deixar de exercer naquele estabelecimento de ensino.

- 20 Carta enviada a Sebastião Peres Rodrigues: «Sinto-me totalmente sem forças para escrever, abatido pela série interminável de desgostos, de contrariedades, de infâmias, de que tenho sido vítima. Aqui me acho, de volta de Singapura, donde seguia para Lisboa, e chamado pelo Governador, que julgou o meu negócio resolvido. Mas não está; não sei se voltarei para Kobe ou não».

Dezembro

Regressa ao Japão e começa a montar o consulado em Kobe.

Colabora nos seguintes periódicos: *Boletim Comercial, Jornal Único e Lusitano*.

1899

Fevereiro

- 18 Em carta a João Pereira Vasco, traça o seu quotidiano no Japão: «Confesso que vivo aqui num isolamento que muito me pesa, no meio de estrangeiros, o que é o mesmo do que viver sozinho, e forçado por motivos vários a afastar-me da maior parte dos macaístas aqui residentes. Amigos, conversas sinceras, íntimas, são coisas que aqui não existem para mim. Felicidade? É-me bem defeso; vivo aqui, porque tenho de viver em alguma parte, enquanto não morrer.»

Recebe um ofício do diplomata Batalha, concedendo-lhe autorização para tomar posse do cargo de Gerente Interino do Vice-Consulado de Kobe e Osaka. Por considerar humilhante, recusa.

Maio

- 5 Confessa a João Pereira Vasco: «Para um trabalho assíduo literário, como tive há anos, faltam-me hoje a intensidade e viveza moral, sinto-me morrer.»
- 12 Toma posse do posto de Cônsul Interino de Kobe e Osaka.
- 13 De acordo com os biógrafos nipónicos, casa-se à maneira japonesa, segundo o rito xintoísta, com a japonesa O-Yoni.

Junho

- 22 Confessa a um amigo: «A minha pena toda é não ter nascido japonês. Este país, pela sua paisagem é o mais belo do mundo; e pelo seu povo o mais agradável e o mais sensato. O povo japonês conseguiu a resolução dum grande problema: ser belo, ser limpo, ser feliz; ninguém o iguala nestes pontos. Particularmente a mulher é encantadora, a mais deliciosa de todas as mulheres.
- [...] Eu adoro tudo isto. Adoro esta natureza delicada que está sempre a rir. Adoro este povo delicado, e para mim [...] o mais sensato, o mais bom, o que melhor compreende a vida. Sinto-me então muito feliz? Não, bem longe disto. Cheguei aqui muito tarde, cheio de cabelos brancos, envelhecido e amargurado por uma triste existência passada em todos os cantos do mundo; e talvez aqui, comparando-me com o que me rodeia, seja menos feliz do que em outra qualquer parte.»

Setembro

Mostra o que lhe vai na alma, em carta a João Pereira Vasco: «Realmente este Nippon é uma grande terra. [...] Atormentado por mil tempestades da sorte, o meu viver aqui, como seria em qualquer parte, é um continuo desalento; se o país, duma alegria tão sugestiva, consegue de quando em quando dar-me algumas horas agradáveis, bem depressa desaparecem, para o espírito mergulhar na habitual treva. Não me inveje.»

Assina a carta, Wenceslau de Moraes, Capitão de Fragata supranumerário, ex-professor do Liceu de Macau e encarregado por favor do Vice-Consulado em Kobe e Osaka.

Outubro

- 5 Por carta, solicita a F. Rosário, amigo de Macau que representa Wenceslau de Moraes junto de Achan, que os filhos sejam internados num colégio de Hong-Kong. Se este seu desejo se concretizar, a sua mesada será aumentada para 65 patacas mensais.

Novembro

- 3 Almoça e janta com o Governador de Kobe, comemorando o aniversário do Imperador japonês.

Dezembro

- 4 Escreve ao seu amigo e ex-colega do Liceu de Macau, João Pereira Vasco: «Folgo imenso que se entretinha com o seu jardim; verá por experiência própria que as flores e as hortaliças são companheiros nossos muito preferíveis aos homens; um clube de conves, por exemplo, é muito superior a um clube de macaístas. [...] Pergunta-me como vão os meus negócios íntimos. Tudo agora está em paz, mas paz que me mata; que me mata, não porque eu vou vivendo, e o que eu desejo é que não suceda, que era a morte, um ponto final nas minhas incessantes angústias. [...] Mas eu é que tenho veneno na alma, e não posso aqui ter alegria; nem aqui nem em parte alguma. Sinto-me perdido, se um dia souber que me levou o diabo... dê-me os parabéns.»

- 20 Carta a João Pereira Vasco: «As minhas coisas de Macau estão tranquilas, não resolvidas conforme os meus desejos, como o amigo diz, mas tranquilas. Os meus desejos seriam outros, bem outros; e mal o meu amigo imagina como tudo aquilo me mata, dá cabo da minha razão...
- De uns amigos de Lisboa tenho tido bem escassas notícias. Persuado-me que eles estão fartos de mim, agastados do meu fetiche, cansados de me atormentar. O isolamento moral em que me vejo, abandonado de todos os laços que me prendiam a

este mundo, pesa-me profundamente, vivo numa constante tristeza, e a alegria do país que me rodeia em nada pode influenciar o meu pobre espírito desgraçado.»

Neste ano colaborou no *Brasil-Portugal*, *Lusitano*, *O Porvir*, *Tai-Si-Yang-Kuo* e *Tribuna*. Contribuiu com mesadas para a sua ex-governanta de Lisboa, Virginia, o sobrinho e os filhos.

1900

Abril

- 11 A depressão que o consome agudiza-se: [...] Já não me importo com nada. [...] Não penso nem desejo de tornar a ver terra portuguesa, nem eu já me considero português a não ser para arvorar no meu quintal o pavilhão das esquinas [sic]. Podem, é verdade, acabar com o meu emprego; e então irei a Portugal para me reformar imediatamente, seguindo depois talvez para Macau, para aí acabar os meus dias, inteiramente fora de qualquer cargo. Mas o melhor que me pode suceder é o largar os meus ossos por cá, em breve, o mais tardar dentro de um ano ou dois.»

Insurge-se perante a hipótese de ser transferido para Xangai pelo período de seis meses.

Junho

- 14 Confessa a João Pereira Vasco: «Eis a ideia que hoje faço de mim: houve um cataclismo qualquer onde me achava, uma submersão do solo; e por uma casualidade escapei, e continuo a viver debaixo da terra, sequestrado do mundo, isolado das gentes. Agradeço o que me diz das minhas coisas íntimas de Macau. Parece tomarem agora uma feição melhor, mas não as julgo estáveis. Matam-me estas coisas.»

Agosto

- 17 Em carta a um amigo, introspecciona-se: «Sinto-me cada vez mais triste e incapaz de tudo. [...] E tentarei mais uma vez a minha maravilhosa panaceia, de escrever tolices; se o conseguir estou relativamente salvo.»

Dezembro

- 4 Mostra-se crítico perante o regime político português: «Os Reis foram ao Porto, que se divertam; Pobre país, tão mal governado [...]. Triste país de malandros.»

No corrente ano, dedica a João Pereira Vasco e a Camilo Pessanha o artigo «A Caricatura no Japão» e colabora nos periódicos *Boletim Comercial* e *Brasil-Portugal*.

1901

Março

Reitera as suas críticas à situação política e social portuguesa. Congratula-se com o facto de Fialho de Almeida se interessar pela publicação do livro *Paisagens da China e do Japão* e manifesta o desejo de que aquele escritor o prefacie.

Mai

Ventila a hipótese de se publicar uma segunda edição do *Doi-Nippon*.

Junho

Prescinde dos direitos de autor e pede a João Pereira Vasco que faça a revisão de provas de *Paisagens da China e do Japão*.

Dezembro

- 4 Carta a João Pereira Vasco: «Vivo no outro mundo, e inteiramente indiferente a tricas, a políticas e a muitas coisas mais. Só penso ainda em dois ou três amigos que tenho e na minha vida desolada.»

Colabora nas seguintes publicações: *Almanaque Ilustrado do Brasil-Portugal*, *Boletim Comercial*, *Brasil-Portugal* e *O Futuro*. No jornal japonês *The Kobe Chronicle* publica um texto sobre o consulado português.

1902

Abril

- 4 «Os japoneses [...] têm todos um mérito — a compreensão delicada das coisas, a adoração pela natureza nos aspectos graciosos, o dom artístico nos mais ínfimos trabalhos que executam. O feio especial desta gente — e o meio sorridente onde vive fazem do povo japonês o povo mais feliz, mais alegre do mundo inteiro, o que é uma grande virtude. Como

muito bem pensas, faz pena a comparação deste povo com o nosso, o qual pelo que sei e pelo que raras amigos me dizem, vai deixando-se morrer de aborrecimento e de inércia por tudo. O pobre Zé Povinho era digno de melhor sorte, mas a constituição do Estado, a vil polítrique dos mandões, etc. arrastam-no, parece, a um aniquilamento irremediável.

Maio

- 30 Início da correspondência com Bento Carqueja, director de *O Comércio do Porto*, e da sua colaboração neste periódico, assinada por «S». Os seus artigos deste período constituem um incentivo para a intensificação das relações comerciais entre Portugal e o Japão.

Agosto

- 9 Considera que «cada um de nós, para ser um homem completo, tem de sofrer».

Setembro

- 23 Insurge-se contra a aliança luso-inglesa.

Publica com regularidade artigos em *O Comércio do Porto*, colaboração que se prolonga até 1920.

Desempenha o cargo de encarregado de negócios do Consulado de Itália em Kobe.

1903

Princípio do ano — Afirma estar extremamente ocupado com os afazeres consulares, o consulado italiano, a correspondência para *O Comércio do Porto* e a exposição de Osaka. Paralelamente, o seu colega da Marinha, Nuno Queriol, emvida esforços para que a verba que é atribuída ao consulado seja reforçada.

Março

Por proposta sua, industriais portugueses enviaram para a feira de Osaka amostras de vinhos, azeite, conservas e cortiça.

Maio

- 19 Escreve a Carlos Campos: «Mais histórias te desejava contar e falar-te deste país, em plena Primavera, e destas *mazounes* em plenas graças. Mas estou muito velho para tal e todos os encantos de que avizinho já não têm efeito nesta couraça de insensibilidade de que me encontro revestido».

Julho

- 29 Escreve ao médico Sebastião Peres Rodrigues uma carta elucidativa acerca das suas relações com Atchan. Afirma que surgiram fricções devido à educação dos filhos e a posturas diferentes perante a vida; que lhe propôs a vinda para o Japão, o que foi recusado a não ser que fosse precedida pelo casamento. Escreve ainda: «Assisti aos primeiros passos das crianças, com a triste convicção prematura de que eu não seria para elas um pai a valer. [...] Os desgostos não me faltam por outros lados, mas este pesa-me constantemente. Temo de receber cartas de Macau, onde sempre suponho ou morte, ou escândalo; pior ainda, pesa sempre sobre mim um constante remorso [...]».

Agosto

- 19 Carta ao amigo Carlos Campos: «[...] Portugal, de que me divorciei para sempre. Sim, para sempre, muito provavelmente; é o que me admira é que tu, como mais alguns raros, se lembram de quando em quando, de escrever a esta alma do outro mundo que sou eu!... E no entanto vêm-me ganas de correr ao cantinho pátrio, de abraçar dois ou três amigos, de ver a rua onde nasci e depois... de voltar para cá ou de escolher um albergue no nosso campo, conforme as circunstâncias».

Colabora no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* e em *O Comércio do Porto*.

1904

Janeiro

Manifesta-se com veemência a favor do Japão no diferendo que este país mantém com a Rússia.

Novembro

A pedido de Cristóvão de Aires, pronuncia-se acerca da eventualidade de ter sido Fernão Mendes Pinto o primeiro português a pisar terra japonesa.

Dezembro

- 15 Oferece o seu livro *Cartas do Japão. Antes da Guerra (1902-1904)* com a seguinte dedicatória: «Ao senhor Camilo Pesse-

nha uma das mais gratas recordações (a ausência transformou os amigos em recordações).

- 21 Em carta a Carlos Campos, revela a sua postura perante a política: «Deves perceber que pouco me importo com ela, sendo um fervente regenerador, progressista, franquista, republicano, anarquista e tudo mais ao mesmo tempo».

No corrente ano, é publicada a primeira série das *Cartas do Japão*, prefaciada por Bento Carqueja, inicia a sua colaboração na revista *Séries* e mantém a sua correspondência nas páginas de *O Comércio do Porto*.

1905

Janeiro

- 1 Debruça-se sobre o seu livro que acaba de ser dado à estampa: «As cartas, escritas exclusivamente para o jornal e para satisfazer (a custo) um pedido do Carqueja, foram rabiscadas à pressa, sem esmero e nunca deviam ter sido republicadas. Reunidas em livro, foram suprimidos alguns artigos mais azedos, mas talvez mais interessantes; e, sendo revistas à pressa, aparecendo com muitos erros (isto muito entre nós) deram em resultado um livro sem préstimo algum».

Abril

Morte da irmã Emília, aos 56 anos.

É publicado em Kobe *O Culto do Chá*, livro de que foi feita uma tiragem de 1080 exemplares. Dedicado a Bento Carqueja, Sebastião Peres Rodrigues e Vicente Almeida d'Eça, custou 200 mil réis e foi impresso na tipografia do jornal *The Kobe Herald*. Wenceslau de Moraes, pouco depois da sua publicação, considerou que «saiu com bastantes erros, o que foi principalmente devido a serem os impressores japoneses, ignorando em absoluto a nossa língua, não podendo a minha assistência, embora assídua, remediar o mal por completo».

Maio

- 18 Inicia a sua correspondência com Alfredo Dias Branco. Na primeira carta considera-se «japonizado».

Julho

- 10 Mostra-se descontente com o livro *Paizagens da China e do Japão*, que só seria publicado no ano seguinte: «Parece que desta vez aparecerá o malfadado livro do qual o Filho se ocupa... ou se desocupa; por tal sinal, bem recheadinho de erros e mal impresso. Mas não faz mal».

Setembro

- 21 Na sequência da sua autorização, são baptizados os filhos em Macau.

Chegam a Lisboa exemplares de *O Culto do Chá*, enviados por Wenceslau de Moraes. Na alfândega são exigidos de imposto 400 mil réis. Depois de se gorar a hipótese da distribuição ser feita por um livreiro, Sebastião Peres Rodrigues e Vicente Almeida d'Eça encarregam-se de o fazer, atingindo o seu custo ao público a quantia de 500 réis por exemplar.

Continua a sua colaboração em *O Comércio do Porto* e nos *Séries*.

1906

Fevereiro

- 3 Em carta a Alfredo Dias Branco introspecciona-se: «[...] Nem sou esse *homem bom* que imagina; sou um pobre diabo, infeliz por temperamento, e que se pôs a escrever para matar o tempo, para matar mágoas».
Na mesma missiva, afirma ainda: «A China e os chineses estão bem longe de valerm o Japão e os japoneses. [...] A arte chinesa também é interessante, — exemplo a pintura, a louça, o trabalho em marfim. A literatura e a lenda chinesa encerram tesouros de graça; o que é difícilimo é entrar com eles» Na sua opinião, o Japão constitui o país «mais digno de interesse do mundo inteiro».
Informa Carlos Campos acerca do seu quotidiano: «Muito frio, alguma neve. E eu, no meu buraco, como as toupeiras, a escrevinhar para não morrer de tédio. Este Japão é delicioso, mas a verdade é que eu já estou muito podre para ele, e mesmo para tudo, e principalmente muito aborrecido de uma coisa: de mim mesmo».

Abril

Considera que «as mulheres, em qualquer circunstância e em qualquer país, constituem os melhores documentos para o estudo de um povo».

Julho

Debruça-se sobre a situação política em Portugal: «Para ser franco (mas não franquista), direi mesmo que julgo que tudo

continuará na mesma miséria; a questão não é de sistema político, de instituições, de dirigentes; é do grau de moralidade de todos, e tal grau já baixou abaixo de zero.»

Dezembro

- 4 A depressão invade-o avassaladoramente: «Não estou bem, nem de corpo nem de espírito. Me o Japão já não me encanta. Os anos pesam-me, mas creio que um pouco mais do que os outros. O pior é que nada espero, nada desejo, não vejo mesmo a possibilidade de um remédio (a não ser o grande remédio) para este estado em que me encontro.»

É finalmente publicado o volume *Paisagens da China e do Japão*. Em carta a Alfredo Dias Branco, afirma: «Não me agradeça o livro nem exalte os seus méritos que os não tem. Apareceu à luz cheio de erros, meus e alheios, e tão pobre de material, que até a linha é pobre.»

1907

Janeiro

- 7 Em carta inédita a Adolfo Pereira, reitera as suas críticas relativamente ao seu último livro: «Não notou também que o livro apareceu cheio de erros, meus e alheios? E que o artigo que devia aparecer no fim aparece no meio? E que as ilustrações estão miseravelmente baralhadas, a ponto de nos contos chineses aparecerem ilustrações japonesas e vice-versa?»

Solicita a Bento Carqueja que se publique o terceiro volume das *Cartas do Japão*, sem encargos para o editor.

Fevereiro

Devido à depressão que o controla, considera que a sua veia literária se esgotou inexoravelmente.

Abril

Bento Carqueja informa-o que teve de proceder a alguns cortes num artigo seu publicado em *O Comércio do Porto*.

Dezembro

- 19 Debruça-se sobre a autocracia de João Franco: «Notei, em alguns dos que me escrevem, uma certa simpatia pela ditadura. Não compreendo. Em todo o caso, se ela é necessária, é o mais triste documento da falta de dignidade de uma nação.» Na sua opinião, Portugal tende perigosamente para ser uma colónia inglesa.

Neste ano, continua a publicar artigos nos *Serões* e foi dado à luz o seu livro *Cartas do Japão* (3.^a Série): *A Vida Japonesa*.

1908

Janeiro

Manifesta-se veementemente contra a situação política portuguesa em carta a um amigo.

Fevereiro

- 12 Em carta a Sebastião Peres Rodrigues, comenta o regicídio: «A História tem de julgar severamente (e já o julga) o rei D. Carlos, maior causa dos acontecimentos que se deram, responsável pela sua própria desgraça, do seu inocente filho e da dignidade da nação.»

Março

- 3 Confessa a Alfredo Dias Branco a sua antipatia para com os americanos: «[...] sempre que posso, chego-lhes a roupa ao pelo no que escrevo». Insurge-se ainda contra o regime ditatorial de João Franco e contra o colonialismo europeu em África: «E as pobres colónias! As colónias engrandecem-se não com a guerra mas com a paz.»

Debruça-se sobre a situação política portuguesa: «E agora? Os partidos monárquicos acham-se todos desprestigiados; os republicanos creio que nada serão capazes de fazer; o mal não é das instituições — é dos homens. Portugal caminha para uma completa ruína, como nação independente, vai tendendo cada vez mais para uma colónia inglesa. Desgraça! Desgraça!»

Abril

Considera da máxima conveniência delimitar com rigor a fronteira de Macau com a China, problema que se arrastava desde que os portugueses se encontravam naquele território.

Junho

- 3 O seu pessimismo revela-se uma vez mais em carta dirigida a Carlos Campos: «Creio bem que as coisas por aí vão mal. O país entrou numa fase de lutas, que não sei se o levarão a bom caminho. Na minha modestíssima opinião, não são os

regeneradores, nem os progressistas, nem os republicanos, nem outros quaisquer, que são maus, são todos. É a nação que apodrece, por causas várias que seria aqui difícil apontar, e para a gangrena, que é no coração, seria preciso amputar o coração; o que é muito certo.»

- 15 Sugere a Bento Carqueja que arranje outro correspondente para *O Comércio do Porto*, devido à sua dificuldade de continuar a escrever.

- 22 A angústia existencial avassala-o: «Vai sendo tempo de ir pensando na única viagem possível, a viagem para a cova, coberto para sempre com o lençol do esquecimento. Não te admires desta tirada triste; vou caindo numa tristeza cada vez mais profunda, motivada principalmente, creio, pelo meu temperamento.»

Julho

- 4 Reitera a sua visão catastrófica da política nacional: «O país abisma-se, apodrece, desfaz-se. Contra isto não há remédio, ou o que há fere-nos profundamente no nosso amor próprio. Os padres e as conquistas levaram-nos a este estado.»

Setembro

- 16 Em carta a Alfredo Dias Branco, traça um libelo acusatório relativamente à civilização ocidental: «O futuro está para a raça amarela. A nossa civilização achata-se cada vez mais na vulgaridade, no egoísmo, na sensaboria. Percebo que os argentinos, os industriais, e ainda os politiquinhos a amem, por interesse da bolsa própria. Mas quem não é nada disso e tem de viver pelo sentimento, há-de forçosamente afeiçoar-se às civilizações primitivas, ainda com um fundo de ingenuidade, de bondade e de pitoresco, que a nossa terra já não tem.»

Novembro

Na sua opinião, a decadência portuguesa prende-se com a preguiça, o fanatismo, as descobertas e as conquistas que trouxeram dinheiro fácil, o jesuitismo e a ignorância.

Neste ano colaborou no *Diário de Notícias Ilustrado*, *O Comércio do Porto*, e na revista *Serões*.

1909

Fevereiro

Considera que «Macau está perdido mesmo como centro batoteiro» e que os americanos são uns «monstros da humanidade».

Maio

Insurge-se contra o facto de os *Serões* não publicarem todos os seus artigos e de, em contrapartida, darem à estampa um outro não assinado, sobre temática japonesa, susceptível de ser confundido com os seus.

Junho

Manifesta a intenção de deixar de colaborar na revista *Serões*. Confessa a sua pouca predisposição para a criação literária: «Limito-me a escrevinhar, de quando em quando, com pouco fervor para *O Comércio do Porto*. A pouca estima pelos meus artigos coincide com uma grande fraqueza, moral e física, em que me encontro, de que resulta a quase impossibilidade de escrever.»

Na mesma carta dirigida a Alfredo Dias Branco, evoca «o nosso Japão sempre florido e risonho o que contrasta com o meu espírito de todo estragado. [...] O futuro, se não me engano, está para os amarelos, justa compensação dos longos séculos de sofrimento em que fizeram, sob o jugo dos brancos.»

Julho

Devido a fricções com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, põe a hipótese de regressar a Portugal.

Agosto

Insurge-se contra a intromissão constante do clero nos assuntos políticos: «Vejo pelos jornais, que o reaccionismo [sic], o clericalismo, também se metem em campo, o que é uma desgraça sobre todas as outras.»

Setembro

- 30 Reitera a sua crítica de carácter religioso: «Aparece ou antes, desenvolve-se agora uma outra praga, talvez pior do que as outras, a praga do jesuitismo. Este, se não lhe derem remédio pronto, acabará por nos transformar em lama.»

Colabora em *O Comércio do Porto*.

1910

Princípio do ano — É pretendo na promoção ao posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra.

Fevereiro

Confessa a um amigo: «De mim, nada há a dizer-lhe. Por aqui vegeto, numa contínua tristeza, que é feita da minha idade, do meu temperamento e das estranhas condições da minha vida. Não tenho programa formado.»

Maio

O cruzador *D. Amélia* visita Kobe.

Junho

17 Carta a Alfredo Dias Branco: «A sociedade portuguesa, e em geral toda a sociedade humana, atravessa presentemente um tristíssimo período de decadência. Tivemos a idade da pedra, a idade do bronze, a idade do ferro, etc; estamos na idade do dinheiro. Dinheiro e só dinheiro.»

Julho

O navio português *San Gabriel* faz escala em Kobe.

Agosto

Recusa a transferência temporária para o Consulado de Cantão. Afirma que não vale a pena ir ao reino com uma licença para tratamento, mas que regressará definitivamente a Portugal dentro de dois ou três anos.

Novembro

7 Em carta ao coronel Chedas, debruça-se sobre o 5 de Outubro: «A Monarquia estava podre, não podia durar, nem havia monárquicos; havia comilões e indiferentes. Esperemos que o novo regime nos traga alguma felicidade.» Solicita àquele amigo a máxima informação sobre a República.

15 Confessa ao sobrinho: «A Monarquia estava podre, perdida sem remédio. Veio naturalmente a República e devemos esperar dela alguma coisa boa para o nosso pobre país.»

Dezembro

15 Volta a fazer considerações sobre o regime republicano: «Seremos mais felizes? Ou antes, menos infelizes? Penso que sim. Em todo o caso, o grande perigo está no desenvolvimento possível de um socialismo avançado e desordenado, do anarquismo.

[...] Em Macau houve agora tumultos sérios, talvez devidos a alguma benevolência do governador Marques pelos padres e a quererem os macaístas, fanatizados até à medula dos ossos, uma república com jesuítas, com freiras, etc. [...] os benefícios da República, se se derem, e devemos crer neles, só se farão sentir passados 10 ou 20 anos.»

Neste ano colaborou em *O Comércio do Porto*, no número ilustrado de Natal deste periódico, no jornal macaense *Vida Nova* e publicou avisos consulares em *The Japan Chronicle*.

1911

Janeiro

19 Volta a debruçar-se sobre o regime republicano que despontara meses antes: «A República não foi má nem boa, foi uma fatal consequência da podridão a que a monarquia chegara. Para mim e para a gente do meu tempo, mesmo sem partido, como eu, está tudo acabado com respeito a vida pública; resta vegetar como melhor se puder.
[...] Monarquia ou República é tudo o mesmo para o papel que Portugal tem ainda de representar no Mundo.»

Escreve ao coronel Chedas: «[...] o esforço que faço agora para seguir de longe a evolução cansa-me muito, tenho a consciência da minha incompatibilidade com a época.

[...] Eu, sem nunca ter sido monárquico, caí com a monarquia. Quer me deixem aqui ficar, quer me mandem para Portugal, estou morto. O imenso problema do Futuro — imenso para mim mas não para os destinos mundiais — esmaga-me.»

Março

Refere-se à sua irmã Francisca: «É ela o último laço que me prende à lembrança da minha família desaparecida, à lembrança da minha juventude, à lembrança da minha casa.»

Maio

9 Em carta a um amigo, ataca a agitação provocada pela Carbonária. Afirma ainda: «Sobre política, penso com completo sangue-frio: não quero ser rei nem presidente. Sobre outras coisas, sinto-me de todo falto de coragem, de esperança. Per-

sisto em viver aqui, por me parecer que ainda assim, viverei aqui melhor do que em outra parte: mas pouco ou nada me importo com o fim da minha existência.»

- 30 Tece considerações sobre a sua criação literária: «Quanto às minhas literárias, é certo que me encontro muito abatido e caminhando a passos largos para o fim; em tais condições a musa cala-se.»

Na mesma carta afirma ainda: «Aqui continuarei enquanto puder, sem alegria, inútil para tudo, mas longe das desilusões da minha terra e enfeitado pelo ideal asiático. Servi a realeza, servi a república, servirei a monarquia, servirei o que eles quiserem. Mas exijo uma condição: que toda essa podridão seja portuguesa, bem portuguesa.»

Junho

Pondera a possibilidade de escrever um «diário íntimo» sobre o seu quotidiano no Japão. Bento Carqueja, director de *O Comércio do Porto*, ventila a hipótese de o publicar.

Novembro

- 6 Em carta ao deputado Sebastião Peres Rodrigues — que se oferecera para regularizar a sua situação de Cônsul em Kobe — afirma que as cunhas tinham razão de ser durante a Monarquia mas não no regime republicano; lamenta que tenha sido necessário recorrer à ameaça de encerrar o consulado para que lhe voltassem a pagar o ordenado, que registava um atraso de três meses e meio.

Sebastião Peres Rodrigues levanta a questão do seu vencimento no Parlamento. Colabora no *Brasil-Portugal*, *O Comércio do Porto* e *Serões*.

1912

Janeiro

- 10 «Descorrio que, após a acção demolidora da revolução, dificilmente poderá vir uma acção reconstrutiva eficaz. Os tempos não são para ela, não só no nosso país, mas em todo o mundo europeu. A Europa desfaz-se.»

Fevereiro

Na sua opinião, «bichos e plantas são bons amigos, que nunca nos ofendem, o que não acontece com os homens... e as mulheres».

Abril

Manifesta-se contra a reforma ortográfica feita na sequência da implantação da República.

Julho

Encontra-se completamente esgotado, sem energia para ler, escrever ou trabalhar.

Agosto

- 20 Falece O-Yoné, sua companheira japonesa, de doença cardíaca. Em carta dirigida a Maria Joaquina Campos, recorda este trágico evento: «[...] morreu aqui em Kobe, a meu lado uma pessoa que eu muito estimava; os seus últimos gestos foram apertar por duas vezes a minha mão, que tinha entre as suas. É horrível! Tenho sofrido imenso desde então. Eu sempre fui doente, há 5 ou 6 anos vou sofrendo bastante, sinto-me fraquíssimo e até com o juízo meio perdido; pois desde a data que indiquei tenho sofrido muito mais. Julgo que a minha vida está por pouco.» A partir desta data, no dia vinte de cada mês, Wenceslau de Moraes evoca, em cerimónia religiosa realizada em sua casa, o espírito de O-Yoné.

Na mesma carta, tece ainda considerações sobre a maneira incorrecta como o Ministério dos Negócios Estrangeiros se tem debruçado sobre a sua situação profissional, na qualidade de Cônsul em Kobe.

Outubro

A depressão e o derrotismo, devidos essencialmente à morte da sua companheira japonesa, intensificam-se.

Neste ano colabora no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, no número de Natal de *O Comércio do Porto* e publica notícias de carácter consular no jornal *The Japan Chronicle*.

1913

Sensivelmente no início do ano, terá começado, de acordo com os seus biógrafos nipónicos, a viver com Den Nagahara, jovem japonesa de 25 anos, nascida em Imaichi, perto de Matsue, cidade onde o escritor Lafcadio Hearn se refugiou.

Janeiro
17 Introspecciona-se relativamente ao seu futuro e ao Japão: «Dificilmente poderei abandonar este país, que não me dá a mais infinita parcela de alegria, mas onde a minha alma enraizou a força de uma longa permanência e a força do amor com que fixei estes aspectos, estas paisagens, este povo. Em Portugal seria hoje um estrangeiro, quase sem família, quase sem amigos, descrenecendo tudo e todos e já desacostumado dos costumes pátrios.»

Março
É nomeado pelo Presidente da República, Manuel de Azevedo, Cônsul - Geral de Portugal de Kobe e Osaka.

Abril
Segundo a crítica japonesa, Wenceslau de Moraes enviou Den Nagahara à sua terra natal, Matsue, com o objectivo de procurar uma casa para onde fossem ambos viver.

Afirma: «A nação portuguesa caminha a passos rápidos para a perdição. Causas: feição da gente? Independentemente da cor política, tristes atavismos, crassa ignorância dos cultos, falta de tradições de trabalho, cobiça das grandes potências, etc.»

Junho
10 Requer ao Presidente da República a sua demissão de Cônsul de Portugal em Kobe e de Oficial da Marinha. Simbólico é o facto de o ter feito no dia de Portugal e de não ter esperado pela reforma que se aproximava.

14 Em carta a Sebastião Peres Rodrigues justifica a sua decisão radical: «Ah, meu bom amigo, o que eu tenho sofrido... Quero paz, quero paz, quero isolamento, quero a minha demissão, não preciso de dinheiro nem nunca precisei [...] Não digo mal de ninguém, nem de coisa alguma; digo apenas mal do meu destino, ou antes do meu temperamento incompatível com o mundo.»

Julho
2 Retoma a sua argumentação justificativa do pedido de exoneração: «Envio-lhe esta carta perfeitamente tranquilo de espírito e resolvido absolutamente a manter a minha decisão, demitindo-me de tudo, ficando inteiramente desligado dos poderes públicos, sendo preciso, caso o governo pretenda contrariar-me, empregarei qualquer forma de resistência (hastará talvez o silêncio) para conseguir o que quero e o que pretendo. Quero, embora talvez por poucos dias, não ser nada.»

Bernardino Machado e Bento Carqueja emendam todos os esforços para que o seu pedido de exoneração não seja aceite.

4 De acordo com o crítico japonês Matsumoto, Wenceslau de Moraes encontra-se em Tokushima com a família de Ko-Hani, chegando a um acordo relativamente à sua vinda para aquela cidade. Dias depois regressa a Kobe onde o espera uma carta de Den Nagahara informando-o de que tudo estava preparado para seguirem para Matsue. O escritor, porém, decidiu esta proposta.

12 O *Diário da República* publica o decreto que o exonera.

Agosto
Instala-se em Tokushima, cidade de 70 mil habitantes, no sul do Japão. Inicia o seu processo de niponização, vestindo, comendo e vivendo como um anónimo japonês. Eis as suas primeiras impressões: «Sim, gosto do meu casinhoto, gosto da vista. Tenho andado pouco e saio sempre como que emvergonhado; mas tenho ido todos os dias ao cemitério [onde estava sepulhada O-Yone] que dista uns sete minutos da casa. [...] A gente conhecida tem sido amável comigo.»

Os filhos em Macau insistem na celebração do casamento dos pais. O escritor recusa firmemente.

Setembro
5 Em carta ao amigo Chedas, fala dos seus anseios: «Não vou viver feliz, como tu imaginas; eu nunca fui feliz e menos agora o posso ser. Vou tentar, creio que pela última vez, viver em paz; neste último quartel da vida apraz-me o sossego de uma terra de província deste Japão, longe de intrigas, longe de imposturas, longe de grosserias.»

Outubro
31 Insurge-se contra o facto de alguma imprensa de Lisboa ter associado a sua demissão a um apoio ao regime monárquico. Prescinde dos direitos de autor do quarto volume das cartas, a ser publicado por Bento Carqueja.

A peça «A Honra Japonesa» foi representada em Lisboa, sendo feita uma referência, durante o espectáculo, a Wenceslau de Moraes.

- 1914
- Janeiro**
- 6 Narra o seu quotidiano ao coronel Chedas: «Vivo completamente isolado numa cidade de província, sem conhecer ninguém, nem mesmo os 4 ou 5 europeus (missionários) que também se abrigam neste poço. Não falo com ninguém e não ser meia dúzia de palavras com a minha criada. [...] Passeio, escrevinho e sobretudo penso; penso como é patética esta existência para a maioria dos homens. Sinto-me muito só, é todo o meu mal presente; a minha velhice não encontra consolação alguma, senão nas saudades.»
- Confirma a sua intenção de escrever um diário íntimo, para o qual está a amadurecer um plano.
- Fevereiro**
- 25 «Eu bem sei que me ficava melhor o silêncio, procurando que me esquecessem, mas a gente pensa uma coisa e faz outra.»
- Começa a enviar a Bento Carqueja, para publicação nas páginas de *O Comércio do Porto*, o seu diário íntimo.
- Abril**
- Agradece a Bento Carqueja a tentativa de sustar a sua demissão e solicita que outras pessoas não interfiram. Afirma ainda: «Nada aceito, nem mesmo qualquer reforma ou compensação. [...] É uma decisão irrevogável, é uma questão de consciência e nada poderia mover-me do meu propósito. O maior favor que lhe peço é não pensar mais nisso.»
- Mai**
- 21 Mostra-se extremamente céptico relativamente à natureza humana e ao futuro das colónias portuguesas, ambicionadas pelas grandes potências. Confessa a Alfredo Dias Branco: «Trabalho bastante nos arranjos domésticos e num pequeno jardim, respondendo a cartas e ainda escrevinhando. Eu tenho muito o horror da inação, mas tal inação ainda não me chegou. Em todo o caso vivo como se estivesse sonhando; se um dia acordar, não sei o que sucederá.»
- Novembro**
- 17 Insurge-se violentamente contra a guerra: «Diga-me de quando em quando o que pensa desta guerra formidável, desta loucura de sangue em que o mundo caiu, ferozmente, barbaramente, dizendo uns e outros que batalham pela justiça, pelo direito dos fracos, quando é falso, quando trabalham unicamente pelos seus interesses mesquinhos, provando à sociedade que o homem é pior do que o tigre, pois possui a ciência, o que o tigre não possui.»
- As autoridades japonesas temem que Vicente do Couto, que visitara o escritor, seja um espião.
- Colabora ao longo do ano em *O Comércio do Porto* com os textos que vêm a constituir mais tarde o livro *O Bon-Odori em Tokushima*.
- 1915
- Janeiro**
- 18 Prevê a derrota da Alemanha e manifesta-se contra o facto de Portugal ter quebrado a neutralidade. Confessa ainda ao Coronel Chedas o que pensa do conflito mundial que se desenrola: «Quanto à guerra, é um horror!.. Dizem que é a guerra da civilização contra a selvajaria; não, é a guerra da selvajaria contra a selvajaria.»
- Março**
- 26 Sintetiza a sua filosofia de vida: «Eu nada lhe conto de mim, nem nada tenho que contar-lhe. Deixei de ter história. Vivo do passado, isto é, de saudades. O presente nada vale e o futuro... é o que se sabe.»
- Mai**
- 26 Confessa ter escrito *O Bon-Odori em Tokushima* «muito à pressa, como que de empreitada».
- Agosto**
- 8 «Sofro muito no tocante à minha pobre vida sentimental, apunhalado de saudades e ainda contrariado constantemente por mil pequenos contratempos da existência presente. Não posso queixar-me de ninguém, nem de coisa alguma; é o meu próprio equilíbrio físico que estalou, deixando ao desamparo um temperamento profundamente mórbido, que nunca soube encontrar o verdadeiro rumo a seguir.»
- Manifesta-se contra Afonso Costa e ainda contra o 14 de Maio, materializado pelo general Pimenta de Castro.
- Novembro**
- 20 Em carta ao coronel Chedas mostra-se pessimista relativamente ao futuro da humanidade e invectiva o regime monárqui-

co é o republicano. Quanto ao seu quotidiano, retrata-o do seguinte modo: «A minha actual existência já nada é senão um ligeiro vagar de impressões fugitivas, acompanhado de impressões do presente.»

Colabora em *O Comércio do Porto* e na revista de Macau *Oriente*.

1916

Fevereiro

- 10 Escreve a Alfredo Dias Branco: «Vivo de lembranças do passado. Mas o passado parece-me já um sonho, coisa que nunca teve realidade. Do futuro não falo, o futuro é para mim a morte e mais nada. Não sofro; faz-me apenas falta uma pessoa amiga, aqui, a meu lado, para eu trocar impressões com ela, eu, que viço sempre para o coração! Mas não a tenho.»

Maio

- 6 Início da sua correspondência com o Cônsul de Portugal em Kobe, Cerveira de Albuquerque. Este diplomata visita o escritor em Tokushima com o intuito de o demover da sua inabalável decisão de se demitir tão abruptamente.

Outubro

- 2 Morre Ko-Haru, de tuberculose pulmonar, no Hospital Kokawa de Tokushima. Confessa ter ficado «sob a impressão de um forte desgosto moral, que vem acabar de anasar o meu pobre espírito já tão afectado.»
- 13 Escreve ao Cônsul de Portugal em Kobe, Cerveira de Albuquerque, solicitando-lhe que, em caso de falecimento, seja cremado sem serviço religioso católico, podendo os japoneses, se o desejarem, prestar-lhe uma homenagem de carácter budístico. No caso de sofrer uma doença que o impeça de falar ou de pensar, pede que sejam mantidos afastados quaisquer membros da comunidade maciense que vivam no Japão.
- 22 Anseia pela morte apaziguadora.

Dezembro

- 6 Na sua opinião, *O Bon-Odori em Tokushima* é um livro mediocre e foi publicado crivado de gralhas.
- 16 Em carta endereçada a José Simões Pires, considera que no *Bon-Odori em Tokushima* existem «passagens que nem eu, já esquecido do que escrevi, as entendo.»

1917

No início do ano é publicado nas páginas de *O Comércio do Porto* o texto que dedicou a Ko-Haru.

Maio

- 6 Mostra-se insatisfeito com a qualidade de «Ko-Haru»: «O original é que é sem sabor; decididamente, eu devo fazer à minha pena de escritor o que fiz às minhas dragonas de oficial da manhã e à minha casaca de Cônsul: detá-la fora.»

Setembro

Não tenciona voltar a escrever.

Dezembro

- 14 Considera haver demasiadas revoluções em Portugal.

Colabora na revista de Viana do Castelo *Lusa* e em *O Comércio do Porto*.

1918

Janeiro

- 12 Lamenta a morte de Ko-Haru, a pessoa em quem confiava para concretizar várias disposições suas depois de morrer.
- 13 Pondera sobre a literatura portuguesa: «É mesmo minha opinião assente que a alteração fonética que sofreu a nossa maneira de escrever, depois a agitação dos espíritos nos últimos anos, e finalmente a guerra, tudo isto misturado, deu em resultado uma completa catástrofe para a chamada literatura portuguesa, que tarde ou nunca renascerá do caos em que se encontra.»
- 15 Opina sobre a situação política: «No meu fraco entendimento, não será a República que salvará Portugal, e ainda pior se

vier outra vez a Monarquia. Os homens, os homens é que estão de todo perdidos no nosso país; e a cobiça mundial há-de ainda por cima dar-nos o golpe de misericórdia.»

- 26 Confessa a Cerveira de Albuquerque: «A morte já pouco medo me dá. O que me aflige é saber que hei-de morrer sem ter ao lado uma mulher da minha estima, para eu lhe sorrir nesses momentos. Mas o que quer? Morreram todas antes de mim, ou... fugiram.»

Fevereiro

- 8 Considera que no Japão, «a principal causa da carestia é um simples jogo de especuladores, que querem enriquecer — e enriquecem — à custa das pobres multidões do povo...»
- 21 Na sua opinião, o livro *Ko-Haru* é «bem pequenino, embora represente uma das maiores angústias do meu espírito.»

Junho

- 22 Revela a Alfredo Dias Branco o seu quotidiano em Tokushima: «Não escrevo, quase que não leio, saio de casa o menos possível. No entanto, trabalho, lido bastante, no meu casinhoto, o que julgo um bem para não cair em absoluta prostração; trabalho em coisas para meu uso, cuidado dos meus bichos, das minhas plantas, etc.»

Julho

- 1 Envia um artigo para a revista *Lusa*, com a recomendação de se manter a ortografia antiga: «Eu detesto, devo dizer-lhe, a nova maneira de escrever, que no meu entender foi o golpe final que assassinou a literatura portuguesa, que já vinha decadente há muito tempo.»

Agosto

- 14 Em carta a Bento Carneira, afirma: «Passaram a idade da pedra, a idade do bronze, a idade do ferro; veio a idade do rentão a nós, sem sombra de pudor.»

Colabora na revista *Lusa*.

1919

Janeiro

- 27 Manifesta-se contra o regime soviético e contra a maneira pouco cuidada como *O Bon-Ōdori em Tokushima* foi publicado.

Fevereiro

- 21 «Nunca a ferocidade do homem se mostrou mais em evidência do que agora; estamos mais patifes do que há quatro ou cinco anos!... Parabéns...»

Considera a Liga das Nações uma «enorme intrujice».

Maio

- 12 «Se eu tivesse vida, saúde e sobretudo fogo sagrado talvez lhe mandasse muitos artigos para a *Lusa*, para depois formar com eles um volume, a que chamaria *O-Yoné e Ko-Haru*; mas, como não me sobram muita vida, saúde e fogo sagrado, fica V.³ Ex.³ livre da maçada que acabo de enunciar.»
- 15 «Do moral, vai caindo um véu sobre as saudades do passado; vou nadando num mar de insipidez; mas de quando em quando, por motivos vários, vem uma puntalada excitar a dor. Estou pagando as minhas faltas antigas, o pouco cuidado que tomei em preparar-me uma existência sossegada.»
- 23 Em carta a Alfredo Dias Branco considera que «não estamos na idade das letras, decididamente; estamos na idade do dinheiro, da malandrice, dos falsos heróis e de tudo mais correlativo. Não há ALMA; ponha o L antes do A; fica LAMA; é o que há.»

Junho

- 2 Recusa terminantemente casar com Atchan assim como a hipótese de viver na companhia dos filhos.

Recebe a visita de Atchan e do filho José.

- 17 Pondera a sua vida presente: «Estou melhor na situação em que estou, do que se estivesse reformado. Estou livre, posso fazer e dizer o que quiser, não devo favores aos poderes públicos, é pouco o que tenho, mas não preciso mais, e olhe que também não mereço mais — eu sei muito bem o que valho... que é coisa nenhuma.»

Declina o pedido de Aichan para regressar a Tokushima.

Julho

- 20 Recusa o convite para ser membro honorário de uma Associação Portuguesa.

Agosto

- 12 Faz o seu testamento no Consulado de Portugal em Kobe.

- 25 Esclui a hipótese de voltar a Portugal. Debruça-se sobre o seu quotidiano: «A vida aqui é triste, a falta de uma pessoa amiga qualquer pesa-me muito; mas paciência, eu nunca fui feliz e não posso esperar agora sê-lo. Vou matando o tempo, lendo um pouco, passeando um pouco e mourejando no meu casinhoto, entregando-me às minhas manias favoritas — flores, pássaros, gato, etc. Virá o pior e virá o descanso. [...] mas esqueço o mundo e muito desejarei que o mundo me esqueça também.»

Setembro

- 23 Recusa enviar um conto para o número de Natal de *O Comércio do Porto*, por se sentir mal.

Outubro

- 7 Introspecciona-se em carta a Policarpo de Azevedo: «Vou vivendo, ou antes, vou morrendo. Os anos, o temperamento, os desgostos, o triste feição de que sou dotado, vão fazendo a sua obra. [...] Tokushima, longe das bombas e da intriga pátria, posição social ZERO, etc., tudo isto é muito bom.»
- 21 Envia três contos a Cláudio Basto para publicação na revista *Lusa* de Viana do Castelo. No total já expediu dez contos e o prefácio para o livro que reúne a sua colaboração no referido periódico.
- 29 Em carta a Bento Carqueja, fala do «desmoronar do edifício social a que nos habituámos» e considera que «o homem conservar-se-á pouco mais ou menos o que sempre tem sido: *la bête humaine*...»

Novembro

- 9 Confessa que não escrevia há três anos e que, se voltou recentemente a fazê-lo, o deve a Alfredo Dias Branco. Na mesma carta, evoca ainda «este fim de vida em que me encontro, afogado em saudades e sem sombra de carinhos em torno».
- 24 Mandar fazer um túmulo para uma menina japonesa de 13 anos que a vinha visitar com regularidade e que acabara de falecer.
- 26 Conclui o décimo segundo artigo para a *Lusa* e manifesta a intenção de escrever mais alguns, «notas soltas, provérbios japoneses com comentários meus, etc.», para o livro que acalenta.

1920

Janeiro

- 21 Acentua-se a sua depressão: «A minha existência tende a caminhar, de dia para dia, para condições cada vez mais desesperadas; mas há que contar, como derradeira consolação, com o fim próximo, que francamente já me tarda. Paciência para mais alguns meses; o fim não se fará esperar muito, segundo todas as probabilidades; e virá então o supremo descanso da minha pobre individualidade, incapaz desde nascença para a luta pela vida.»

Fevereiro

- 6 Lamenta que os governantes portugueses nunca tenham conseguido chegar a um acordo com a China, relativamente à questão das fronteiras de Macau.
- 16 Escreve a Policarpo de Azevedo acerca da sua colaboração na *Lusa* e do seu estado de espírito: «Enviei ao todo 17 artigos, todos referentes às saudades que me ferem; depois parei. Já vi publicados quatro. [...] Cada artigo era dedicado a uma pessoa da minha estima ou simpatia. [...] Escrevi tudo isto com verdadeiro fogo sagrado, muito impressionado, febril, dando-me todo à minha obra. Julguei que sairia com algum préstimo. Depois de tudo acabado, reli, pensei e concluí que tudo não passava de uma porcaria, uma verdadeira e eloquente manifestação de loucura senil, o que me impressionou profundamente e me deixou caído em grande desgosto. [...] Não sofro muito; a princípio, sofria mais; tem-se desenvolvido no meu ser uma certa apatia por tudo, que é providencial. [...] Vou acabando, o que é natural. Mesmo o pessimismo com que encaro tudo é certamente erróneo e devido à idade e fadiga: — o mundo caminha, certamente, gloriosamente na sua senda!... eu é que me desfazo. [...] Se alguma vez pensar em mim, lembre-se que estou morrendo de velho, mas ainda com não sei quê de rapaz dentro da alma, que até me faz rir sozinho às gargalhadas, como quando me omava o braço o galão de aspirante.»

- 26 Em carta a Alfredo Dias Branco, debruça-se sobre o seu exílio: «Eu não tenho ninguém à meu lado, tenho o meu gato; hei-de morrer sem uma mulher amiga à meu lado — e é justamente esta perspectiva que particularmente me aflige. Porque me exiliei eu? Nem eu sei bem como isto foi, parece que concorrem mil causas para isto e que uma resolução instintiva — talvez demência — me decidiu a vir viver neste canto. Em todo o caso, não quero mudar, quero viver e morrer aqui e exactamente nas mesmas condições que imagina. Ninguém me resolveria a mudar de ideia. [...] Do antigo convívio com os homens só encontrei ingratidão, maldade, egoísmo.»
- Março**
- 23 Considera *O-Yoné e Ko-Haru* «um livro íntimo, votado à memória de duas mulheres que passaram na minha vida. Os retratos dessas duas mulheres, esses sim, esses é que têm o seu lugar, por direito, na 1.^a página do livro.»
- Maior**
- 26 a 27 de Junho redige um ensaio sobre Fernão Mendes Pinto no Japão. Tenciona publicá-lo na revista *Lusa*. Mais tarde, afirma, em carta a Moreira de Sá: «Escrevi o artigo em grande estado de exaltação, febrilmente, impressionado pela enorme soma de maldades que vão cometendo por este mundo fora; do que resultou afinar-me com gana, de quando em quando, ao pobre Mendes Pinto. Fiz mal; há mentiras em que se não pode bulir, como o falso patriotismo, como a falsa religião, etc. Saiu talvez um artigo como escrito por um doido. Mas pouco importa; toda a gente tem direito de ser doido — à sua vontade, e eu mais do que ninguém.»
- Junho**
- 28 Mostra-se impressionado com a situação caótica em Portugal.
- Agosto**
- 8 Relata a Simões Pires que apanhou duas cobras: matou a primeira, conservando-a em álcool, e está a criar a segunda. Na mesma carta afirma ainda que «a luta do trabalho contra o capital e tudo o que se liga com isto, há-de continuar».
- 12 Em carta a Alfredo Dias Branco, critica Bento Carqueja relativamente à publicação de *O Bon-Odori em Tokushima* e justifica por que lhe não deu luz verde para a edição do 4.^o volume das cartas.
- Outubro**
- 13 Confessa a sua adoração pelo gato que é o único ser que lhe faz companhia; relata que há pessoas que, quando o vêem passar, exclamam *Osoroshi*, [mete medo].
- 27 Acusa Bento Carqueja de propositadamente ter publicado, nas edições de *O Comércio do Porto* de 22 e 29 de Agosto e de 5, 12, 19 e 26 de Setembro, o texto sobre Fernão Mendes Pinto eivado de gralhas, o que o tornou ilegível. Na sequência deste acontecimento, corta relações com aquele publicista.
- Novembro**
- 9 «Ah, o passado! Tão longe, tão longe, tão longe... Parece tudo um sonho. E, no entanto, é desse passado que vivo, dando-se no meu espírito a «religão da saudade», saudades de todos e de tudo. O presente, é claro, para mim não vale nada, e o futuro ainda menos.»
- Colabora na revista *Lusa* e em *O Comércio do Porto*.
- 1921**
- Janeiro**
- 5 Acusa a recepção da separata *Fernão Mendes Pinto no Japão*, publicada por *O Comércio do Porto*. Na sua opinião, Bento Carqueja publicou-a cheia de gralhas para não envenenar as «almas crentes» dos leitores. Foi, ainda segundo o escritor, «um trechozinho da comédia humana...»
- Março**
- 29 Em carta dirigida a Policarpo de Azevedo, reconhece ter havido um erro seu ao traçar a rota de Fernão Mendes Pinto no Japão. Confessa ainda: «De quando em quando, assaltam-me ganas de fugir a isto tudo, que me rodeia, de criar vida nova. Vida nova!... Passam-me depressa tais ganas. Pensando a sangue-frio, eu encontro-me na situação mais em harmonia com a minha idade, com o meu temperamento sempre mórbido e com as circunstâncias que se deram e se dão na minha existência. Fiz muito bem em recolher-me a Tokushima, mandando à fava as minhas regalias oficiais e vivendo das migalhas que me restam. [...] Agora, nem a dormir descanso. Que complicados sonhos todas as noites, de navios, de viagens, de terras novas, de uma multidão de camaradas, de consulados, etc., etc.»
- Abril**
- 30 Aceita a sugestão de Cláudio Basto de publicar um livro com os artigos da revista *Lusa*.

Maio
12 Mexita sobre a receitividade em Portugal do ensaio sobre Fernão Mendes Pinto: o estudo teve fraco acolhimento por denunciar António Faria e por «potenciar a minha repugnância por esse falso cristianismo de todas as épocas, adorando-se um Deus cruel, um Deus vingativo, um Deus conivente com todas as crueldades em que os homens se delectam. Não se pode dizer isto impunemente, sem ir ferir a grande hipocrisia em que o mundo se atola».

Junho
6 Lamenta-se em carta dirigida a Alfredo Dias Branco: «Na hora da minha morte, é pouco por companhia, um gato, mas não tenho outras amizades a que recorrer».

16 Francisco Chedas, jovem alferes residente em Macau, solicita-lhe que redija um prefácio para o seu livro. O escritor aceita, embora afirme que a pessoa ideal é Camilo Pessanha, devido ao seu exuberante talento.

Setembro
13 Na sua opinião, «a guerra foi tamanha, que o resultado foi o que se está vendo: uma catástrofe imensa, uma rebarbização completa».

Outubro
19 Pondera sobre a situação política no Japão: «As coisas por cá não vão em maré de rosas; lutas entre os operários e o capital são aqui já frequentes, etc., etc., o mundo desmorona-se, toda, toda».

Novembro
3 Na sua opinião, é vital fazer-se um tratado com a China sobre as fronteiras de Macau, acordo que poderia ter sido concretizado aquando da guerra dos Boxers.

12 Aconselha um candidato à publicação de um livro: «Ponha a sua alma toda no que escreve (e eu sei que o meu amigo tem uma alma!). Não tenha vergonha do que disser. O escritor, quando escreve para alimento do seu espírito e dos rios que o possam compreender, tem de pôr a sua alma inteira no que escreve. Vibre todo inteiro quando escrever, faça vibrar o coração de todos os que o lêem. O realismo de Zola, nu e cru, não presta, fez banca rota. Quer-se mais, quer-se a observação psicológica, quer-se a nota aguda, aguda como um punhal, que nos fira e que vá ferir os outros. Nojo, cólera, asco, ódio, horror, amor, paixão, enlevo, idolatria, desespero, tristeza, etc., etc., etc., tudo serve; o que se quer é que exprima a impressão do que vê com uma polpitante emotividade do sentir, de maneira a ir comover fortemente os leitores. [...] Para se escrever, é preciso a gente encontrar-se num estado especial, de concentração, de êxtase, de hipnotismo. Afinal de contas, exige-se que o escritor, como qualquer outro artista, seja um doente de espírito. [...] O indivíduo acostumado a escrever consegue, sem auxílio de drogas, esse estado vibrátil, subtil, impressionável, sem o qual não se pode escrever nada com jeito. Repito, o escritor impressionista tem de ser um doente; a arte impõe isto. Quem não quer ser doente deste mal, não escreva; e fará muito bem, porque a mania de escrever acarreta por si só muitos enfiados, muitos desgostos, e até muitas desgraças».

Dezembro
4 Põe a hipótese de se fazer uma segunda edição do ensaio que dedicou a Fernão Mendes Pinto, com correcções, a grafia antiga e uma adenda de 15 ou 20 páginas. Aconselha Francisco Chedas nas suas lides literárias: «Corrija 100 vezes a frase, torne-a insinuante, aguda, penetrante, a ir ferir quem lê, e mais um pouquinho de observação psicológica. Já se vê, nada de frases empoladas».

19 Informa que negou a Vicente Almeida d'Êça autorização para ser feita a segunda edição do *Dai-Nippon*.

25 Envia o prefácio que redigiu para o livro de Francisco Chedas, volume que nunca chegou a ser publicado.

28 Manifesta a Policarpo de Azevedo a sua revolta perante a noite sangrenta de Outubro último. Quanto ao seu quotidiano, afirma: «A minha vida está sendo toda retroactiva; vivo exclusivamente do passado, dos amigos que conheci noutros tempos, das coisas que vi e que fiz há 20 ou 30 anos».

Confessa a Alfredo Dias Branco não ter relações com os europeus radicados no Japão. Diz ainda: «Pesa-me a idade, o temperamento mórbido, pesam-me os desgostos, pesa-me tudo. Mas vou resistindo, certamente por pouco tempo, e não sei eu que me queixe».

Neste ano, colaborou na *Lusa*.

1922
Janeiro

5 Escreve a Francisco Chedas pedindo apenas duas condições para a publicação do prefácio: que seja respeitada a ortogra-

lia antiga e que lhe seja enviado um exemplar do livro.

- 18 Aconselha o jovem escritor Francisco Chedas: «Continue escrevendo os seus artigos em horas propícias para não saírem negócio de empreitada, mas sim delicada filigrana de tudo o que vai vendo e observando.»

Março

Relê, pela décima vez, Lafcadio Hearn.

Abril

- 12 Evoca a sua vida: «[...] perto de 30 anos no Japão, intrometendo-me quanto possível na vida do povo, vivendo com ele, aquecendo-me a mil e mil ilusões, sofrendo muito afinal, morrendo pelo Japão.»

Maior

- 17 Em carta a Francisco Chedas, critica os «sábios» portugueses: «Aquele gente toda, com raras excepções, nasceu para o elogio mútuo, para os rapapés nas salas de conferências, para hasilhas ignorantes e para mais nada. Sinto-me enjado e triste.»

Afirma ter lido a revista *Seara Nova*.

Junho

- 6 Considera que a reforma ortográfica conduziu à degradação da literatura portuguesa. Pondera ainda: «Tokushima é a minha terra — para a morte — e Portugal nem já mesmo é a minha terra para a vida, porque eu já nem mesmo vivo, o que se está passando em mim já não é viver...»
- 29 Escreve ao almirante Moreira de Sá: «As vezes, sinto como que uma punhalada súbita, que me dói, é alguma saudade que me vem de repente ao pensamento... Mas ter saudades é ter uma grande coisa.»

Agosto

- 12 Confessa ter deixado de ter relações com todos os macaenses residentes no Japão.

Novembro

Vicente Almeida d'Eça informa-o que celebrou um contrato com a *Seara Nova* para a reedição do *Dai-Nippon*. Wenceslau de Moraes, que se tinha oposto, corta relações com aquele seu amigo.

1923

Abril

- 15 Confessa ter escrito o *Dai-Nippon* apenas cinco meses depois de chegar ao Japão, o que considera manifestamente insuficiente para ter uma visão profunda do país.

Junho

- 12 Tece considerações sobre a natureza humana: «A máquina desandou; o bicho homem mostra-se feroz como ele foi sempre e sempre há-de ser, mas agora sem sombra de pudor, falta-lhe chicote; quando aparecer de novo um grande despota, o bicho homem há-de amansar, por medo... Mas todas essas coisas futuras já muito pouco me interessam; preparo-me para a eterna paz em que, como indivíduo, como o Sr. Wenceslau de Moraes, em breve vou entrar.»

«Também adoro Nagasaki; ali estaria muito melhor do que aqui; mas sinto-me preso a Tokushima por várias considerações, sentimentais, económicas e outras.»

- 15 «O que se passa com a segunda edição do *Dai-Nippon* em nada me interessa; é para mim uma edição espúria, de contrabando, que não considero como coisa minha; julgo mesmo que não me chegará nenhum exemplar por eu ter manifestado ao Eça este meu desejo, e por intermédio dele à empresa editora.»

Agosto

- 16 Considera que deveria fazer uma edição correcta de todos os seus livros, levando dez anos a concretizar tal empresa.

Outubro

- 11 Escreve *Relance da História do Japão*: «Trabalho mesmo muito a ponto de pôr de parte outras ocupações urgentes, de conforto, etc. É mania, é loucura.»

- 28 Mostra-se elogioso relativamente ao papel exemplar desempenhado por Cláudio Basto na edição do livro *O-Foné e Ko-Hari*.

Dezembro
Conclui o livro *Relance da História do Japão*.

Neste ano a Renascença Portuguesa publica *O-Yoné e Ko-Haru* e a Seara Nova a segunda edição do *Dai-Nippon*. A revista *Águia* dá à estampa colaboração sua.

1924

Janeiro

10

Envia o artigo «A Língua Portuguesa e o Japão» para o *Anuário da Associação de Estudantes do Curso de Português da Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio*.

Abril

20

Rê a hipótese de se fazer uma segunda edição de *O Culto do Chá*.

Maior

30

Terce considerações de carácter religioso: «No tempo a que chegámos, um intelectual não pode esgrimir pelo catolicismo, nem pelo protestantismo, nem pelo budismo, nem pelo maometanismo... Tem de convencer-se que todas as religiões valem, colhendo delas essência para uma nova religião — a Piedade.»

Setembro

Autoriza que se faça a segunda edição de *O Culto do Chá*. Dada a especificidade do livro, a composição e a impressão seriam feitas no Japão, indo depois para Portugal, Vicente do Couto encarregar-se-ia da primeira parte.

Outubro

30

Em postal enviado a Moreira de Sá, escreve: «Vou-me arrastando como posso, vivendo de saudades; não de saudades de dias felizes, porque eu nunca fui feliz, nem poderia sê-lo dado o meu temperamento e o meu feitiço; mas saudades das minhas ilusões, perdidas para sempre.»

Neste ano, colabora nas seguintes revistas: *Águia*, *Arquivo Literário*, *Lusa*, *Lusitânia* e *A Novela*.

1925

Setembro

A segunda edição de *O Culto do Chá* não se concretiza devido aos seus altos custos.

É publicado pela Sociedade Portugal-Brasil o livro *Relance da Alma Japonesa*. Colabora na revista *Educação Nova*.

1926

Julho

29

Autoriza o almirante Moreira de Sá a dar luz verde para a publicação das *Cartas do Japão*, datadas de 1907 a 1913. Na sua opinião, o título *A Vida Japonesa* do 3.º volume das cartas «foi um disparate de quem presidiu à impressão».

Agosto

15

Escreve a Simões Fries: «Desisti das letras, como antes desisti da marinha e dos consulados; já não sou nada; resta-me aguardar pacientemente o momento fatal».

Outubro

12

Relativamente ao livro *Relance da Alma Japonesa*, considera que quer o editor, quer ele próprio cometeram várias incorrecções.

24

Continua o seu diálogo sobre literatura com Francisco Chedas: «Escrever para o público ilustrado, não vale a pena; escrever para si próprio é o melhor, e que mais tarde poderá ter um resultado benéfico».

Novembro

23

Em carta a Policarpo de Azevedo afirma que não é budista nem xintoísta. Diz ainda: «Estou velhíssimo, preciso pôr a pena de parte e cuidar apenas do meu reumatismo e achaques correlativos.»

Neste ano o *Diário de Lisboa* publicou páginas da sua autoria.

1927

Janeiro

- 13 Compara o seu percurso de vida com o de Francisco Chedas: «[...] os nossos dois caracteres têm alguma coisa de muito semelhante: — esse desejo de andar de um lado para o outro, não se podendo fixar. Eu fui sempre assim: comissões púctas, em Portugal por exemplo, nunca me serviram; e, ajudando a carreira, passei toda a minha vida a vadear de um lado para o outro, correndo a África, a China, o Japão, só parando no Japão por não encontrar ensejo de ir para mais longe.»
- 14 Afirma que tem ganho dinheiro com os livros, embora dele não necessite. Debruça-se sobre a política à escala mundial: «Não percebo nada disto, de tudo o que se está passando no mundo. [...] Agora, pelo menos por algum tempo, quem manda é o proletariado, é o povo, é a plebe, é a internacional!... O mundo deu uma volta completa... Mas não pense no mundo que é o melhor que tem a fazer.»
- 15 «[...] eu não posso deixar de escrever para poder viver. Mas chegou o limite final, sinto-me desfazer, sinto-me morrer, faltam-me de todo as forças, físicas e morais.»

Fevereiro

- 5 Informa Simões Pires de que mal pode andar.

Março

- 9 Sobre o *Relance da Alma Japonesa*, escreve: «[...] é o menos mau de todos os meus livros, se razões de outra ordem não me levassem a confessar que ele é o mais péssimo de todos os meus livros.» Lamenta os erros do editor e os seus, «devidos principalmente à agitação louca com que ia escrevendo, sem reparar em nada. [...] É uma condenação formal da minha actual capacidade mental.»

Junho

- 8 Lamenta a «exploração comercial» a que os seus livros estão sujeitos: «Agora tornaram-se assunto corriqueiro de jornais, de revistas. Os editores tratam de ganhar alguns escudos com eles; o público finge que lê e que gosta, mas é tudo fantochada. Não tenho prazer com os livros que publiquei.» Pondera ainda: «[...] Eu sou inadaptável ao século XX. Mas olhe que também o era ao século XIX. Eu nasci sem aptidões para a vida, vivi sempre uma meia demência que me afasta de ser feliz; e quando, na metade da existência, comecei a escrever para o público, ainda a má sorte me perseguiu.»

Agosto

- 13 Aconselha Francisco Chedas a «lutar-se de toda a politiquice que pulula» em Moçambique.

Setembro

- 4 Comunica ao seu amigo Chedas que recusou a proposta de republicação de vários dos seus livros feita pelo seu editor. Em contrapartida ofereceu-lhe a hipótese de publicação das cartas do Japão publicadas em *O Comércio do Porto*, que ainda não tinham sido coligidas em livro.
- 23 Confessa que já nem sequer alre os jornais que recebe: «Nada me interessa já». Manifesta-se contra as touradas de morte, recentemente restabelecidas em Portugal.

Novembro

- 2 Afirma não tolerar os autores modernos por se «achar muito fora da época».
- 23 Comunica à irmã Francisca que o seu gato morreu, depois de intenso sofrimento. Diz ainda: «Eu não posso viver sem um gato, ou antes uma gata. Adoro estes animais. [...] Depois de morrer o meu gato, os poucos dias que estive sem o bicho, foi uma desgraça!»

1928

Janeiro

- 13 Queixa-se do reumatismo que o tolhe. A solidão dói-lhe: «Falo com a velha que me vende os ovos, ou o peixe, e mais ninguém.»
- 14 A pedido de um japonês, traça sobriamente o seu currículo.

Março

Passa todo o mês de cama.

Maio

Avoluma-se o sofrimento devido à saúde precária. Tem dificuldade em escrever, tendo-se a sua letra tornado de difícil leitura.

Setembro

Sofre da vista.

Neste ano foram publicados os três últimos volumes das *Cartas do Japão*.

1929

Maio

Manda à irmã Francisca um retrato em que está acompanhado da enfermeira, da criada e de três pessoas da vizinhança.

Junho

Escreve uma curta carta a Alfredo Dias Branco: «Estou doente. Mal posso escrever».

Julho

- 1 De madrugada, sentindo-se sequioso, vem ao jardim para beber água do poço. Devido à escuridão, tropeçou num degrau e bateu com a cabeça numa pedra, de que resultou a sua morte. No seu quarto foram encontrados três papéis, com as seguintes frases em Português, Japonês e Inglês: «Em caso de minha morte é meu desejo que o meu corpo seja cremado (sujeito a cremação) em Tokushima. Tokushima, 29 de Julho de 1913. Wenceslau de Moraes».
- 2 Depois de cremado, as suas cinzas são sepultadas junto das de Ko-Haru, no cemitério de Tokushima. A sua vontade era ser sepultado com O-Yoné, mas a família desta recusou. A imprensa japonesa relata com consternação o seu falecimento.

1933

A Casa Ventura Abrantes dá à estampa *Osoroshi*, reunião das cartas dirigidas a Alfredo Dias Branco.

Jaime do Inso publica *Visões da China*, volume que inclui a transcrição de 34 cartas do escritor.

Foi publicada a 2.^a edição de *O Culto do Chá*.

1935

Julho

Falecimento de Maria Isabel dos Santos.

1936

Maio

O *Diário de Notícias* informa que a cidade de Tokushima vai erigir um museu evocativo da memória de Wenceslau de Moraes e fazer um filme sobre a sua personalidade.

1937

A Editorial Labor publica o livro de Ângelo Pereira e de Oldemiro César *Os Amores de Wenceslau de Moraes*.

1938

Editado pela Empresa Literária Fluminense, sai a lume a segunda edição do livro *Paisagens da China e do Japão*.

1939

Em data não especificada da década de 30, o filho não autoriza a republicação da obra de Wenceslau de Moraes, por considerar que os direitos que lhe propunham eram exíguos.

1942

É publicada a tradução japonesa do *Dai-Nippon* de *O Culto do Chá*. A referida tradução foi feita por Tomizo Hamano.

1944

Com prefácio de Ângelo Pereira e de Oldemiro César, são publicadas as *Cartas Íntimas de Wenceslau de Moraes*.

1946

Segunda edição de *Traços do Extremo Oriente*, com prefácio de Ângelo Pereira e de Oldemiro César.

1954

Comemorando o centenário do nascimento do escritor, Petrus publica uma série de folhetos sob o título genérico *Lembranças do Passado... e Memórias da minha Vida*.

1955

Danilo Barreiros publica o seu estudo *A Patção Chinesa de Wenceslau de Moraes*.
A Sociedade de Geografia de Lisboa promove a comemoração do centenário do nascimento do escritor e publica *Wenceslau de Moraes: no seu Primeiro Centenário*.

1956

Armando Martins Janeira publica uma biografia fundamental para a compreensão da sua obra: *O Jardim do Encanto Perdido*.

1961

É publicado o volume *Cartas ao seu Amigo Policarpo de Azevedo Escritas de Tokushima entre 1914 e 1927*.

1963

O Embaixador Armando Martins Janeira publica o *Peregrino*.

1966

Alfredo Motta publica *Wenceslau de Moraes e os seus Trabalhos Literários* e Armando Martins Janeira *Um Intérprete Português do Japão — Wenceslau de Moraes*.

1969

O número de Julho da revista *Ocidente* é-lhe dedicado na íntegra.

É publicada em Tóquio, em seis volumes, a tradução japonesa da obra completa de Wenceslau de Moraes.

1971

É publicada a terceira edição dos *Traços do Extremo Oriente*.

Armando Martins Janeira organiza e prefacia uma antologia intitulada *Wenceslau de Moraes*, sob a chancela da Portugalina Editora.

1972

Sai a lume a segunda edição do *Relance da História do Japão*.

1973

A Parceria A. M. Pereira publica a segunda edição de *Os Serões no Japão* e do *Relance da Alma Japonesa*.

1976

É inaugurado o Museu de Wenceslau de Moraes em Tokushima.

1977

Segunda edição do primeiro volume das *Cantos do Japão*.

1979

Kasuo Okamoto traduz para Inglês *O -Bon-Odori- em Tokushima*.

1982

Paulo Rocha realiza *A Ilha dos Amores*.

1983

Vem a lume a quarta edição do *Dai-Nippon*.

Paulo Rocha apresenta o documentário *A Ilha de Moraes*.

1985

A Lello e Irmão republica *A Vida Japonesa*.

1987

O Instituto Cultural de Macau publica a terceira edição de *O Culto da Cbd*.

José Ruy ilustra as *Lendas Japonesas de Wenceslau de Moraes*.

1988

É publicado o livro *Do Kansai a Shikoku. Traços da Última Jornada de Wenceslau de Moraes*, recolha de correspondência comentada e anotada por Jorge Dias.

1989

Com o apoio da Sociedade Tokushima-Portugal e da Kokusai Koryu Kyokai, a Câmara Municipal de Tokushima adquire à sobrinha de Wenceslau de Moraes 37 espécimens bibliográficos.

Setembro

É realizada uma exposição no Palácio das Galveias em Lisboa, sob o título genérico «Dois Peregrinos Portugueses no Japão: Armando Martins Janeiro e Wenceslau de Moraes».

Outubro

A Embaixatriz Ingrid Böser Martins oferece ao Museu de Wenceslau de Moraes em Tokushima o espólio que pertencera ao marido, Armando Martins Janeiro.

O Instituto Cultural de Macau inaugura uma exposição bibliográfica na Universidade de Sofu em Tóquio, comemorativa do sexagesimo aniversário do falecimento de Wenceslau de Moraes.

É publicado no Japão *O Tōme to Ko-Hara*, com tradução de Takako Okamura.

1990

A editora Livros do Oriente publica a segunda edição de *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes* de Danilo Barenho.

1991

Junho

O jornal do Porto *Letras e Letras* dedica-lhe integralmente um número.

A Biblioteca Municipal de Tokushima homenageia Wenceslau de Moraes com uma exposição bibliográfica.

A JRT, estação de televisão japonesa, filma um documentário acerca da sua personalidade.

Helmut Feldmann publica *Wenceslau de Moraes e o Japão*.

1993

Janeiro

A estação japonesa NHK rodia um filme sobre a sua obra.

Março

A companhia de teatro «Maizumi» leva à cena «O Senhor Portugal em Tokushima», peça que Paulo Rocha filmou.

A editorial Vega republica a antologia *Wenceslau de Moraes*, organizada por Armando Martins Juncira.

É publicado o volume *Contos do Extremo Oriente*, prefaciado e anotado por Daniel Pires, edição da Fundação Oriente.

Jorge Dias prefacia e organiza *Wenceslau de Moraes: mistérios do crânio nipónico*.